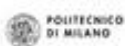




# **PARTICIPATION IN PLANNING AND PUBLIC POLICY**

IV Conference of Regional and Urban Planning  
International Conference  
of «Community Participation in Planning»  
Erasmus+ Project

Aveiro, 23th and 24th February

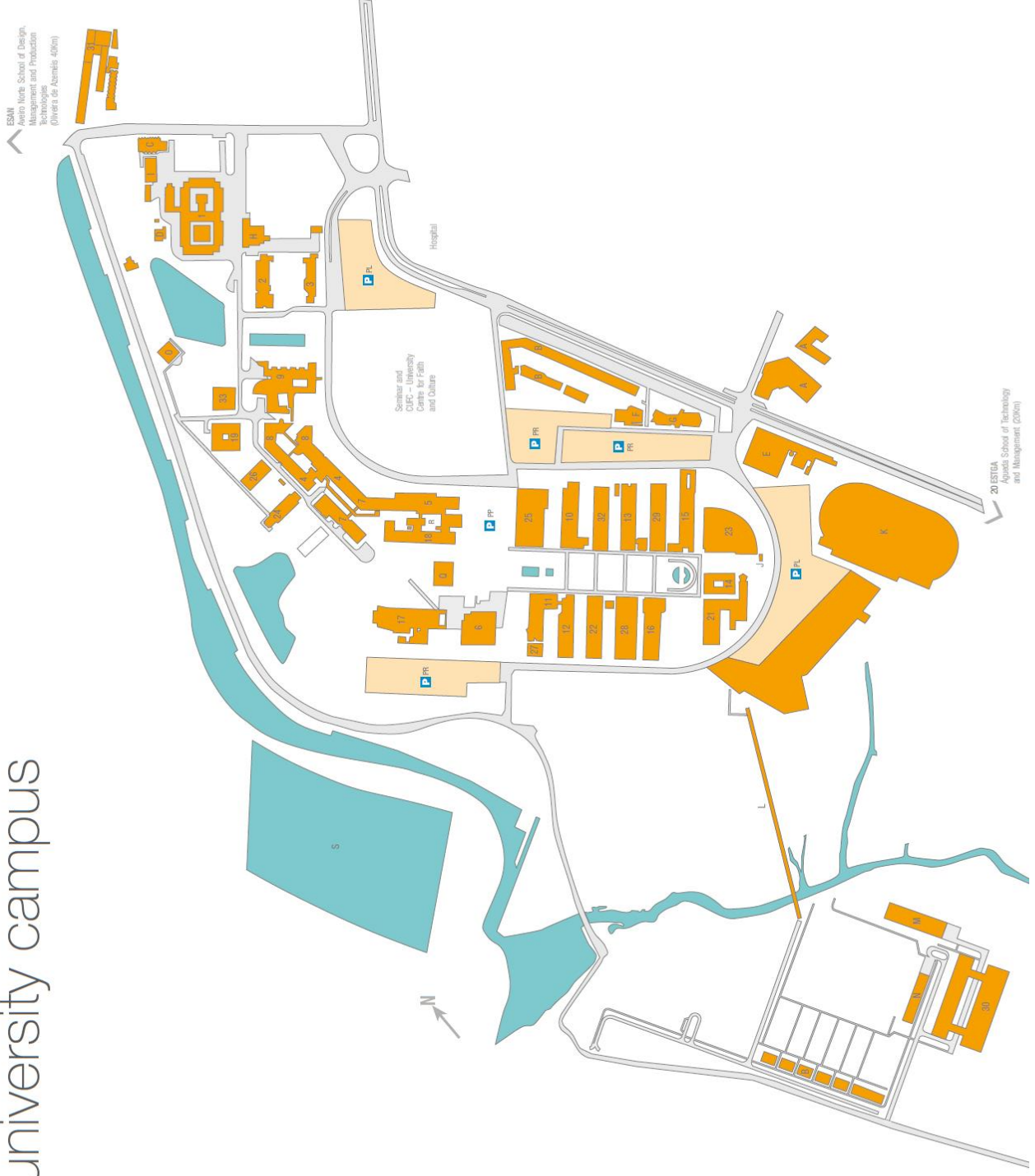


universidade de aveiro  
unidade de investigação em governança,  
competitividade e políticas públicas

# Welcome to University of Aveiro



# university campus



- 1 ICT Services; UIMAE – Association for Professional Training and Research of the University of Aveiro; UNIFOC – Integrated Unit of Continuing Education, Kindergarten and Day Care Centre; CESAE; Business Incubator of the University of Aveiro
  - 2 Department of Languages and Cultures
  - 3 CCSAM – Centre for Environmental and Marine Studies; CICEO – Centre for Research in Ceramics and Composite Materials; TEMA – Center for Mechanical Technology and Automation
  - 4 Department of Electronics, Telecommunications and Informatics
  - 5 Department of Education, Media Library; UNTEC – Technology Transfer Unit of the University of Aveiro
  - 6 Student Welfare Services; Santiago Carrión; Post Office; Bank; Parapharmacy; Printing Centre; Bookstore; Snack Bar; AALUM – Students Union Helpdesk and Shop
  - 7 Department of Environment and Planning
  - 8 Department of Biology
  - 9 Department of Materials and Ceramics Engineering
  - 10 Department of Economics, Management and Industrial Engineering
  - 11 Department of Mathematics
  - 12 Department of Social, Political and Territorial Sciences
  - 13 Department of Physics
  - 14 Central Testing Laboratory
  - 15 Department of Chemistry
  - 16 Department of Geosciences
  - 17 Library; Library, Document Management and Museology Services; Hélène de Beauvoir Exhibition Room
  - 18 Department of Education
  - 19 IT – Telecommunications Institute
  - 20 ESTGA – Agda School of Technology and Management (20km)
  - 21 Department of Communication and Art
  - 22 Department of Mechanical Engineering
  - 23 Pedagogical, Scientific and Technological Complex
  - 24 EETA – Aveiro Institute of Electronics and Telematics Engineering
  - 25 Recreote Building – Recreate, Administration, Academic Management Services; Technical and Logistical Management Services; Human Resources and Financial Management Services; Communications, Image and Public Relations Services
  - 26 Department of Biology – Herbarium and training labs
  - 27 ICT Services
  - 28 Department of Civil Engineering
  - 29 Technological Laboratories Complex
  - 30 ESSIA – Health School; Autonomous Section of Health Sciences
  - 31 Fabbrica – Living Science Centre; FmaIE – Mathematics Education Project; Business Incubator of the University of Aveiro
  - 32 Interdisciplinary Complex of Physical Sciences applied to Nanotechnology and Oceanography
  - 33 Building of Robotics, Optical and Radio Communications
- A ISCA-LIA – Aveiro Institute of Accounting and Administration
  - B Student Halls of Residence
  - C Professor, Staff and Post-graduate Student Halls of Residence
  - D IDAD – Institute for the Environment and Development
  - E Aristides Hall Sports Pavilion
  - F Snack-Bar; Self-Service; University Restaurant
  - G Day Care Centre and Kindergarten
  - H CCSAM – Centre for Environmental and Marine Studies
  - I GRETUA – University of Aveiro Experimental Theatre Group
  - J Water Tower
  - K Athletics Track
  - L Footbridge
  - M Costa Carrión Complex
  - N Students Union; AALUM – Academic Association of the University of Aveiro
  - O Weather Station
  - P PL – Free Parking Spaces; PR – Restricted Parking Spaces
  - Q Library and Exhibition Room; Centre for Jazz Studies
  - R Science Garden
  - S Santiago da Ponta Salgão



## Índice

S1-PS1 Self-organization in planning/Tactical Urbanism .....	7
S1-PS2 Governance in Spatial Planning .....	11
S2 - PS 3 Governance in Spatial Planning .....	18
S1 - PS 4 Public Participation in Spatial Planning .....	23
S1 - PS5 Collaborative Planning, Participation, Collective Evaluation and Decision Making Process .....	32
S1 - PS 6 Participation: Organizations, Experiences and Research Networks.....	36
S2 - PS 7 Public Participation in Spatial Planning .....	40
S1 - PS 8 Environment and Participation .....	47
S2 - PS 9 Collaborative Planning, Participation, Collective Evaluation and Decision Making Process.....	52
S2 - PS 10 Self-organization in planning/Tactical Urbanism .....	56
S3 - PS 11 Governance in Spatial Planning .....	61
S3 - PS 12 Self-organization in planning/Tactical Urbanism .....	65
S3 - PS 13 Public Participation in Spatial Planning.....	69
S3 - PS 14 Collaborative Planning, Participation, Collective Evaluation and Decision Making Process .....	75
S2 - PS 15 Participation: Organizations, Experiences and Research Networks .....	79
S2 - PS 16 Environment and Participation .....	84
S4 - PS 17 Governance in Spatial Planning .....	91
S4 - PS 18 Public Participation in Spatial Planning.....	95
S4 - PS 19 Self-organization in planning/Tactical Urbanism .....	100
S4 - PS 20 Collaborative Planning, Participation, Collective Evaluation and Decision Making Process .....	105
S5 - PS 21 Self-organization in planning/Tactical Urbanism .....	108
POSTERS.....	114



# Programme Overview

		23th				24th			
		morning	afternoon			morning	afternoon		
	09:00	registration (DAO - B 7)							
	09:30	opening session							
	10:00	plenary session I				plenary session III			
	10:30	plenary session II							
	10:45								
	11:15								
tematic	S - Session nº by theme; PS - parallel sessions nº								
	11:45	14:30	15:45	17:15	11:00	12:00	14:00	15:15	
Self-organization in planning/Tactical Urbanism	S1 - PS 1			S2 - PS 10	S3 - PS 12			S4 - PS 19	S5 - PS 21
Governance in Spatial Planning	S1 - PS 2	S2 - PS 3			S3 - PS 11			S4 - PS 17	
Public Participation in Spatial Planning		S1 - PS 4	S2 - PS 7			S3 - PS 13			S4 - PS 18
T4 - Collaborative Planning, Participation, Collective Evaluation and Decision Making Process				S1 - PS 5	S2 - PS 9			S3 - PS 14	S4 - PS 20
T5 - Participation: Organizations, Experiences and Research Networks				S1 - PS 6			S2 - PS 15		
Environment and Participation					S1 - PS 8			S2 - PS 16	
Participatory Democracy									

## Absctracts

23 February 2017 (Thursday)

### S1 – PS1

11:45 Parallel Session 1 (1h15m) 4 presentations (15 min each + 15 min debate)

Department of Environment and Planning (DAO)

#### Self-organization in planning S1

<i>Casa Fora de Casa: táticas urbanas e práticas no espaço público</i>	Ana Carolina C. Farias * André P. V. C. Gonçalves * *Sobreurbana
<i>A ativação urbana enquanto estratégia geradora de cidade</i>	Luís Manata* Madalena Corte-Real* Maria João Gomes* * Cics.Nova – Lisboa Marianna Monte, Dinamia'cet – Lisboa
<i>Considerações acerca do urbanismo tático – possibilidades de compreensão e práticas</i>	Laura Benevides, Universidade Salvador - UNIFACS Angela M. de Magalhães, International Universities, Salvador, Bahia
Chair: José Carlos Mota	

### S1 – PS2

11:45 Parallel Session 2 (1h15m) 4 presentations (15 min each + 15 min debate)

UA Book store Auditorium

#### Governance in Spatial Planning S1

<i>Significantes vazios e empresariamento urbano - a necessidade da marca para os lugares</i>	Krishna Naira de Sousa Azevedo, DCSPT-UA Arthur Filipe Barbosa de Araújo, GOVCOPP-UA
<i>Contradições e inovações das experiências de autogestão habitacional no Brasil</i>	Camila Moreno de Camargo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, Brasil
<i>Governança regional e inovação social</i>	Catarina Isabel Pimpão Lucas, CICS:NOVA-FCSH,UNL
<i>A inovação social em interface com a RIS3: estudo sobre políticas estratégicas de desenvolvimento em organizações da economia social</i>	Bernadete de Lourdes Bittencourt, GOVCOPP –UA Artur da Rosa Pires, GOVCOPP –UA Luciana Francisco de Abreu, Núcleo de Pesquisa e Extensão em Inovação Social na Esfera Pública (NISP)
Chair: Artur Rosa Pires	

## Casa Fora de Casa – Táticas Urbanas Práticas no espaço público

Ana Carolina C. Farias - Mestranda na Universidade Federal de Goiás / Diretora de  
Projetos na Sobreurbana / Goiânia, Brasil. Contato  
carol@sobreurbana.com

André P. V. C. Gonçalves - Diretor de Projetos na Sobreurbana / Goiânia, Brasil

### RESUMO

O agravamento dos problemas urbanos e a progressiva afirmação dos valores individualistas do mundo contemporâneo tem provocado reações visíveis nos espaços públicos de muitas cidades, que encontram na arte e no engajamento cívico suportes para uma reinvenção da cidade enquanto uma construção verdadeiramente coletiva e orientada para o uso comum. O alcance da comunicação globalizada tem partilhado, nas últimas décadas, diversas experiências de práticas sociais criativas que reivindicam os espaços públicos das cidades. Essas práticas promovem, no fundo, um maior envolvimento e uma participação mais verdadeira das pessoas nos processos de construção de espaços públicos. Diversos autores já a partir de meados do século XX têm denunciado a insuficiência da instituição do planeamento urbano (NESBITT, 2008) na promoção do acesso e partilha do bem comum. Debord e os Situacionistas propuseram, no contexto dos movimentos de contracultura entre as décadas de 1950 e 1970 uma prática urbanista mais participativa, no sentido de se utilizar da cidade atual para a construção da cidade futura (JACQUES, 2003). Os estudos de Certeau (1998) sobre as táticas do cotidiano são importantes referências para o que é chamado hoje de Urbanismo Tático – práticas sociais criativas realizadas por cidadãos que de formas diversas resistem às investidas estratégicas do poder dominante e a ele contrapõem ações de baixo investimento mas com alto impacto no sentido de ampliar o acesso, a significação e o valor de uso dos espaços públicos. Tais práticas são importantes experiências para a atualização dos processos de projeto urbano, de planeamento e gestão dos territórios. Nesse sentido, a Sobreurbana, um estúdio de intervenções urbanas sediado em Goiânia, no centro do território brasileiro, busca estimular a imaginação das pessoas e envolvê-las em processos criativos que reposicionem seus desejos na efetivação da vida urbana e na construção dos espaços públicos. Este artigo vai demonstrar a experiência de seu mais recente projeto, *Casa Fora de Casa – Táticas Urbanas*, que recorreu a oficinas artísticas e a ferramentas de *placemaking* e de *design thinking* enquanto táticas para envolver as pessoas num processo de produção de ideias e de intervenções em espaços públicos. Nesta primeira edição o projeto atuou na escala do bairro, especificamente o Setor Sul, em Goiânia, concebido segundo o modelo de cidade-jardim, e que possui em seu interior uma extensa malha de áreas verdes destinadas ao convívio social e mobilidade para pedestres, mas que historicamente permaneceram subutilizadas. O projeto possibilitou a interação entre vizinhos, a conexão entre eles e algumas formas associativas já existentes em prol do bairro, e executou diversas intervenções em quatro pontos das áreas verdes e públicas do Setor Sul, tais como: o plantio de uma horta urbana comunitária, a construção de mobiliário urbano temporário, a criação de rotas e sinalização, arte urbana de diversas linguagens e a realização de momentos festivos para celebrar os resultados alcançados. Construídas coletivamente, essas intervenções expressam na paisagem local os desejos dos participantes por espaços públicos mais inclusivos, tolerantes, responsivos e vibrantes. Acredita-se que práticas como essas são importantes experiências para aproximar o trabalho do urbanista à cidade real, estimular a cidadania ativa e construir melhores processos participativos em planeamento e projeto urbano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Urbanismo Tático, Placemaking, Design Thinking, Espaços Públicos, Processos de Projeto, Casa Fora de Casa.



## A activação urbana enquanto estratégia geradora de cidade

*Luís Manata (Cics.Nova - Lisboa)*  
*Madalena Corte-Real (Cics.Nova - Lisboa)*  
*mcortereal@sapo.pt*  
*Maria João Gomes (Cics.Nova - Lisboa)*  
*Marianna Monte (Dinamia'cet - Lisboa)*

### RESUMO

A cidade enquanto plexo geográfico e social dinâmico é realizada de acordo com a sua forma e sobretudo o seu uso. O uso continuado e de proximidade do espaço público, em particular da rua e o uso caminhado ou/e não automobilizado surge enquanto força agregadora, reativa à cidade do tecido urbano hiperespecializado. Diferentes intervenções urbanas, ao nível social, do edificado ou do espaço público podem retrair ou estimular a cidade enquanto espaço realizado, produzido socio-espacialmente. Citam-se como exemplos entre-usos como hortas urbanas e a ocupação de espaços obsoletos, a criação de zonas pedonais ou arte urbana que pode ter profundas consequências na leitura e uso do espaço. Pretende-se assim, com este artigo, focar o conceito de activação do território, abordando de um modo conceptual a sua potencialidade, as suas vantagens e os seus riscos. Neste contexto importa considerar o papel dos “space pioneers” na redefinição territorial através de iniciativas que desencadeiam novas dinâmicas e atraem novas populações para viver, visitar e investir. Estes interventores têm tido um papel fundamental em zonas históricas da cidade de Lisboa com impactos evidentes na forma como estes territórios são percebidos, desencadeando novas centralidades de lazer, crescente presença de visitantes e consequente direccionamento do comércio e imobiliário para essa mesma população. Para além do centro histórico da cidade de Lisboa também em territórios mais periféricos da Área Metropolitana de Lisboa têm surgido iniciativas que procuram atrair novos públicos, reduzir o estigma e criar novas potencialidades. Neste âmbito, tendo por base a análise de transformações espaciais, consideram-se ações na zona histórica da cidade de Lisboa e discute-se o modo como estas redefiniram ou não os territórios e a cidade. Paralelamente analisam-se intervenções em zonas nas margens da cidade e outros territórios da AML e perspetivam-se iniciativas que se julga possam servir de catalisadoras para despoletar novas iniciativas e criar novas propostas turísticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Activação do Território, Produção e Reprodução do Espaço, “Space pioneers”.



## Considerações acerca do urbanismo tático – possibilidade de compreensão e práticas

*Laura Benevides, Universidade Salvador/UNIFACS – Laureate International Universities, Salvador, Bahia – Brasil.*

*laurabenevidescarneiro@gmail.com*

*Profa. Angela M. de Magalhães, Universidade Salvador/UNIFACS – Laureate International Universities, UNIFACS, Salvador, Bahia – Brasil.*

*angela.magalhaes@unifacs.br*

### RESUMO

Este artigo é resultado parcial de uma pesquisa realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica da UNIFACS. Trata-se de pesquisa de caráter bibliográfico que se debruça na investigação conceitual do fenômeno do urbanismo tático, a partir do levantamento do estado da arte e do reconhecimento de algumas táticas urbanas desenvolvidas no Brasil (Praia da Estação, A Batata Precisa de Você, Praias do Capibaribe e A Cidade Precisa de Praias) com o objetivo de pensar o desenvolvimento de uma tática urbana em um espaço público da cidade de Salvador. Nossas cidades têm sido o reflexo de um planejamento urbano com forte influência modernista que se sujeita aos mercados financeiro e imobiliário e que impõe espaços públicos fragmentados e segregados, apartando as pessoas desse processo – um alerta feito por vários pensadores, desde a década de 60, como Jane Jacobs, em *Morte e Vida das Grandes Cidades*, e os Internacionais Situacionistas, na emblemática figura de Guy Debord. Contudo, há ainda quem defenda e pratique um planejamento urbano top down, submetido a um grupo minoritário que se coloca como detentor de um saber e que determina e controla ações urbanas na produção e reprodução da cidade, com precária ou, na maior parte das vezes, ausência de participação da população. Diante da complexa e dinâmica realidade urbana que vivemos, promover um urbanismo bottom up, mais crítico e participativo, cria possibilidades de (re)humanização dos espaços públicos, através de sua apropriação e constante resignificação. O que significa planejar as cidades coletivamente, com sentimento de pertencimento respeitando as pessoas, seus desejos, demandas e afetos. No contexto do urbanismo contemporâneo, há uma tendência de resgate da escala humana e de uma maior participação da comunidade nas intervenções urbanas e nos destinos das cidades. Em todo o mundo, cidadãos insatisfeitos com o planejamento urbano impositivo, num quadro de restrição crescente dos espaços democráticos, têm se movimentado na busca por melhorias na qualidade de vida e são cada vez mais frequentes intervenções desenvolvidas por aqueles que vivenciam e percebem seus espaços públicos. Diversas nomenclaturas têm surgido dentre as quais a do “urbanismo tático”, definido preliminarmente como um projeto de baixo custo, rápida construção e efêmero. Para alguns, com grande potencial para provocar transformações sócioespaciais, uma vez que, através de suas intervenções e ativações pontuais dos espaços públicos (acupuntura urbana) permite ao planejamento de longo prazo uma fase de experimentação. Constituiria-se assim, como uma oportunidade para se analisar cuidadosamente aquele contexto e as transformações ali provocadas por aquela ação. Nesse sentido, pode-se economizar recursos (principalmente em ações que se mostrariam ineficientes) e promover/fortalecer a construção da cidadania. Também é preciso refletir como se dá essa autogestão e autoprodução dos espaços públicos (que caracterizam o urbanismo tático), frente ao desenvolvimento capitalista das cidades. Ou seja, de que maneira a emergência destes fenômenos legitimam um discurso liberal de Estado mínimo, o qual se mostraria incapaz de oferecer e gerir serviços e bens coletivos, produzindo uma constante privatização desses bens. Trazer a discussão desse fenômeno para a academia, de forma mais consciente, crítica e operativa é importante para possibilitar a formação de

profissionais com maior envolvimento com a cidade e seu cotidiano. Dessa maneira, espera-se contribuir com a reflexão crítica sobre o potencial e limites dessas iniciativas urbanas que possam viabilizar a construção de espaços coletivos, a partir da participação e trocas entre diversos saberes e agentes sociais, sejam eles urbanistas, artistas, planejadores, técnicos e o próprio cidadão comum. Afinal, uma população constituída em uma cidadania baseada na potência da ação, pode apontar para a reprodução de cidades igualitárias e justas, com forte caráter coletivo e criativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Urbanismo Tático, Participação, Saberes, Acupuntura Urbana.

## Significantes vazios e empresariamento urbano – a necessidade da marca para os lugares

*Krishna Naira de Sousa Azevedo. Universidade de Aveiro / DCSPT, Aveiro, Portugal.*

*krishna.naira@ua.pt*

*Arthur Filipe Barbosa de Araújo. Universidade de Aveiro/ GOVCOPP, Aveiro, Portugal.*

*arthurfilipearaujo@gmail.com*

### RESUMO

Não é novidade que o interesse do capital não está voltado para atender às necessidades de todos os cidadãos, e sim para sua acumulação e reprodução. Neste estudo, esta lógica será demonstrada a partir de dois conceitos-chave: Empresariamento Urbano e Significante Vazio. Para corroborar como se tenta traduzir e difundir essa lógica na sociedade, usar-se-á o conceito de Cidades Criativas, que carrega consigo a construção e reconstrução do que se convencionou chamar globalmente de city marketing. Tal tendência é constatada inclusive em algumas cidades brasileiras, como tentativa de inseri-las, de forma competitiva, nos espaços econômicos globais. Para fins pedagógicos de embasamento desta dialética, fez-se uma breve coletânea de reportagens, de modo a reafirmar a tentativa brasileira de auto-afirmação de um país detentor de cidades ditas criativas, que abre precedente para interpretações alinhadas à lógica de gestão pública apresentada no decorrer do artigo. Entende-se que uma análise deste cunho assume o desafio de fazer uma releitura das práticas de gestão pública, elencando novos conceitos, como termo “Cidades Criativas”. Termo este que surge a partir de uma busca de atração de divisas, ou seja, uma marca, tal qual uma empresa busca para se estabelecer no mercado. Deste modo, conclui-se que estes tipos de chancela são impostas pelo mercado competitivo e incorporado ao discurso governamental, para então terem suas consequências debatidas na Academia. Nesta linha de raciocínio, o “termo Significante Vazio” entra como base para compreender os conceitos expostos, e não aceitá-los como panaceia, como feito em mídias e relatórios governamentais e em órgãos do terceiro setor. Desta forma, foca-se em como lidar com estas marcas impostas de maneira que os impactos inerentes atinjam beneficentemente todas as parcelas da sociedade. Neste contexto, a intenção deste trabalho não é criticar negativamente a lógica utilizada pela administração pública, e sim entendê-la. Isto significa que os conceitos expostos foram eleitos para ilustrar pedagogicamente este acontecimento. Portanto, espera-se que este artigo sirva de estudo introdutório para temas que busquem desvendar e decodificar o papel das novas políticas e instrumentos que fazem frente a estes fenômenos, bem como compreender a maneira como são construídos os mecanismos que cobiçam legitimá-las.

**PALAVRAS-CHAVE:** Empresariamento Urbano, Significante Vazio, Cidade Criativa, Brasil, *City Marketing*.

## Contradições e inovações das experiências de autogestão habitacional no Brasil

Camila Moreno de Camargo

Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo,  
São Carlos, SP, Brasil.

[cmcamargo.urb@gmail.com](mailto:cmcamargo.urb@gmail.com)

### RESUMO

O artigo analisará aspectos da produção habitacional de interesse social vinculada à modalidade “Entidades” do programa habitacional brasileiro Minha Casa Minha Vida onde as associações, cooperativas e outras entidades sociais podem se colocar como atores diretos da produção: selecionando e organizando as famílias, contratando diretamente os projetos e discutindo-os com os futuros “beneficiários”, assumindo a responsabilidade pela gestão da obra, seja por meio da contratação de construtoras, seja pela compra de materiais e mão-de-obra em empreitadas, seja pela participação direta das famílias nas obras, com trabalho em mutirão. Parte-se da constatação de que o desenho operacional do programa e o contexto de sua implementação apontam para novos arranjos e relações institucionais entre esferas de governo, agentes financiadores, construtoras, entidades organizadoras sem fins lucrativos e assessorias técnicas; e entre esses agentes e os beneficiários do referido programa, os futuros usuários do produto habitacional e urbano. A pesquisa revela que os dados oficiais produzidos pelo governo não são capazes de demonstrar os processos longos, morosos e cheios de percalços por que as entidades passam até que os empreendimentos sejam contratados. Apesar de se tratar de uma produção ínfima em termos quantitativos, a presença e permanência dessa modalidade tem uma dimensão política paradigmática, apoiando-se na tradição de políticas habitacionais autogestionárias, envolvendo os mais representativos movimentos de luta por moradia e reforma urbana do Brasil. Inscreve-se, por este ângulo, em um percurso histórico calcado por estes movimentos sociais urbanos em torno de um programa de âmbito federal que disponibilizasse recursos e fosse estruturado a partir das práticas de autogestão e de um conjunto de questões formuladas em dois momentos de debates que envolveram sua prática: o primeiro, situado nas décadas de 1970/1980, no momento em que várias pesquisas procuravam construir novas formas de representação da cidade periférica a partir das práticas de autoconstrução, concomitante à emergência dos movimentos sociais urbanos que se consolidavam a partir das influências de uma vertente libertária da igreja católica e de um conjunto de experiências em curso em outros países da América Latina; o segundo, de avaliação das experiências emblemáticas de produção habitacional através de procedimentos autogestionários desenvolvidas, sobretudo, no estado de São Paulo. Será a partir deste acúmulo de experiências e formulações que o programa MCMV Entidades será reivindicado já no contexto de ascensão de Lula e do Partido dos Trabalhadores ao governo federal, com os quais todos os movimentos nacionais de luta por moradia, de alguma forma, estabelecem relações de proximidade política e composição de governo. Nesse contexto, lançando mão de um espectro mais amplo da autogestão habitacional recente, onde se revelam formas associativas e atuações diversas, o MCMV Entidades apresenta-se bastante emblemático. Isto porque cruza a produção do espaço urbano e da moradia com consequências perversas para o processo de consolidação e expansão de novas fronteiras periféricas, em um contexto de novas precariedades e formas de pobreza, bem como velhos e novos modos de enquadrá-las, gerí-las e acomodá-las na dobra entre programas e políticas sociais. Também flagra o encolhimento e enquadramento da ação de movimentos, associações e lideranças no avesso da constituição de sujeitos políticos dotados de um horizonte de autonomia para a operação de um novo diagrama de relações entre produção de moradia e luta pela apropriação da cidade, assim como vínculos



complexos e limites porosos entre as práticas de entidades e movimentos ligados ao programa, o Estado e o mercado imobiliário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Habitação, Direitos de Produção e Consumo.

## Governança Regional e Inovação Social

*Catarina Isabel Pimpão Lucas, CICS:NOVA- FCSH/UNL  
catarinapimpao@gmail.com*

### RESUMO

O conceito de governança regional surge em vários domínios, inclusive, no universo académico, e até mesmo este já reconhece a importância de caracterizar e estudar as estratégias e as dimensões da governança. Certamente, porque a importância dessas estratégias, inclusive ao nível da parceira e proximidade de instituições e organismos, reforça a relevância dos esforços feitos no sentido de agir e pensar localmente e regionalmente sem no entanto esquecer o todo superior ou seja a dimensão nacional. Assim os complexos problemas que marcam as regiões e dificultam o avanço de um sistema de governança pedem novas estratégias, novas formas de gerir ou governar problemas comuns, respeitando as especificidades de cada região, e ou comunidade. Face a isto, a governança regional é compreendida não somente como uma contribuição do poder local, mas como uma qualidade desse poder na sua capacidade de enfrentar desafios, exigir soluções, combinar acções e equacionar problemas que afectam a região em particular. Apesar da importância das instituições regionais no processo de governança regional, reconhece-se que é necessária a existência de um trabalho desenvolvido em parceria com as estruturas de poder local a fim de facilitar a execução de tarefas comuns obtendo resultados mais eficazes e promovendo os princípios do direito da cooperação e da responsabilidade comum, mas diferenciada. Assim, nesta temática torna-se necessário compreender o significado dos conceitos de governança e inovação social, a fim de perceber o que são como surgem de forma a que posteriormente se possa analisar e avaliar a relação entre ambos e os seus impactos ao nível regional, a mudanças que provocam e as formas de implementar estes conceitos em territórios e contextos fechados e onde tradicionalmente estes conceitos encontram impedimentos à sua concretização. É prioritário estudar esta temática no sentido de procurar responder a algumas preocupações que têm surgido, nomeadamente os porquês do processo de governança ser aplicado se forma eficaz em alguma regiões e encontrar tamanha resistência noutras, como se implementa este processo nessas regiões resistentes, quais são os factores que despoletam a mudança. A ideia base da presente comunicação surge da necessidade de perceber, debater e enquadrar a questão das mudanças no sistema de governança e a sua interacção com os processos de inovação social. Desta forma nesta comunicação procura-se debater as seguintes questões: Como mobilizar a sociedade portuguesa para o processo de governança?; Quais os actores envolvidos e a envolver neste processo?; Que papeis desempenham e como os desempenham?; Que estratégias utilizam?; Impacto dos conceitos de inovação social e liderança em todo este processo? ; Será a liderança do processo de governança um factor que contribui para a implementação do mesmo ou contribui para a resistência?; Será que a implementação de um processo de governança é um factor de inovação social numa determinada região? Procuo também e acima de tudo lançar o debate que permita que outros que se preocupem com esta temática participem e que em conjunto consigamos obter mecanismos despoletadores de conhecimento. Procura-se conjecturar um modelo de governança ideal que permita, em regiões tradicionalmente fechadas a estes processos, construir um consenso organizacional entre os diferentes actores regionais, definindo objectivos comuns no domínio do desenvolvimento regional e uma visão única para a regional, facilitando não só o processo de liderança da região, como também a possibilidade de a transformar numa região socialmente inovadora ao encontrar respostas e soluções incomuns e em parceria para os problemas que preocupam os actores regionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Governança Regional, Inovação Social, Cooperação, Liderança, Desenvolvimento.

## A inovação social em interface com a RIS3: estudo sobre políticas estratégicas de desenvolvimento em organizações da economia social

*Bernadete de Lourdes Bittencourt, DCSPT, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal  
Investigadora, pós-doutoranda em Ciências Políticas, Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas (GOVCOPP)  
bernadete@ua.pt*

*Artur da Rosa Pires, DCSPT, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal  
Professor Catedrático e investigador, Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas (GOVCOPP)  
arp@ua.pt*

### RESUMO

Alguns estudos publicados pela Comunidade Europeia realçam a importância da Inovação Social com a Estratégia de Investigação e Inovação para uma Especialização Inteligente (RIS3) na construção de uma Economia Social e desenvolvimento do território sustentável (BEPA, 2011; Foray et al., 2012; Foray e Rainoldi, 2013; Rosa Pires et al., 2015; Richardson, Healy e Morgan, 2014). Por se encontrar em debate atual, a RIS3 fornece um quadro conceptual favorável à inovação social por possuir um conceito de inovação alargado, onde inclui e valoriza a inovação social no âmbito das políticas estratégicas (ENEI, 2014; Foray et al., 2012; Foray e Rainoldi, 2013; Rosa Pires et al., 2014; Richardson, Healy e Morgan, 2015). Esse ensaio tem por objetivo analisar como as dinâmicas de inovação social, à luz da RIS3, adaptadas a diferentes contextos, podem potencializar o emprego e bem-estar e contribuir para o desenvolvimento do território sustentável. A inovação social é identificada, por CE (2013a e 2013b), Fontan, Klein e Tremblay (2004), Hiller, Moulaert & Nussbaumer (2004), IGOT-UL (2015), como estratégia de desenvolvimento do território em três dimensões. Primeiro, a dimensão de conteúdo ao apresentar uma resposta original a necessidades humanas não satisfeitas, ou nem sequer identificadas como necessidades pelo mercado ou pelo Estado. A segunda, de processo, provoca alterações nas relações sociais no sentido de igualdade de oportunidades, da justiça social e da autonomia das pessoas, promovendo assim a inclusão e a coesão social. A terceira dimensão é identificada como de empoderamento: aumento da capacidade sociopolítica e acesso aos recursos necessários para reforçar os direitos para satisfação das necessidades e participação social coletiva às políticas públicas. Outros estudos identificam que a cooperação dos atores, em organizações de economia social, destaca a inteligência coletiva e a produção de conhecimento a partir da experimentação social que age em prol de mudanças pertinentes à dimensão da política pública, substanciando a territorialidade da inovação social (Fontan, Klein e Tremblay, 2004; Lévesque, 2008; MacCallum et al., 2009; Monzón e Chaves, 2012; Richardson, Healy e Morgan, 2015). Essa evidência, contudo, não é suficiente para compreender como a relação da inovação social em interface com a RIS3 pode ser aprofundada e alargada e se esta interligação pode agir como um catalisador para uma integração mais sistemática de políticas regionais de fomento e apoio à inovação social. Como a inovação social, à luz da RIS3, pode gerar dinâmica de bem-estar social; da sustentabilidade das suas ações em superar projetos locais e em escala (Pelka e Terstriep, 2016; Richardson, Healy e Morgan, 2015). Esse aspeto pede a cooperação para suportar a inovação social em todo o processo em que a contiguidade territorial permite a economia social a capacidade de adaptação às várias nuances do mercado (Klein et al., 2009; Lévesque, 2008; Monzón e Chaves, 2012). Parte-se do princípio que o território, um espaço de recursos, pode ser entendido como o fulcro da mobilização de atores coletivos e organizados que tomam decisões e são empreendedores e incita culturas cooperativas de inovação específicas, mas não isoladas ou independente de contextos mais amplos (Bellemare e Klein, 2011; CE, 2011; Fontan, Klein e Tremblay, 2004; Hiller, Moulaert e Nussbaumer, 2004; Madureira et al., 2013;

Moulaert et al., 2010]. Dessa interação plural pode resultar iniciativas de inovação social que se traduzem em capacidade de respostas (Spila, Luna e Unceta, 2016) e de adaptação no desenvolvimento de um mecanismo que visa dinâmicas de bem-estar social. Entende-se que essas iniciativas de inovação social podem mudar o conceito de políticas regionais em matéria de inovação (Moulaert e Mehmood, 2008; Rosa Pires et al., 2014; Richardson, Healey e Morgan, 2015).

**PALAVRAS-CHAVE:** Desenvolvimento Territorial Sustentável, Economia Social, Inovação Social, Políticas Públicas, RIS3.



**S2 - PS 3**

14:30 Parallel Session 3 (1h15m) 3 presentations (15 min each + 15 min debate)  
 Department of Environment and Planning (DAO)

**Governance in Spatial Planning S2**

<i>Improving stakeholder engagement in local strategic planning - experience sharing based on Portuguese examples</i>	Ana Lopes* Eduarda Fernandes* Ana Sargento* * Instituto Politécnico de Leiria
<i>South Brazil technological parks and its regional impacts</i>	Ágatha Depiné* Ingrid Santos Cirio de Azevedo* Vanessa Cardoso Santos Eleutheriou* Ana Cristina da Silva Tavares Ehlers* Clarissa Stefani Teixeira* * Federal University of Santa Catarina, Brazil
<i>It takes an orchestra to whistle a symphony: governance capacity in Portuguese intermunicipal associations</i>	Patrícia Silva, DCSPT - UA Joana Ferreira, National Association of Portuguese Municipalities (ANMP) Filipe Teles, DCSPT - UA
<i>Chair: Patrícia Silva</i>	

**S1 - PS4**

Parallel Session 4 (1h15m) 4 presentations (15 min each + 15 min debate)  
 UA Book store Auditorium

**Public Participation in Spatial Planning S1**

<i>Águeda, Cidade Inteligente... feita por pessoas e para pessoas</i>	Gil Nadais, Câmara Municipal de Águeda
<i>Participação em planeamento do território e políticas públicas - caso prático: o processo de planeamento estratégico de Vila Nova de Famalicão 2014-2025 "Famalicão Visão'25"</i>	Paulo Alexandre Matos Cunha, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão Francisco Jorge Freitas, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão António Batista
<i>Desafi(n)os da participação em planeamento</i>	Jan Wolf* Fernando Nogueira* Eduardo Castro* *DCSPT-UA
<i>Os desafios da construção participada de Sistemas de Indicadores de Desenvolvimento Sustentável ao nível local - o caso de Estarreja</i>	Sara Pires, UA
<i>Chair: Fernando Nogueira</i>	

## Improving stakeholder engagement in local strategic planning - experience sharing based on Portuguese examples

Ana Sofia Lopes<sup>a</sup>, Eduarda Fernandes<sup>a</sup>, Ana Sargento<sup>a</sup>

<sup>a</sup>*School of Technology and Management, CIGS (Management for Sustainability Research Centre), Polytechnic Institute of Leiria*

### ABSTRACT

Participatory local governance refers to any mechanism (more or less formal) that promotes the involvement of stakeholders in the public policy decision-making process. This broad notion comprises quite different forms of participatory mechanisms and comprehends distinct degrees of stakeholders' involvement – from weaker initiatives related to conveying information on public-policy decisions in more effective means, to stronger engaging processes in which stakeholders have an actual influence in the public policy decision. Participatory local governance can also be applied to different phases in public policy decision making, ranging from participatory planning to implementation, monitoring and evaluating. Current national and international context has triggered a fast dissemination of participatory governance initiatives, prompted by the expected benefits often referred and analyzed by academics, politicians and international institutions, namely: increasing local government responsiveness and accountability; getting a better match between public policy decisions and beneficiaries' preferences; acknowledging stakeholders' knowledge and expertise on different (local) matters; restituting public confidence on politicians; promoting informal knowledge transfer between participants; reinforcing citizens' capability to intervene and ensuring a greater stakeholders' commitment upon the decisions, contributing to a higher implementation success. Yet, there are also some recognized risks, which hinder a wider dissemination of participatory processes and/or lead to weaker results; these include: prolonged decision-making process, the risk of overstated stakeholders' expectations, the danger of privileging some specific groups of civil society, the lack of expertise and technical skills of stakeholders or the possible biased motivation of local authorities, aiming at a higher popularity instead of citizens' wellbeing. In this context, the main aim of this paper consists in sharing practice based experience on collaborative local strategic planning, highlighting specific methods that have been put in place by the authors to enhance stakeholders' engagement, trying to surpass some of the before mentioned limitations of participatory processes mechanisms. This experience was gained through the authors' participation, as an external and independent expertise team, in three Portuguese participatory local strategic planning processes (namely, with two Municipalities and one Local Action Group). The applied methods combine several group dynamics and problem solving tools, conducted by the external team. The methods shared in this paper allowed for the development of regional strategic plans, built by stakeholders, ensuring a high commitment with the planned objectives and actions. In two of the three cases analyzed, such plans were used to apply to regional policy instruments of European Structural Funds for the period 2014-2020, having been highly recognized by the Structural Funds managing authorities, thus resulting in the allocation of important funds to local entities, vital for territorial development. A preliminary evaluation of the strengths and weaknesses of the applied methods is provided, envisioned to support future similar initiatives. The collaborative methods have received an encouraging feedback, expressed both by the citizen representatives and local government actors, being the quality and diversity of the involved stakeholders, as well as the methodology applied by the expertise team, referred as its main strengths. Therefore, these can be considered good practice examples for achieving more effective means of local participatory mechanisms as they support debate groups independent from local authorities, promote equal

participation, knowledge sharing, new ideas and consensus reaching, building on local stakeholders technical skills. In sum, the applied methodologies contribute for a strong involvement of stakeholders and actual influence on public policy decisions.

**KEYWORDS:** Participatory Models, Local Strategic Planning, Collaborative Methods, Regional Development.

## South Brazil technological parks and its regional impacts

*Ágatha Depiné, PhD Student in Engineering and Knowledge Management <sup>a</sup>*  
*agathadepine@gmail.com*

*Ingrid Santos Cirio de Azevedo, Academic degree student in Accounting Sciences*  
*ingrid.cirio@gmail.com*

*Vanessa Cardoso Santos Eleutheriou, Master's degree student in Knowledge Engineering*  
*veleutheriou@gmail.com*

*Ana Cristina da Silva Tavares Ehlers, Academic degree student in Economic Sciences*  
*ana.cst.ehlers@gmail.com*

*Clarissa Stefani Teixeira, Post-Graduate Program in Engineering and Knowledge Management*  
*clastefani@gmail.com*

<sup>a</sup>*Federal University of Santa Catarina, Brazil – VIA Estação Conhecimento*

### ABSTRACT

Brazilian states are looking for strategies that will enhance the success of organizations and, consequently, encourage knowledge-based entrepreneurship. The conception of technology parks occurred in the 1950s, and its goal was to create an ecosystem of innovation where many people work in the same space developing products and services based on technology. The main purpose of the project for technological parks was approaching university and labor market, and for that the governmental support and also the support from educational institutions was necessary. In Brazil, the first act for the viability of technological parks in the country occurred in 1984. The conception of Parks in the various regions of the country seeks to provide spaces that unite triple helix (government, educational institutions and companies)'s efforts, so that the knowledge generated becomes new products, processes and services capable of impacting on the lives of Brazilians and leverage the economy. Brazil is a country with a territorial extension of 8,514,876 km<sup>2</sup>, and its territory is divided into five Regions, such as: Midwest, Northeast, North, South and Southeast. However, especially in Brazil there are still not enough studies with a focus on specific regions. The methodology used for the development of this paper was based on the official data available on the technology parks websites, as well as the official study documents prepared by ANPROTEC (National Association of Entities Promoting Innovative Enterprises) and IASP (International Association of Technology Parks and Innovation Areas). In the southern region, there are 14 technological parks, two in Paraná, seven in Santa Catarina and five in Rio Grande do Sul. As in California (USA), where the Silicon Valley is located, this region has the following characteristics: presence of educational institutions, business incubators, research centers, miscellaneous laboratories, and large companies. In addition, the southern region of Brazil has one (1) park characterized as Binational - Parque Tecnológico Itaipu, which is divided between Brazil and Paraguay, with 760 thousand square meters, generating 380 jobs and housing 15 companies. The Parks of the Southern Region have the objectives of fostering the development of technology-based companies and institutions of science and technology, and of spreading the knowledge and innovation culture of strategic sectors of technology. The Parks mission is to create a transdisciplinary research and innovation community through collaboration between academia, companies and government to increase the competitiveness of its actors and improve the quality of life of their communities. The South region of Brazil presents a total of 2,562,311 m<sup>2</sup> of area available for Parks. Considering the Parks' area of coverage, the largest in the area is Sapiens Park, located in the city of Florianópolis in the state of Santa Catarina, which holds 430 hectares, and is now only 5% implanted. Sapiens Park is the largest Brazilian park in terms of territorial extension. The Parks of the South region are mainly focused on the areas of Information Technology and Communication, environment,



biotechnology and creativity / design. Thus, the goal of this paper is analyzing the technological parks located in the southern region of the country, evaluating the impacts on the development of the region, as well as its differentials regarding purposes, services, and characteristics. Considering the purpose of the environments of the South of Brazil, it is observed that the majority associates the innovation and the entrepreneurship of the companies.

**KEYWORDS:** Technological Innovation, Collaboration, Transdisciplinarity.

## It takes an orchestra to whistle a symphony: governance capacity in Portuguese Intermunicipal Associations

*Patrícia Silva\**, Department of Social, Political and Territorial Sciences, University of Aveiro  
(Corresponding author: [patriciasilva@ua.pt](mailto:patriciasilva@ua.pt))

*Joana Ferreira*, National Association of Portuguese Municipalities (ANMP)

*Filipe Teles*, Department of Social, Political and Territorial Sciences, University of Aveiro

### ABSTRACT

Intermunicipal cooperation is being increasingly adopted in various countries as a strategy used to cope with the dilemmas of territorial scale and resource rationing. Despite the multifold pressures and public discourses towards the reshaping of administrative boundaries, little is known about the capacity of intermunicipal associations to function as effective, legitimate and strong policy actors. This article seeks to address two interrelated dimensions. First, it seeks to present an operational and integrated definition of governance capacity of intermunicipal associations, which can be used in a comparative perspective. This analytical framework can be crucial for leaders, practitioners and professionals working in management and administration especially those working in complex and demanding settings. Given the general trend towards intermunicipal cooperation, practitioners need to be able to measure the capacity of cooperative arrangements to be established and to be maintained. Second, this article aims to empirically assess the governance capacity of intermunicipal cooperation in the Portuguese case, drawing on a survey to sixteen (out of 23) intermunicipal associations. This measurement strives to enlighten those professionals as to which dimensions mostly need to be strengthened so as to allow intelligent collective choices to be made and to set strategic directions for the allocation of (increasingly) scarce resources. Overall, results suggest that IMAs emerged from a purely instrumental involvement. However, it is widely recognized that intermunicipal arrangements efficiently accomplished the aims they were initially set to realize. The efficiency of these collaborative arrangements derives from the fact that members tend to be generally perceived as active, demonstrating their commitment to the intermunicipal associations' goals. This induces trust among members and reduces the perception of a hierarchical structure that could undermine the perception of benefits for all members. Both trust and the perception of benefits tend to increase the willingness to use of the partnership outside the scope of the IMAs. Finally, results suggest that despite a general understanding that it takes an orchestra to whistle a symphony; Portuguese IMCs need to entail considerable efforts to improve the involvement of other local stakeholders.

**KEYWORDS:** Intermunicipal Cooperation, Governance Capacity, Stakeholders.

## Águeda, Cidade Inteligente... feita por pessoas e para pessoas

*Gil Nadais, Presidente da Câmara Municipal de Águeda  
presidente@cm-agueada.pt*

### RESUMO

A Democracia Participativa não se reduz a um mero sistema político e social, mas a um modo de 'ser', 'agir' e 'pensar' que abrange a totalidade da pessoa, requerendo o desenvolvimento de formas de vida participativas, o que se traduz na criação a nível local de espaços, canais e estruturas formalizadas que facilitem a participação direta do(s) cidadão(s). Neste sentido, a Autarquia de Águeda assumiu como desígnio reforçar a participação, fomentando uma sociedade civil forte, ativa e criativa, no caminho de um desenvolvimento sustentável do concelho e da promoção da qualidade de vida. Entendemos que a participação é fundamental, partindo dos pressupostos de que todos têm potencial e podem contribuir para o desenvolvimento da sua terra; de que a convivência permite o estabelecimento de laços consistentes; e, que se traduz em aprendizagem, na medida em que por essa via nos tornamos conscientes da realidade e da sua interligação com o mundo. Resultado do trabalho de modernização administrativa e do modelo de gestão implementado, Águeda assume-se como uma "Human Smart City", onde a autarquia coloca à disposição dos seus munícipes várias ferramentas e plataformas de modo a ser o Concelho de eleição para trabalhar, viver e desfrutar, oferecendo melhor qualidade de vida, com sustentabilidade e compromisso com o futuro. O que diferencia Águeda de uma 'cidade digital' é o facto de utilizar a 'inteligência coletiva' para o desenvolvimento dessas soluções e que possam encontrar soluções conjuntas. Só assim poderemos, em conjunto, realizar avanços significativos para que o Município continue, cada vez mais, a ser reconhecido como inovador, empreendedor, sustentável e avesso à burocracia. Os avanços tecnológicos da Sociedade de Tecnologias da Informação e Comunicação permitem-nos aceder a um conjunto de informações e serviços a partir do conforto do lar, a informações de relevância do Município. Assim, só é possível construir com a participação, opiniões e sugestões de todos - munícipes, instituições e empresas.

Os processos de discussão pública, são colocados na plataforma "Eu Participo", desenvolvida em Open Source, que tem como particularidade que os participantes possam georreferenciar o assunto e poderem interagir entre si, para além de associar documentos e fotografias. Uma Smart City disponibiliza aos seus cidadãos dados abertos, que servem de base para a resolução de problemas e desenvolvimento de projetos/soluções tecnológicas. Aqui temos o I4C – Information for citizens, que tem dados desde o turismo, passando pelo desemprego, até à atividade municipal. Águeda, aposta ainda na co-criação, onde se destaca o ALL – Agueda Living Lab, que é um espaço aberto, onde os cidadãos e inventores interagem para o desenvolvimento de produtos, como jogos, robots, soluções de iluminação, etc. Este expande-se também ao desenvolvimento de APP's, de modo a colocar a tecnologia ao serviço do cidadão. Foi possível com recurso às empresas detentoras de tecnologia, disponibilizar o Águeda Cityfy, que congrega todas as APP's e dá a possibilidade ao utilizador selecionar as que respondem aos seus interesses. Águeda envolve os cidadãos na co-decisão, de forma transversal a todas as faixas etárias, com projetos específicos, como "Águeda, Cidade Amiga das Crianças", "Assembleia Municipal Jovem" e "Orçamento Participativo de Águeda". O OP-Águeda, reconhecido como a Melhor Prática Participativa da Rede das Autarquias Participativas, em 2015, é assumido de forma transversal a todas as áreas de atuação da autarquia, envolvendo os responsáveis políticos e técnicos, na implementação de projetos que vierem a ser identificados pelos cidadãos, com mais de 16 anos, naturais e ou residentes no concelho de Águeda, bem como os que estão afetos por razões académicas. Para as edições 2015/2016, 2016/2017 e 2017/2018, o Executivo

Municipal destacou uma verba de 500.000€ do orçamento, e convidou todos os cidadãos a apresentar, debater e votar propostas/projetos que pretendam implementar no âmbito de freguesia ou concelho, até ao montante de 50.000€.

Todo o processo pode ser acompanhado à distância, via Plataforma Participativa ou Webservices, verificando-se o ponto de situação dos processos, prazos de execução e responsáveis. Por outro lado, com o sistema implementado para além da transparência, permite ao proponente avaliar a atividade da autarquia. A Smart City é uma cidade que aplica a governança participativa e, por meio de investimento em capital humano e social e da utilização das TIC, promove a gestão eficiente de recursos, o crescimento económico sustentável e a melhoria da qualidade de vida de quem vive, trabalha, visita ou estuda em Águeda.

**PALAVRAS-CHAVE:** Democracia Participativa, *Human Smart City*, Governança, Cidadania.



universidade de aveiro  
unidade de investigação em governança,  
competitividade e políticas públicas



## Participação em planeamento do território e políticas públicas – caso prático: o processo de planeamento estratégico de Vila Nova de Famalicão 2014-2025 “Famalicão Visão’25”

*Paulo Alexandre Matos Cunha, Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, paulocunha@vilanovadefamalicao.org*

*António Batista, consultor externo na conceção e implementação da visão estratégica de Vila Nova de Famalicão, golfinhos@mail.telepac.pt*

*Francisco Jorge Freitas, Chefe da Divisão de Planeamento Estratégico e Empreendedorismo da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, franciscojorge@vilanovadefamalicao.org*

### RESUMO

Em final de 2014, após eleições autárquicas e tomada de posse do executivo municipal, foi iniciado o processo de elaboração do plano estratégico concelhio de Vila Nova de Famalicão para o período 2014-2025 – “Famalicão Visão’25”. Atendendo ao desejo de definição do cenário de futuro desejado para o concelho e de reconstrução dinâmica e constante de uma marca territorial coletiva, partilhada e mobilizadora, foi concebida a visão estratégica enquanto “road-map” orientativo. O processo de planeamento estratégico acentua as características funcionais e culturais que permitem definir com maior eficiência e eficácia os objetivos e horizontes dos múltiplos atores facultando-lhes uma visão integrada para o desenvolvimento do território. Neste contexto, a participação esteve no centro do processo e representou simbolicamente a “força em movimento” de desafio e rutura na comunidade de atores do território, em ciclos de ativação dinâmica. O “Sofá Visão’25” apresentou-se como um ícon e o mote para a participação e mobilização da comunidade. Em 2014, o “sofá amarelo” percorreu o concelho, no dia-a-dia e vivência dos que vivem e trabalham em Famalicão, interpelando-os com a questão: “Como gostaria que fosse Vila Nova de Famalicão daqui a 10 anos?” – foi das vozes, aspirações, ideias e vontades dos cidadãos que se construiu a Visão para 2025. Em 2016, “o sofá amarelo” questionou os cidadãos sobre o compromisso que cada um assumiria na construção e alcance da Visão, recolhendo “Qual o seu contributo para um Famalicão melhor?” num exercício de cidadania “eu cidadão” reflexo dos compromissos individuais de cada um. A estratégia Visão 25 assume o desafio de ativar a inovação e experimentação no território enquanto referencial de impulsos ativadores para:

- Proporcionar um meio de articular e acompanhar as diversas intervenções induzindo a disseminação de inovações, capacitação e qualificação;
  - Produzir um “pensamento estratégico” formalizado e assumido pelos diferentes atores que poderá ser interpretado e integrado de diferentes formas;
- Gerar “atos criativos” no território que abram perspetivas de inovação e mudança nos padrões institucionais e organizacionais – Programa de eventos para a inovação;
- Treinar e disseminar processos de Networking, geração de redes e plataformas;
  - Estruturar e qualificar as agendas das plataformas existentes, direcionando-as para as oportunidades do Portugal 2020 e de outros recursos;
  - Implementar “Programas Estrela” que definam as marcas estratégicas do concelho;
  - Globalizar produtos, projetos, iniciativas e negócios, tutorando a sua disseminação e projeção;
- Fertilizar a nova geração 2020, com competências de empreendedorismo e iniciativa criativa.

Como projeto agregador do coletivo social, foi realizado em 2014, um programa de participação e envolvimento da comunidade “Famalicão Visão’25 - 25 ideias de futuro”, que dinamizou mais de 25 eventos, subdivididos por quatro semanas temáticas. Este programa de dinamização e envolvimento da comunidade ocorre a cada 2 anos. Assim, após a participação da comunidade



na definição da Visão para 2025, os outputs recebidos no âmbito da 1ª edição foram os inputs para a 2ª edição, que decorreu em 2016. Na segunda edição “Famalicão Visão’25 – marcas de futuro” a comunidade foi convidada a apropriar-se, a interpretar e reinterpretar as propostas e a comprometer-se com a visão. O programa procurou mobilizar para a ação, enquanto ignição da estratégia nas agendas do território e suporte da pilotagem estratégica do território, assente nos objetivos:

- Proporcionar a apresentação de “projetos-semente”, projetos embrionários que procurassem estabelecer novas formas de atuar, novos mercados;
- Discutir, aprofundar e concretizar as primeiras propostas estratégicas para os vários domínios e promovendo a difusão de inovações;
- Concertar modelos de articulação e planos de ação sectoriais ou intersectoriais e explorar os programas e as formas de operacionalização (ex: Pacto de Autarcas; Agenda 21 Local...).

**PALAVRAS-CHAVE:** Plano Estratégico, Participação, Cidadania, Projetos e Ações.

## Desafi(n)os da participação em planeamento

Jan Hendrick-Wolf<sup>a</sup>

jwolf@ua.pt

Fernando Nogueira<sup>a</sup>

f.nogueira@ua.pt

Eduardo Anselmo Castro<sup>a</sup>

ecastro@ua.pt

<sup>a</sup> Departamento de Ciências Sociais Políticas e do Território, GOVCOPP, Universidade de Aveiro.

### RESUMO

Existe hoje em dia uma defesa quase ubíqua da participação pública nas mais diversas esferas da ação coletiva, ligando-se essa defesa à própria essência da democracia. No planeamento, essa afirmação tem passado por um progressivo abandono de formas mais centralizadas, hierárquicas e burocráticas de tomada de decisão para a afirmação de formas de planeamento colaborativo, onde se advoga uma interação contínua entre técnicos e público. Mas as formas mais descentralizadas de planeamento, e os modelos de participação pública que engendram, têm-se debatido com desafios significativos. Estes desafios prendem-se, em particular, com a necessidade de integrar os contributos e agendas de uma multiplicidade de agentes num quadro onde a legitimidade do conhecimento técnico ou do poder político para a tomada de decisão é frequentemente questionada, sem que haja acordo sobre os critérios alternativos para essa tomada de decisão. A este desafio acresce que, muitas vezes, a participação é tratada como um fim em si mesmo quando, na verdade, é sobretudo um meio para alcançar outros objetivos. Desde logo, objetivos substantivos, como a transparência e legitimidade da tomada de decisão, a sua contribuição para a justiça social ou, simplesmente, o direito democrático de decidir sobre o curso da ação coletiva. Mas também objetivos instrumentais, como a recolha de conhecimento contextual, científico e tácito, a mobilização dos envolvidos para a ação, o ajuste das medidas implementadas às preferências dos interessados ou o aumento dos níveis de auto-organização das comunidades envolvidas. As formas de participação que são implementadas não podem ser alheias a estes diferentes objetivos, já que diferentes metodologias lhes dão respostas de forma diferente. Simultaneamente, é necessário encontrar modelos de participação que, para além de serem inclusivos e transparentes, tenham também impactos visíveis, de forma a evitar não só as diversas formas de captura a que os processos de planeamento têm sido suscetíveis, mas também a sua recorrente incosequência. Nesta comunicação estas questões são discutidas à luz de metodologias de participação desenvolvidas para diversos Planos Estratégicos locais e regionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Participação, Tomada de Decisão Coletiva, Metodologias de Participação.

## Os desafios da construção participada de Sistemas de Indicadores de Desenvolvimento Sustentável ao nível local – o caso de Estarreja

*Sara Moreno Pires, DCSPT, GOVCOPP, UA*  
sarapires@ua.pt

*Ireneu Mendes, Faculdade de Direito, UC*  
ireneuomendes@gmail.com

*Alexandra Aragão, Instituto Jurídico, Faculdade de Direito, UC*  
aaragao@ci.uc.pt

*Teresa Fidélis, DAO, GOVCOPP, UA*  
teresafidelis@ua.pt

*Carlos Rodrigues, Ministério da Saúde, ACSS*  
csergiomr@gmail.com

### RESUMO

O repensar do ordenamento e desenvolvimento do território em face dos múltiplos desafios e riscos deste século pode ser auxiliado por um conjunto de indicadores que avalie e monitorize trajetórias (passadas e presentes) desse território. Encontrar indicadores que permitam conhecer e transformar um território impregnado de história, de cultura e modos de vida, onde se entrecruzam comunidades humanas e ecossistemas ambientais únicos e mutuamente interdependentes, revela-se um desafio de crescente complexidade, cujo resultado nunca é inerentemente estático, consensual ou isento de críticas. No entanto, proliferam indicadores e ferramentas de monitorização e avaliação, com foco no desenvolvimento sustentável do território e é sobre estes instrumentos que recai o interesse desta comunicação. Os indicadores locais de desenvolvimento sustentável não são, nem ambicionam ser, uma “ciência exata”. Na verdade, apontam tendências e permitem identificar e destacar padrões de desenvolvimento que devem ser incentivados e reforçados, a par de condutas e padrões de desenvolvimento que devem ser combatidos e contrariados e, ainda, outros ainda que merecem uma análise mais aprofundada e um debate mais alargado. Os indicadores podem evidenciar problemas locais, que resultam de pressões globais e de estratégias tomadas por múltiplos atores fora da esfera da responsabilidade de governos e atores locais. Só através da sua compilação, sistematização e comunicação se consegue identificar e perceber esses problemas, as suas dimensões, as suas causas e efeitos, e tornar possível que se alterem comportamentos locais e se reivindiquem a nível supra local outros posicionamentos de outros atores. Esta comunicação pretende apresentar os resultados de um projeto de investigação desencadeado pelas Universidades de Coimbra e de Aveiro e financiado pelo Observatório Homem-Meio de Estarreja, cujo objetivo foi o de iniciar a construção, de forma participada, de uma Matriz de Avaliação e de Indicadores de Sustentabilidade para o concelho de Estarreja - a M.A.I.S. Estarreja. O projeto envolveu, entre outras fases, três etapas fundamentais para a construção dessa Matriz. Analisam-se aqui, mais concretamente, os resultados dessas etapas, nomeadamente: um workshop realizado com técnicos superiores da Câmara Municipal de Estarreja; um questionário aplicado a entidades locais do concelho para aferir a perceção quanto a principais aspetos, positivos e negativos, do desenvolvimento e qualidade de vida de Estarreja; e, um workshop realizado com entidades locais com vista ao debate e seleção de indicadores de desenvolvimento sustentável para o concelho.

Em resumo, esta comunicação sistematiza as conclusões do projeto de investigação M.A.I.S. Estarreja e deixa uma proposta de base para a construção de um sistema local de indicadores de desenvolvimento sustentável, que se deseja flexível, evolutivo e dinâmico, mas sobretudo participado e inovador, para que possa incorporar um vasto conjunto de conhecimentos e

saberes sobre o território, promover a responsabilização das autarquias, das empresas, das distintas organizações locais e dos cidadãos na construção desses indicadores e para que possa também sustentar debates amplos sobre os desafios do desenvolvimento sustentável para o concelho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sustentabilidade Ambiental, Avaliação, Indicadores.

**S1 - PS 5**

15:45 Parallel Session 5 (1h) 3 presentations (15 min each + 15 min debate)

DAO Auditorium

**Collaborative Planning, Participation, Collective Evaluation and Decision Making Process S1**

<i>A collaborative learning space: methodologies for intervention in public space</i>	Alexandra Paio, ISCTE-IUL David Leite, Nottingham Trent University, UK Lígia Nunes, Associação Arquitetos Sem Fronteira - Portugal António Brito Guterres, ISCTE-IUL Miguel Brito, Câmara Municipal de Lisboa
<i>Desafios Porto: engaging citizens and companies with public-private partnerships</i>	Cristina Taveira* Filipe Araújo* Gustavo da Silva * * Câmara Municipal do Porto Margarida Campolargo Paulo Calçada, Associação Porto Digital
<i>The culture of collaboration: cross-sectoral collaborations and participatory innovation.</i>	Marin Elisabeth Hermannsdóttir, University of Copenhagen João Pedro Sousa Rosa, 4iS – Plataforma para a Inovação Social, UA
Chair: Frederico Moura e Sá	

**S1 - PS 6**

15:45 Parallel Session 6 (1h15m) 4 presentations (15 min each + 15 min debate)

UA Bookstore Auditorium

**Participation: Organizations, Experiences and Research Networks S1**

<i>Iniciativas participativas na administração e gestão urbana. o município de Lisboa e o programa BIP-ZIP</i>	José Luís Crespo, Grupo Interdisciplinar de Estudos Urbanos (GEU) Lucia Caistor-Arendar * Teresa Sá* Manuela Mendes** Graça Moreira** *Centro de Investigação em Arquitetura Urbanismo e Design (CIAUD) **Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FAUL)
<i>Smart Travel? Barba e Cabelo?</i>	Vítor Pereira
<i>Processos de participação cívica para uma gestão urbana inovadora e inteligente: os casos do Porto e de Lisboa</i>	Catarina Maia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) Teresa Sá Marques* Miguel Saraiva* *Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT), FLUP
<i>Evaluation of Tourism Public Policies. The way forward – The case of Portugal</i>	Rui Costa, DEGEIT-UA Carlos Costa, DEGEIT-UA
Chair: Teresa Sá Marques	



**S2 - PS 7**

15:45 Parallel Session 7 (1h15m) 4 presentations (15 min each + 15 min debate)

Department of Social, Political and Territorial Sciences (DCSPT) - Room 12.3.13

**Public Participation in Spatial Planning S2**

<i>Participação pública na gestão territorial: uma construção de cidadania</i>	<i>Lucinda Oliveira Caetano, FCT, CIAUD – FA – U Lisboa</i>
<i>Participación en planes urbanos estratégicos. quién, cómo y cuando.</i>	<i>Luciano G. Alfaya, Universidad Politécnica de Madrid</i>
<i>Participação social em audiências públicas como espaço de precarização da participação democrática real</i>	<i>Irenilda dos Santos, UFMT Oseias Carmo Neves Edir Henig,, Universidade de Coimbra; Marcia Gonçalves, PPGPS,UFMT</i>
<i>Participação no planeamento estratégico</i>	<i>João Marques* Monique Borges* Jan Wolf* *DCSPT - UA</i>
<i>Chair: João Marques</i>	



universidade de aveiro  
unidade de investigação em governança,  
competitividade e políticas públicas



## A collaborative Learning Space: methodologies for intervention in public space

*Alexandra Paio, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, Portugal,  
alexandra.paio@iscte.pt (corresponding author)*

*David Leite, Nottingham Trent University, UK*

*Lígia Nunes, Associação Arquitetos Sem Fronteira - Portugal, Portugal*

*António Brito Guterres, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, Portugal,  
Miguel Brito, Câmara Municipal de Lisboa, Portugal*

### ABSTRACT

**Introduction** - The proposed paper will present a summary of the results of a innovative multidisciplinary architecture course that introduce students to emerging fields, anticipating the paradigm shift on how architects will address the professional in the world crossed by profound changes in economic, social, cultural and technological areas. People in complex urban settings embrace patterns of coexistence and social inclusion and they tend toward cooperation or conflict. So, the real challenge of the future is: how can people live better through their active participation and contribution to the future of the cities? And How concepts such as DIY (do it yourself) or DIWO (do it with others) are emerging as a new means of small collective movements in cities can be embraced? These transformations assume multiple forms and involve diverse actors and tools. Technologies are reshaping social relations and constituting new collaborative learning spaces (Latham & Sassen, 2005).

**Methodology** -The syllabus provides the opportunity to actively contribute to shaping more inclusive, innovative the challenges of the public space through reduce the gap between citizens, municipality, specialist (architects, planners, sociologists, engineers and managers) and technologies. The main goal has been to explore social dialogue in order to meet the new social demands of inclusive design and construction of the urban public space in social housing neighbourhood based on the introduction of FabLab (Fabrication Laboratory) philosophy. The FabLab concept (Gershenfeld, 2005) is to provide spaces open to the public where people can access tools and training. This takes advantage of increasing accessibility to versatile and powerful digital design and fabrication. FabLabs around a global network have been facilitators of local development and that creates an opportunity for joined actions for the shareholders – administration, entrepreneurs and educational institutions. This approach relates the multidisciplinary research with practice in real scenario (Ermacora & Bullivant, 2016).

**Results** - In order for students to acquire such complex matter more efficiently the course program was designed to promote the deepening of skills in applied knowledge through the creation of urban, architectural and social solutions for proximity, based on logics involving the local user in the process of mapping, diagnosis, decision, design, construction and entrepreneurship. The collaborative learning space provided students with critical and synthesis skills about a set of multidisciplinary tools and digital methodologies, through the development of a practical exercise in a real scenario promoted by the municipality. We are witnessing a democratization of power and technology, more people get access to tools and information that were previously reserved only for a few.

**Discussion** - The involvement of inhabitants in the definition of public space, and consequent improvement of living conditions, leads to a collective intelligence (Gehl, 2011). This allows local community to adopt and create proactive participation mechanisms to influence decision-making. In this context, it is urgent that the architect has an active role as a mediator, actor, social and urban designer. In addition, is important to promote the expansion of disciplinary horizons through an integrated strategic vision of the entire creative process and its implementation.

**KEYWORDS:** Learning Spaces, Collaborative Methodologies, FABLAB, Urban Design.

## Desafios Porto: Engaging citizens and companies with Public-Private Partnerships

*Cristina Taveira, Câmara Municipal do Porto (Portugal)*

*cristinataveira@cm-porto.pt*

*Filipe Araújo, Câmara Municipal do Porto (Portugal)*

*Gustavo da Silva, Associação Porto Digital, Porto (Portugal)*

*gustavo.silva@portodigital.pt*

*Margarida Campolargo, Associação Porto Digital, Porto (Portugal)*

*margarida.campolargo@portodigital.pt*

*Paulo Calçada, Associação Porto Digital, Porto (Portugal)*

*paulo.calçada@portodigital.pt*

### ABSTRACT

The growing integration of information and communication technologies (ICT) solutions in the cities allows the creation of new strategies to overcome social challenges, one of them being the distance between citizens and the political structure. With the creation of new strategies such as participatory budgets, this gap is shortened. However, these kind of budgets can have counterproductive results, especially due to the lack of control of quality in the proposal phase. The aim of this paper is to present the case of 'Desafios Porto', a Public-Private Partnership in the field of citizens and local companies' engagement which promoted public participation and collaboration. The 'Desafios Porto' program was created by the municipality of Porto with the support of private entities in a public-private partnership (PPP) with the objectives of including people in the public decision making process and implementing new innovative solutions in the city to overcome some of the local issues highlighted. In a first phase, citizens are called to point out the main problems of the city using a public web platform. In a second phase, companies are called to suggest innovative solutions to overcome the pointed out issues. To the selected projects financing, mentorship and other forms of institutional support was granted. This program allowed further development of the Porto's ecosystem, successfully promoting cooperation between citizens, the local government and companies, while fostering the participation of all the quadrants of the local agents in the implementation of new solutions driven by innovation.

**KEYWORDS:** Participation, Public and Private Projects, PPP, Collaborative Planning.

## The culture of collaboration: Cross-sectoral collaborations and participatory innovation

*Marin Elisabeth Hermannsdóttir*

*University of Copenhagen, SAXO department, Nørregade 10, 1165 København, Denmark*

*kqt143@hum.ku.dk*

*João Pedro Sousa Rosa*

*4iS - Plataforma para a Inovação Social, University of Aveiro,*

*jpsrosa@ua.pt*

### ABSTRACT

Most partnership studies found in the literature focus on management - and organization - research which is based on the business side or the development effects of the collaboration within large companies and organisations (J. W. Selsky, B. Parker 2005). The discussion in the studies found, mostly disputes what strategies and tools strengthens or weakens partnerships. Furthermore they focus on delivering recommendation and tactics for collaborations in different models. We found a lack of academic studies of the cultural and social aspect of collaborations. This article will not deliver any recommendation how to do collaboration, but will steer in the direction of defining and unfolding the culture of collaboration. Through empirical data we noticed a connection between different layers in a multi sectoral collaboration, which we believe merges the fields of business, social and cultural studies. The empirical data stems from an assessment of the urban regeneration project done in Aveiro in Portugal from end 2013 till mid 2015 mentored by Robert Bosch foundations' program called Actors of Urban Change. The VivaCidade (<https://vivacidadeaveiro.wordpress.com>) projects' aim was to "engage the community through place-making by developing temporary interventions in urban voids" as a "cross-sector team to implement an innovative local project" (<http://www.boschstiftung.de/content/language2/html/47964.asp>). The project consisted of a cross collaborative team, between the public sector (administration), the private sector (cultural scene), the higher education sector (social scene) and the civil society (citizens). The assessment consisted of a range of interviews with relevant actors and an observation study on the space the project focused on. Since the partnership integrates both the horizontal and vertical dimension as an institutional form (S. Ó Riain, 2006) it was difficult to find a common factor to ground an assessment on. One medium the informants had in common was the language they used when explaining their time engaged in the project. The language used showed similarities in how informants on all levels and dimensions described their involvement and engagement. The terminology and rhetorics is perceived by us as an open window inviting a look into the culture of collaborations throughout the institutional and non-institutional levels in the collaboration. Using cultural analysis on the language and behaviour we can narrow down and define the culture making of the collaboration in the VivaCidade project. Later we attempt to generalise and conceptualise the culture making in cross sectoral collaborations in general by cross-examining the relevant literature. In the effort to understand culture of collaboration the article will be structured as an attempt to describe fragments of the proceedings in the project. The fragments will consist of: A compact description of the study on the VivaCidade project, a discussion on the importance of a culture for collaborations, also, we will present the discussion on what cultures can bring to a collaboration of this character. Furthermore the relevance of defining collaborations and partnerships as an institution is linked to the notion of collaboration in local, national and international aspects. Can you then create a culture of collaboration? The study is a springboard for further research in finding an analytical framework for how to study the culture of collaboration.

**KEYWORDS:** Partnership, Collaboration, Cross Sector, Social Innovation, Social Inclusion, Language, Urban Regeneration.



## Iniciativas participativas na administração e gestão urbana: o município de Lisboa e o programa bip-zip

*José Luís Crespo, jcrespo@fa.ulisboa.pt (para correspondência) <sup>a</sup>*

*Lucia Caistor-Arendar, luciacaistor.ciaud@fa.ulisboa.pt <sup>a</sup>*

*Teresa Sá, teresavs@gmail.com <sup>a</sup>*

*Manuela Mendes, mamendesster@gmail.com <sup>a</sup>*

*Graça Moreira, gmoreira@fa.ulisboa.pt <sup>a</sup>*

*Ana Rita Queirós, anaqueiros.ciaud@fa.ulisboa.pt <sup>a</sup>*

*<sup>a</sup> Grupo Interdisciplinar de Estudos Urbanos (GEU), Centro de Investigação em Arquitetura Urbanismo e Design (CIAUD), Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FAUL), Portugal.*

### RESUMO

O surgimento de ações participativas no âmbito da administração e gestão autárquica têm ganho cada vez mais protagonismo e complementam as práticas formais de participação pública. Nas duas últimas décadas, de forma avulsa por parte de alguns municípios, acentuou-se a adoção de processos participados com o envolvimento de diversos atores e diferentes metodologias. O objetivo desta comunicação é analisar o processo dessas ações participativas, especificamente do programa BIP-ZIP (Bairros e Zonas de Intervenção Prioritárias). Pretendemos refletir de forma crítica sobre o processo subjacente à prática, os atores envolvidos e os resultados desta iniciativa participativa. A metodologia seguida prende-se com a análise das propostas aprovadas e de alguns projetos já implementados, designadamente os que incidiram no GABIP dos ex-SAAL. Nos projectos definidos faremos uma análise in loco e entrevistaremos os atores locais envolvidos. O Programa BIP/ZIP foi aprovado em 2010 pela Câmara Municipal de Lisboa (CML) e concebido enquanto instrumento de política pública municipal no quadro do Programa Local de Habitação (PLH). Assenta no estabelecimento de parcerias locais, com as juntas de freguesia e associações locais, coletividades e organizações não-governamentais, contribuindo para o reforço da coesão socio-territorial no município. Desde 2011 que o Programa visa promover e operacionalizar pequenas intervenções locais que fomentem o aparecimento e desenvolvimento de atividades e projetos nos Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária capazes de viabilizar respostas a situações de emergência social e urbanística enquanto desafio para o bem-estar de toda a comunidade. O Programa BIP/ZIP propõe o conceito de “bairro de intervenção prioritária” (bairros esquecidos pelas prioridades municipais) e aposta numa organização e numa participação menos burocrática, mais de baixo para cima (bottom-up), e numa maior celeridade das respostas, sublinhando o objetivo de combater o agravamento da fratura socio-territorial através de políticas de proximidade bem articuladas com o local e centrando-se na resposta a situações de emergência. Uma das virtualidades deste programa reside na abertura a entidades promotoras e/ou parceiros formais nas candidaturas, abrangendo organismos e instituições públicas, bem como organizações da sociedade civil, o que pode ter efeitos multiplicadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Programa Local de Habitação, BIP/ZIP, Ação Participativa, Parcerias Locais.

## Smart Travel? Barba e Cabelo?

Vítor Pereira  
Consultor

vitor@conteudochave.pt

### RESUMO

É espantoso como no espaço de meia dúzia de anos se têm vindo a misturar, mais ou menos de forma visível, alguns temas da atualidade especializada ou secundária. Temas que não abrem noticiários em prime time, mas que estão na base de muito do que se discute, investiga e trabalha nos dias de hoje. Se há 4 anos atrás as ferramentas do Google (geolocalização, diretório, maps, etc.) eram apenas isso, tecnologia e internet, hoje em dia são muito mais. São ferramentas de turismo, são utensílios para as cidades, são pontos de inovação em aplicações móveis, são pano de fundo para jogos e entrosamento de cidadãos. Também as comuns barbearias tinham muito pouco a ver com Cidades Inteligentes há meia dúzia de anos na maior parte do globo. Atualmente são referências de modernidade, inovação, criatividade nas grandes urbes como Londres, Nova York, Paris, Berlim e Amsterdão. Porquê? Porque é que o “cabelo e barba” se tornaram uma referência e uma característica de urbanidade? Pela mesma razão que a agora denominada Arte Urbana (ou Street Art, vulgarmente conhecida no século passado por Graffiti) se enquadra na mesma artéria criativa de uma juventude outrora “irreverente”, “clandestina”, “radical” ou “marginal”, agora “moderna”, “vanguardista”, “criativa” e “urbana”. Enquadram-se igualmente neste mesmo conceito outros sinais outrora vistos de forma enviesada, agora abraçados, abençoados e atrativos como são o casos dos piercings e tatuagens. O mundo mudou mesmo? Há uma meia dúzia de anos falar de turismo era praticamente falar apenas de hotéis, praia e sol. Hoje fala-se de muitas mais coisas. Fala-se de Economia por exemplo, fala-se de Tecnologia, fala-se do Marketing Digital e do Social Media. Fala-se de turismo rural e fala-se de produtos locais. Palavrões ou chavões? São apenas conceitos. Aos quais se juntam muitos outros como a ‘Gamificação’, ‘Georreferenciação’, Realidade Aumentada, ‘Storytelling’, etc. Assim, já temos barbearias, misturadas com livros e música; tatuadores e graffitisers que inundam as redes sociais e o online, para além das paredes propriamente ditas; tecnologia e novas formas de comunicar e envolver os cidadãos e os turistas. É um mundo novo. O mundo das cidades que começa a dominar todo o espetro da comunicação e, como consequência, das nossas vidas. Num abrir e fechar de olhos, os últimos anos, misturaram temas e conceitos que não estávamos a prever. Por exemplo, a indústria Automóvel misturada com a indústria das Redes de Banda Larga e misturada com as plataformas de distribuição de canais TV. Por sua vez, todas estas, estão envolvidas na Internet das Coisas (Internet of Things) e na Cloud (Núvem), por sua vez, integram as cidades e enriquecem o conceito Smart City que já engloba por seu turno, tudo que tenha sensores e aplicações para smartphones. E também se misturou o Turismo, pois é um dos sectores que absorvia já imensa tecnologia e todos estes conceitos. O Turismo como forma sustentável de desenvolvimento económico. E o Turismo como tema central na discussão das Cidades de hoje e do amanhã. O Smart Travel é, indiscutivelmente, um dos temas quentes que está a fazer movimentar uma parte significativa dos investigadores, inovadores e empreendedores em todo o mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Smart Travel, Turismo, Cidades Inteligentes, Participação.

## Processos de participação cívica para uma gestão urbana inovadora e inteligente: os casos do Porto e de Lisboa

Catarina Maia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal  
 catarina.maia2@gmail.com

Teresa Sá Marques<sup>a</sup>

Miguel Saraiva<sup>a</sup>

<sup>a</sup>Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT) / Departamento de Geografia / Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

### RESUMO

Vivemos hoje tempos de mudança, de incerteza e de reflexão territorial. Registam-se transformações aceleradas que têm um impacto significativo na vida das populações e em diversos setores da sociedade e da economia das cidades, às quais o planeamento e a gestão urbana têm necessariamente de responder. Esta situação é claramente assinalável nos países do Sul da Europa que nos últimos anos têm sentido o forte impacto da crise que é económica, mas que é também de princípios de governação, de participação cívica e de planeamento urbano. Uma crise caracterizada pela falta de conhecimento das políticas anunciadas pela Estratégia da Europa 2020 que, em torno daquilo que se anseia que sejam as cidades de futuro, sublinha a importância dos territórios criarem os seus próprios desafios, estratégias e visões, e de existir um maior envolvimento dos habitantes, instituições e outras partes interessadas nos processos de decisão e de planeamento, de uma forma global e integrada (*community planning*). Nas cidades portuguesas do Porto e de Lisboa têm sido alcançados alguns destes pressupostos através de projetos-piloto experimentais de participação pública e desenvolvimento local como "City Plus", "Open Lisboa", "BIP/ZIP" ou parcerias de Desenvolvimento Local de Base Comunitária (DLBC), relativos a temas como inovação, sustentabilidade ambiental, habitação ou mobilidade. Este trabalho traça a génese e a implementação de alguns projetos de planeamento participativo em ambas as cidades, de acordo com a Estratégia da Europa 2020, e avalia como se relacionam com os novos instrumentos e agendas de planeamento urbano, governança e formulação de políticas públicas. Mais especificamente, este artigo identifica as características subjacentes à implementação desses processos e à relação estrutural entre atores-chave. Deste modo, realizamos um levantamento de iniciativas participativas a nível municipal, dos dois contextos metropolitanos no âmbito dos projetos 2020 e estruturamos um questionário direcionado aos principais atores com envolvimento nestes processos, que conjugamos com entrevistas às duas áreas metropolitanas e às duas cidades centrais (Porto e Lisboa). O artigo pretende contribuir para a discussão em torno de territórios mais inteligentes, colaborativos e relacionais, tendo em conta a vertente mais democrática e inclusiva das cidades que se desenham para o futuro, assumindo que o foco da inovação e da participação está nas comunidades de cidadãos (*smart citizens*). Pretende, de igual forma, compreender as dinâmicas de planeamento urbano participativo, tendo em vista a promoção de condições propícias a uma melhoria da qualidade de vida e do bem-estar da população.

**PALAVRAS-CHAVE:** Participação Cívica, *Community Planning*, *Smart Citizens*.

## Evaluation of Tourism Public Policies. The way forward – The case of Portugal

*Rui Costa, DEGEIT-UA*  
*Carlos Costa, DEGEIT-UA*

### ABSTRACT

The tourism sector has been experiencing a big growth and development, establishing itself as one of the fastest growing 'industries' in the twentieth century. Recognizing this favorable environment, it is essential and urgent that governments, from developed and developing countries, attach greater importance and attention to this sector, considering the role that it can play in the economic development, namely in balancing the deficit of the balance of payments, in strengthening regional networks, and in generating an increased yield and dynamics in job creation, because of its multiplier effect. Given the multidisciplinary and horizontal nature of the tourism sector, it is essential the participation of the public sector in the implementation of tourism policies that set clear guidelines to all stakeholders, directly and indirectly, involved in the industry. The established goals should reflect the 'needs' of the sector, and must be in accordance with the economic, social and environmental goals of the tourist destination, and in line with the national and regional interests of the country (e.g. Beritelli et al, 2007; Bramwell, 2005; Brooke, 1993, Davis, Wanna, Warhurst & Weller, 1993; Goymen, 2000; Krippendorf, 1982; Oliveira, 2003; Stevenson, Airey & Miller, 2008; Williams & Shaw, 1988). The definition of tourism policies is central given that the nonexistence of a strategic vision with these characteristics leads to a lack of direction and of a strong political-strategic organization, for both the public and private sectors (Costa, 2001). These elements are essential because they aim at mitigating structural bottlenecks in the sector, increasing of the average daily tourist expenditure and length of stay, and decreasing seasonality, through the growth of revenues, the improvement and diversification of the quality of tourism supply, and the attraction of new markets. Over the past 25 years, public funding for the tourism sector in Portugal has been carried out on the basis of incentives provided by Community support frameworks. Despite the recognized economic importance of tourism, the growth that it has been experiencing in Portugal has been realized in a more quantitative perspective rather than a qualitative one. There have been some difficulties in achieving some objectives developed for the sector, therefore it is essential to carry out monitoring and evaluation actions for tourism policies and strategies set by the public sector over the last years. This research aims to examine the discourse of public policies and strategies in Portugal, and intends to demonstrate the role and importance of all stakeholders, public and private, in the planning and definition of public policies to reconcile an investment policy in the sector tourism, focusing on small and micro-sized enterprises, with a strategy aimed at improving the quality and diversification of tourism supply. In conclusion, it is important to evaluate the public policy and the investment in the tourism sector, to understand the philosophy and objectives that guide the entire system (strategic policy) and the territorial and sectorial dynamics of tourism enterprises. Therefore, the tourism sector should not only create wealth in terms of investment, income and employment, being also essential for the qualification, diversification and improvement of the quality of the supply, allowing economic gains that can induce the improvement of quality of life of the local people and local development in general.

**KEYWORDS:** Tourism Policies, Participation, Strategic Vision, Evaluation.

## Participação pública na gestão territorial: uma construção de cidadania

Lucinda Oliveira Caetano (FCT/ CIAUD – FA – ULisboa)  
[lucinda.caetano63@gmail.com](mailto:lucinda.caetano63@gmail.com)

### RESUMO

A relação entre informação e participação, prevista no Princípio n.º 10 da Declaração do Rio sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, adotado na Conferência das Nações Unidas em 1992, contudo e apesar das alterações legislativas mais atuais exigirem a participação pública em matéria urbanística, em Portugal continua a ter resultados residuais e sem verdadeiro impacto na conceção das políticas públicas territoriais e na elaboração dos instrumentos de gestão territorial. Como refere FERRER (2012), os direitos dos cidadãos em matéria urbanística que deveriam estar vinculados ao próprio conceito de cidadão (independentes do título da propriedade), fundamentam-se na transparência na atuação administrativa, na informação e participação dos cidadãos (referendo nacional ou a nível local) e na publicitação ativa da Administração Pública. A quase inexistência de participação pública nos processos de planeamento e gestão territorial, apesar da sua previsão na legislação portuguesa, já há alguns anos a esta parte, leva-nos a indagações várias, tais como:

- A Administração Pública promove o devido esclarecimento com as ferramentas e a comunicação adequadas?
- A falta de participação pública prende-se com o desinteresse da população ou com a incompreensão da linguagem técnica hermética, adotada nos planos urbanísticos?

Esta investigação pretende avaliar o processo de participação pública vigente em Portugal. A metodologia utilizada será a de estudo de caso, usando como casos de estudo instrumentos de gestão territorial em três Municípios do Algarve – Portimão, Faro e Loulé, que integram ou confinam com a zona antiga das cidades. Os métodos de investigação irão incidir na análise documental (em suporte papel ou digital) da participação pública seja no âmbito das imposições legislativas (consulta/ audiência pública nos termos do Regime Jurídico de Instrumentos de Gestão Territorial – IGT's), seja por iniciativa do poder local (sessões de esclarecimento/ consultas à sociedade), seja por iniciativa do cidadão nos Fóruns democráticos (reuniões públicas das Câmaras e das Assembleias Municipais). Esta investigação pretende identificar se a participação é considerável (superior ao número de proprietários existentes nas áreas de intervenções dos IGT's); mediana (igual ao n.º de proprietários com interesses diretos); ou residual (com número reduzido) e quando ocorre qual o grau de efeitos daí decorrentes (ou seja, em que medida as Autarquias aceitam e procedem a alterações na sequência da participação pública). Os resultados apontam para a pouca participação pública, por diversas razões tais como:

- Ausência de tradição em cidadania ativa;
- A publicitação e a comunicação dos instrumentos de gestão territorial por parte da Administração Pública não são adequadas para o grande público.

As conclusões apontam para a necessidade de construção de “modelos” de governança baseados na:

- Construção de plataformas interativas em 3D explicitando o conteúdo dos instrumentos de gestão territorial, preferencialmente interativas;
- Formação de atores-chaves de cidadania, através de planos de comunicação e workshops temáticos em parceria com organizações da sociedade civil;
- Formação de parcerias seguindo os três passos – diagnosticar, agrupar e formar – segundo técnicas de responsabilização e inovação.



**PALAVRAS-CHAVE:** Participação Pública, Instrumentos de Gestão Territorial, Administração Pública, Cidadania Ativa.

## Participación en Planes Urbanos Estratégicos. Quién, cómo y cuando

*MArch, MSc, Luciano G. Alfaya. Universidad Politécnica de Madrid*

### RESUMO

La convocatoria española para la asignación de fondos Feder para el periodo 2014-2020 (Cohesion Policy 2014-2020) ha obligado a la mayoría de las ciudades de más 20.000 personas a elaborar una Estrategia de Desarrollo Urbano Sostenible e Integrado (Integrated Sustainable Urban Development). El artículo reflexiona, de un modo general, sobre el desarrollo de este tipo de estrategias urbanas y, en particular, sobre los procesos de participación que se pusieron en marcha para cumplir con los propios estándares de la convocatoria. Los planes estratégicos, han dejado de ser herramientas en manos de los urbanistas para servir a los economistas. Las grandes consultoras españolas han realizado la mayoría de los planes estratégicos realizados en España para esta convocatoria. De ese modo, el plan estratégico se convertía en una enumeración de proyectos, por lo general anhelos políticos insatisfechos, con marcado carácter propagandístico y canalizado a través de consultoras económicas para adecuarse a los estándares de entregas europeas. El documento que se presenta parte de una experiencia concreta, singular, en la que el plan estratégico fue realizado íntegramente por arquitectos, ingenieros y sociólogos, relegando la parte económica a una mas de las variables analíticas y propositivas. La realización de la Estrategia de Desarrollo Urbano Sostenible e Integrado en Pontearreas, un municipio de 25.000 habitantes en el área urbana de Vigo, permitió explorar mecanismos de participación ciudadana que resultarían mucho más complejos en ciudades mayores o en procesos gestionados desde una óptica principalmente política y/o económica. Mediante la descripción del proceso realizado con mesas de participación sectoriales, mesas transversales, encuesta on-line y entrevistas a actores clave, se analizan las controversias generadas durante el periodo de realización del proceso participativo, con significativas contradicciones entre las opiniones recabadas. El objetivo del artículo será establecer una evaluación crítica sobre las tres preguntas (quién, cómo y cuando) que se deben afrontar en todo proceso participativo y que adquieren mayor complejidad cuando se trata de objetivos menos concretos como puede ser un Plan Estratégico. Para su desarrollo se mostrarán los resultados de la encuesta realizada sobre 500 ciudadanos a través de redes sociales y se comparará con los criterios obtenidos en las mesas de participación presencial que se realizaron. Las conclusiones muestran la debilidad del proceso en si, especialmente condicionado por los reducidos plazos de esta convocatoria, pero felizmente enriquecido por un planeamiento abierto en el que la ciudadanía no se limitó a escoger entre opciones planteadas si no a generar nuevas alternativas de desarrollo para la ciudad.

**PALAVRAS-CHAVE:** Planes Estratégicos, Participación Ciudadana, Proceso Participativo, Evaluación.

## Participação social em audiências públicas como espaço de precarização da participação democrática real

*Irenilda Dos Santos, professora do Mestrado em Política Social da UFMT*

*irepanta@gmail.com*

*Oseias Carmo Neves*

*Oseias@hotmail.com*

*Edir Henig, Doutorando em Coimbra*

*edirhenig@hotmail.com*

*Marcia Gonçalves, Mestranda em Política Social, PPGP; S/UFMT*

*marciaverdego@hotmail.com*

### RESUMO

Ao buscar analisar alguns limites do controle social das políticas públicas ambientais em Mato Grosso, nos deparamos com algumas interpretações acerca da problemática da participação social nos espaços das audiências públicas, quando da proposta do ZEES (Zoneamento Econômico Ecológico e Social) do estado de Mato Grosso.

Nesse sentido, objetivamos nesse trabalho, apresentar alguns tópicos de natureza teórica e empírica sobre a tecnificação e elitização das audiências públicas ambientais, como instrumento de uma “falsa participação” da sociedade nos rumos de uma política pública. Partindo da indagação de Martins (2000) buscaremos analisar como se processa a vivência da política hoje dentro da sociedade não-organizada na sua relação direta com a gestão pública do Estado. Nesse percurso, analisaremos a função democrática das audiências públicas em sua tentativa de diálogo com as demandas da sociedade civil. Suscita desse questionamento um problema de pesquisa, na qual procurarei revelar a natureza de “como fazer política através da participação social”. E portanto, revelar algumas tendências nas formas de gestão pública do Estado, que se encaminha para aquilo que Max Weber coloca sobre a “racionalização técnico-burocrática do Estado”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Audiências Públicas, Participação Social.

## Participação no planeamento estratégico

João Marques <sup>a</sup>  
 jjmarques@ua.pt  
 Monique Borges <sup>a</sup>  
 monique@ua.pt  
 Jan Wolf<sup>a</sup>  
 jwolf@ua.pt

<sup>a</sup> Departamento de Ciências Sociais Políticas e do Território, GOVCOPP, Universidade de Aveiro.

### RESUMO

O objetivo central deste trabalho é apresentar a metodologia desenvolvida no âmbito de vários planos estratégicos municipais onde se realizaram vários processos de participação no sentido de qualificar e validar as opções estratégicas do plano.

A metodologia assenta essencialmente numa análise multicritério que procura construir uma relação de preferências (objetivos, critérios ou opções) para um conjunto de alternativas, traduzidas em projetos e ações estratégicas. O processo de participação, neste contexto, surge em 2 momentos distintos. Num primeiro momento os agentes locais foram organizados em grupos temáticos, que apoiados por um diagnóstico estratégico prospetivo e por um referencial estratégico supramunicipal, identificaram os possíveis caminhos de evolução socioeconómica e as apostas para o município num horizonte temporal de 20 anos. Num segundo momento o processo de decisão alargado aos cidadãos, representativos dos vários quadrantes da comunidade local, para votar os objetivos que consideravam mais relevantes para se assumirem como uma aposta estratégica dos executivos camarários. A ligação entre alternativas de atuação local (eixos programáticos, projetos-âncora e ações estratégicas) e os critérios de avaliação (áreas de intervenção e objetivos estratégicos), pesando o impacto que cada projeto teria no alcance de cada objetivo estratégico, foi realizada pela equipa técnica dos planos estratégicos numa base de conhecimento técnico-científico.

Em suma, e citando Russo e Shoemaker (1993), o processo de tomada de decisão e implicitamente os processos de participação devem levar em linha de conta os objetivos específicos que pretendem alcançar (e que estão estritamente ligados com cada uma das fases de participação para a elaboração dos planos estratégicos municipais apresentados como casos de estudo neste trabalho): i) recolher informações dos factos necessários para tomar a decisão (corresponde ao primeiro processo de participação anteriormente enumerado); ii) estruturar a informação de modo a definir o que deve ser decidido e determinar que critérios diferenciam uma opção em relação a outra e iii) chegar a conclusões que sustentem a tomada de decisão (correspondem ao segundo processo de participação acima mencionado onde foram votadas os objetivos estratégicos). O autor enumera um quarto aspeto que está relacionado com os processos de aprendizagem que decorrem e devem decorrer de qualquer exercício de participação. O acompanhamento do processo permite ao decisor tirar ilações e corrigir eventuais desajustamentos durante o próprio exercício ou numa outra situação semelhante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Processos de Participação, Tomada de Decisão, Metodologias, Planeamento Estratégico.

**S1 - PS 8**

17:15 Parallel Session 8 (1h15m) 4 presentations (15 min each + 15 min debate)

DCSPT - Room 12.3.13

**Environment and Participation S1**

<i>Smartcoast – zonas costeiras inteligentes</i>	<i>Rui Lopes, MPRU - Universidade de Aveiro</i>
<i>Criação coletiva de caminhos para se tornar slow: o caso de uma pequena cidade do Brasil</i>	<i>Brendow de Oliveira Fraga, Universidade Federal de Viçosa, Brasil Magnus Luiz Emmendoerfer, Universidade Federal de Viçosa, Brasil Vânia Natércia Gonçalves Costa, Instituto Politécnico do Cavado e do Ave (IPCA) Abel Cardoso, Câmara Municipal de Vizela</i>
<i>A articulação do PDU e do ECOT na qualidade da FBCF das políticas de solo, ambiente, energia, território e urbanismo</i>	<i>Carlos Gaivotto, CARRIS</i>
<i>O contributo dos Conselhos de Região Hidrográfica para o debate sobre as alterações climáticas em Portugal</i>	<i>Adriana Matos Cabo, Faculdade de Ciências e Tecnologias, Universidade Nova de Lisboa Teresa Fidélis, GOVCOPP, DAO – UA</i>
<i>Chair: Teresa Fidélis</i>	

**S2 - PS 9**

17:15 Parallel Session 9 (1h15m) 4 presentations (15 min each + 15 min debate)

DCSPT - Room 12.2.12

**Collaborative Planning, Participation, Collective Evaluation and Decisions Making Process S2**

<i>The trial and errors towards a smart urbanity by the Smart City Kitchen</i>	<i>David Tuinzing, Smart city Kitchen</i>
<i>Regeneration of the old refugee settlement in Thebes: critical evaluation of the unique example of participation design in Greece, 36 years after its completion.</i>	<i>Sergios Strigklogiannis, NTUA - National Technical University of Athens, Greece</i>
<i>Public participation in post-flood resettlement schemes in Pakistan: success, failures, and lessons learn</i>	<i>Ali Jamshed, Institute of Spatial and Regional Planning (IREUS), University of Stuttgart, Stuttgart, Germany. Masood Ali Khan, Faculty of Spatial Planning, Technical University Dortmund, Germany Ardhi University, Dar es Salaam, Tanzania. Nikhil Agarwal* Ahsan Ali* Mayank Ostwal* * Infrastructure Planning Program, University of Stuttgart, Stuttgart, Germany.</i>
<i>Gathering environmental indicators through participatory science: The e-Planning approach</i>	<i>Pedro Ferraz de Abreu</i>
<i>Chair: Pedro Ferraz de Abreu</i>	



universidade de aveiro  
unidade de investigação em governança,  
competitividade e políticas públicas



**S2 - PS 10**

17:15 *Parallel Session 10 (1h15m) 4 presentations (15 min each + 15 min debate)*  
*DCSPT - Room 12.3.12*

***Self-organization in planning S2***

<i>Movimentos urbanos e cívicos de Fortaleza, Brasil, e suas relações com o público e o poder público.</i>	<i>José Otávio Braga, CSPT - Universidade de Aveiro</i>
<i>Plano de bairro no jardim Piratininga (Penha, São Paulo): desenho urbano e participatividade à luz do plano diretor estratégico</i>	<i>Mauro Claro* Ana Paula Calvo* Aya Saito* Breno Eitel Zylbersztajn* *Universidade Presbiteriana Mackenzie, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (São Paulo, Brasil)</i>
<i>Aprendizagens do urbanismo tático para a promoção da participação no planeamento do território</i>	<i>Catarina Isidoro * Fernando Nogueira * José Carlos Mota * * DCSPT - Universidade de Aveiro</i>
<i>Chair: Frederico Moura e Sá</i>	



## SmartCoast – Zonas Costeiras Inteligentes

*Rui Lopes (Aluno de Mestrado em Planeamento Regional e Urbano UA, Aveiro, Portugal)*

### RESUMO

A iniciativa SmartCoast tem como objetivo agregar competências tecnológicas à economia do mar, respondendo às necessidades da política da Região Centro e nacional para estes setores, através de Investigação & Desenvolvimento (I&D), formação e transferência de tecnologia aplicadas à inovação tecnológica com vista ao desenvolvimento de produtos. A iniciativa congrega esforços de oito entidades (Associações Empresariais, entidades SCT, Clusters e Comunidades Intermunicipais) que acordam em 3 princípios fundamentais para o desenvolvimento e demonstração de Novas Tecnologias TICE para o incremento da competitividade das entidades que atuam na Economia do Mar: Eficiência Coletiva, Inteligência Coletiva e Estruturação para o Crescimento Inclusivo. Pretende-se neste artigo abordar a origem e as motivações da iniciativa SmartCoast, as dinâmicas criadas, as entidades e os seus papéis complementares, a ligação à comunidade e os resultados obtidos, as intervenções efetuadas, as perspetivas, as orientações estratégicas de base, os modelos de governação adotados e algumas das aprendizagens que estão a ditar uma nova abordagem para atingir os objetivos da SmartCoast.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inovação Tecnológica, Crescimento Inclusivo, Governação.

## Criação Coletiva de Caminhos para se Tornar Slow: O Caso de uma Pequena Cidade do Brasil

*Brendow de Oliveira Fraga - Universidade Federal de Viçosa, Brasil  
brendow.fraga@ufv.br*

*Magnus Luiz Emmendoerfer - Universidade Federal de Viçosa, Brasil  
magnus@ufv.br*

*Vânia Natércia Gonçalves Costa - Instituto Politécnico do Cavado e do Ave (IPCA), Portugal  
vcosta@ipca.pt*

*Abel Cardoso - Arquiteto da Câmara Municipal de Vizela, Portugal  
abelcard@gmail.com*

### RESUMO

O movimento Cittaslow/Slow City consiste em modelo de desenvolvimento endógeno sustentável que orienta as cidades de pequeno porte para articulação de suas ações e políticas em torno de diretrizes como a preservação ambiental, ecologia e sustentabilidade; a produção e consumo conscientes; a valorização da cultura e identidade locais; o fomento à hospitalidade e a manutenção de uma malha urbana adequada (Mayer; Knox 2006). Além disso, a ideia do movimento é que as cidades de pequeno porte, entendidas pelos dirigentes do movimento como aquelas com população inferior a 50 mil habitantes, não se rendam à lógica de crescimento orientada pela racionalidade instrumental e pelo imperativo da eficiência, em que os indicadores decisivos para as ações municipais são exclusivamente a geração de divisas econômicas e renda (Cittaslow, 2016). Assim, no movimento slow, a qualidade de vida da população, isto é, o bem viver dos que habitam uma localidade conta como um importante critério para os processos decisórios em nível público e para a formulação das políticas públicas. Logo, o Slow City emerge como uma alternativa ecológica e humanista para promoção do bem-estar e da qualidade de vida nas cidades de pequeno porte (Carvalho, 2015). Sendo a qualidade de vida das pessoas o principal escopo na articulação das ações públicas das cidades que se inspiram nas diretrizes do movimento Slow, aponta-se o protagonismo comunitário como um elemento primordial, pois, se o projeto for apenas governamental e não público, de modo a envolver todo o conjunto de indivíduos que habitam uma localidade, o modelo Cittaslow se torna inócuo e se perde com o fim mandato do governante em exercício. Dessa forma o desenvolvimento de métodos participativos que de fato reflitam as demandas sociais dos munícipes de uma cidade que se pretende, ou se denomina Slow, representa uma peça fundamental para a elaboração de um plano inspirado nas diretrizes desse movimento. Nesta perspectiva, o presente trabalho pretende analisar a realidade de uma pequena cidade brasileira que pleiteia ingressar no movimento slow e para isso, sua gestão vem realizando esforços a fim de promover um planejamento público juntamente aos diversos segmentos da sociedade para articular a cidade nesse modelo de desenvolvimento. Diante da situação problematizada, pergunta-se: de que forma os atores podem ser mobilizados para a feitura de um planejamento público no contexto do movimento Slow City?

Como objetivo geral, pretende-se analisar o desenvolvimento de métodos para a mobilização dos diferentes atores de um município, a fim de qualificar o mesmo no contexto do movimento Slow City. Os resultados foram auferidos por meio de uma pesquisa qualitativa com caráter descritivo cujos principais instrumentos de coleta de dados foram observações de campo, entrevistas individuais e coletivas, bem como pesquisas documentais. Como principais resultados, aponta-se que o município vem realizando juntamente com os munícipes e com os pesquisadores que investigam a temática Cittaslow, um planejamento público inspirado nos aspectos do método de Planejamento Estratégico Situacional – PES. O PES consiste em uma forma mais abrangente de planejamento público, ao envolver os diversos segmentos da sociedade, e traz a participação

como categoria principal, tornando os métodos e a aplicação adaptáveis à situação vivenciada e dividindo-se em quatro momentos: explicativo (levantamento de informações e diagnóstico); normativo (criação de curso de ação); estratégico (viabilização do plano) e tático-operacional (aplicação) (Misoczky, 2011). Conclui-se que a utilização deste método ampliou as possibilidades do município em planejar suas ações a fim de se especializar como uma Slow City e possibilitou o maior envolvimento dos cidadãos sobretudo no que tange ao levantamento das informações necessárias para a elaboração de diagnósticos e na proposição de ações e compromissos futuros a serem assumidos pela cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimento *Cittaslow/Slow City*, Qualidade de Vida, Métodos Participativos, Planeamento Estratégico Situacional.

## A articulação do PDU e do ECOT na qualidade da FBCF das políticas de solo, ambiente, energia, território e urbanismo

*Carlos Gaivoto, Eng<sup>o</sup> e Mestre em Transportes, CARRIS  
carlos.gaivoto@carris.pt*

### RESUMO

Sem um código de urbanismo e sem agências de urbanismo em Portugal, dificilmente se conseguem fazer interacções/estudos tão importantes como a integração da geografia das deslocações nos processos de avaliação de ordenamento do território e evolução dos usos do solo, em particular, na qualidade da sua FBCF (Formação Bruta de Capital Fixo). O paradigma francês, talvez porque nos anos 60 com a dispersão urbana, antecipou o que aconteceria em Portugal 30 anos mais tarde, na formação de grandes aglomerações urbanas na sua faixa litoral, hoje, já com necessidade de definição das comunidades intermunicipais; pode trazer algumas referências instrumentais de como se deve intervir no ordenamento do território e no urbanismo (<http://www.aurba.org/Etudes/Documents-d-urbanisme>). Avaliando os aspectos essenciais da qualidade e eficiência do seu funcionamento e parametrizando o futuro, através dos PDUs (Planos Deslocação Urbana) e ECOT (Esquema de Coerência Territorial), a França coloca no seu trajecto do “Grenelle Environnement”, a prioridade e a utilidade social do investimento público em projectos de TCSP (Transporte Colectivo em Sítio Próprio) como forma de requalificar o espaço urbano, eficiência energética, diminuição da poluição e de industrializar emprego nas cidades e nas regiões. No caso português, a lei 1/2009 das Autoridades Metropolitanas de Transporte (AMT), já consagra os PDUs perspectivando a sua articulação com os PDMs e pronunciando as condições de aplicação desta metodologia noutras AOTU (Autoridades Organizadoras do Transporte Urbano) e CIM (sub-regiões). Ora, se é um facto que a lei 31/2014 de 30 de Maio traz ou trata a necessidade de ampliar os tradicionais PMOT para o âmbito intermunicipal, ou mais sub-regional, escamoteando a questão da regionalização, dando mais a entender que tudo isto é feito para se garantir as condições de aplicabilidade às candidaturas para o “Acordo de Parceria Portugal 2020” (que qualidade do investimento?); permanecem várias questões que os PROTs e PMOTs, por si só, não têm sabido responder, como por exemplo, como se devolve sustentabilidade a um território (demografia, economia, geografia das deslocações)? E como é que se pode definir um quadro prospectivo até 2030? Ou que qualidade de FBCF se pretende num país com exagerada dependência energética em combustíveis fósseis e a não saber conduzir a necessária reabilitação urbana e reconversão dos respectivos sistemas de deslocações e transportes? A estas questões, o balanço dos PROTs, PDMs, PUs e PPs têm configurado desperdício. A lei que até no seu artigo 3º (§2, alínea a) defende o princípio de precaução, não consegue assegurar o desenvolvimento sustentável só pelos instrumentos existentes (PROTs e PMOTs). É neste sentido que o autor pretende colocar à consideração o instrumento do PDU e do ECOT, no “léxico” do urbanismo e do ordenamento do território em Portugal, apresentando a defesa da necessidade de criação de agências de urbanismo ao nível do território e dalguns exemplos das funções e responsabilidades a partir do paradigma da Agência de Urbanismo de Bordéus e de Strasbourg (neste último caso, com a realização dum ECOT transfronteiriço), nomeadamente as vantagens da separação das funções de planeamento e da gestão nos municípios, no quadro da política pública de ordenamento e urbanismo em Portugal. A questão da contratualização do planeamento (artº47º) e a forma como se elaboram e aprovam estes planos territoriais (artº48º) continuam aquém duma urgência de perspectivar o desenvolvimento sustentável, onde a qualidade da recolha e tratamento da informação geográfica, incluindo a mobilidade e transportes, são os trunfos hoje utilizados na qualidade da FBCF do território. Por isso, o autor defende a metodologia do PDU e do ECOT ser articulada (Agências de Urbanismo) com os PMOT e PROT (CIM e Regiões).

**PALAVRAS-CHAVE:** AOTU, ECOT, FBCF, PDU, PMOT, PROT.

## O contributo dos Conselhos de Região Hidrográfica para o debate sobre as alterações climáticas em Portugal

*Adriana Matos Cabo, Faculdade de Ciências e Tecnologias, Universidade Nova de Lisboa, amatoscabo@gmail.com*

*Teresa Fidélis, GOVCOPP, Departamento de Ambiente e Ordenamento, Universidade de Aveiro, teresafidelis@ua.pt*

### RESUMO

A água é um dos principais elementos através do qual as alterações climáticas podem traduzir impactos na população, nas atividades económicas e sociais, e nos ecossistemas. A subida do nível médio do mar e as alterações previstas nos regimes de temperatura, precipitação e de escoamento afetam a quantidade e qualidade das disponibilidades de água, condicionam todos os usos de água e, em algumas regiões, acentuam os fatores de risco de situações de inundações e secas. Uma abordagem participativa é o único meio de alcançar ações, acordos e consensos de longa duração no que concerne à adaptação às alterações climáticas. É importante que as autoridades e dos diversos stakeholders reconheçam que a gestão adaptativa dos recursos hídricos em matéria de alterações climáticas constitui uma responsabilidade transversal com efeitos diretos sobre outros utilizadores e sobre os ecossistemas. Este estudo analisa de que forma a temática das alterações climáticas têm sido abordada pelos Conselhos da Região Hidrográfica (CRH), órgão consultivos para a governação da água ao nível das regiões hidrográficas, onde estão representados os principais interesses afectos a este sector. O estudo analisa o modo como as actas dos CRH incorporam temáticas relacionadas com as alterações climáticas e compara os resultados com os evidenciados pelos Planos de Gestão de Bacia Hidrográfica (PGBH) e os respetivos Relatórios de Participação Pública (RPP). A metodologia utilizada baseou-se numa análise quantitativa de um conjunto de termos associados às alterações climáticas nos documentos referidos. Os resultados mostram que debates dos CRH não revelaram ter dedicado especial atenção à problemática das alterações climáticas pese embora o seu potencial para debaterem assuntos tão relevantes para a governação da água e para a responsabilização dos diversos interesses associados. Em comparação, os resultados obtidos a partir dos PGBH e dos RPP mostram que utilização dos termos sobre alterações climáticas é ligeiramente superior, em especial dos segundos. Estes resultados sugerem que a temática das alterações climáticas está a mobilizar maior atenção por parte da participação pública, relativamente ao revelado pelos PGBH ou mesmo pelos debates ocorridos nos CRH. Percebe-se assim, que há ainda um esforço acrescido a desenvolver para que rede de stakeholders seja capaz de catalisar a atenção dos utilizadores da água e da sociedade em geral sobre a importância dos impactes das alterações climáticas e as suas implicações no domínio dos recursos hídricos e mobilizar a adopção de estratégias de utilização mais adequadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Participação, Alterações Climáticas, Gestão de Recursos Hídricos, Conselhos da Região Hidrográfica.

## The trial and errors towards a smart urbanity

David Tuinzing, Amsterdam, The Netherlands  
david@smartcitykitchen.com

### ABSTRACT

The Smart City Kitchen is an independent consultancy company that is engaged in making smarter and more livable cities. How can we make cities and regions more livable and economically stronger? By the collaboration between different sectors and stakeholders around a common urban need, we do think that we can fulfill our mission. Technical aids, Places and urban Spaces can be of great value by the realization of the mission. **Smart City Kitchen - connection the needs around a shared future** - The idea of how the future of the city must look like is definitely not set by the spatial consultant, real estate developer or the municipality alone! Nowadays the future of the city is the result of collaboration with citizens and experts from different backgrounds around a shared ambition. This common approach is, due to the Smart City Kitchen method, important for the sustainability of the plans. The experts go on from project to project, and the citizens & entrepreneurs remain in their beloved city with sense for the city (citisense)...It is their future, they must own it and take care of it with pride! The ambition of the Smart City Kitchen is; creating meaningful urban communities, as a key factor for cities which are in a Smart and Circular transition! Communities, the collaboration and the commitment of the stakeholders to their shared future is the fundament towards the smart and circular urbanity. Technical products, and real estate programs (places and spaces) do facilitate the common ambition. Why? We want to create a city development which does contribute to the social economic ambition of the municipality, the stakeholders and mostly is an abstract of the unique identity of the city/district.

**KEYWORDS:** Stakeholders, Urban Communities, Smart and Circular Urbanity.



## Regeneration of the old refugee settlement in Thebes Critical evaluation of the unique example of participation design in Greece, 36 years after its completion.

*Sergios Strigklogiannis, Ph.D. candidate, Department of Architecture,  
National Technical University of Athens, Greece*

### ABSTRACT

The refugee settlement of Thebes was first constructed in 1926 to house Greek refugees from Asia Minor and is located North-East part of the city close to its centre. In 1985, the settlement consisted of 296 residential buildings, inhabited from a community of 750 residents, who over the years developed specific social ties, relationships and community bonds. The general deterioration of the build environment in the neighbourhood, both in architectural and urban level, in conjunction with the specific social characteristics (poverty, , marginalization, unemployment, low percentages of working women etc.), lead to the decision for a regeneration project. The architectural team (under the guidance of Professor NTUA, Anni Vrychea), taking account of the important social relationships and links of the community, decided to apply for the first time in Greece an experimental project, that would involve the community in all phases of the regeneration (planning, design, construction and management). The basic targets of the project as described from the team were:

- a) To make all the essential architectural and urban design interventions, without destroying the existing social bonds and all the elements that support them.
- b) To give answers to the various aspects of poverty (unemployment, underemployment of women, lack of social services), that would be part of the regeneration program.
- c) To reactivate the community, in order to give, through an effective participatory process, an answer to the problem of the regeneration.

With the use of different methodologies (such as community meetings, the creation of a meeting point for the community, trips with the residents to other participatory design projects abroad etc.) the architectural team, tried and managed to involve the community to the decisions and design processes, setting as initial goal the reconstruction of all 295 residential buildings of the settlement. The final outcome of the project was the reconstruction of 10 residential houses and other 65 reconstruction studies were already planned but never carried out, when the project stopped in 1990 because of funding issues.

**36 years later** - Aim of the paper is to present the current situation of the settlement and its community, 36 years after the completion of the regeneration project and also critically evaluate the results and the affects of the project to them. Specifically, the objectives of the current study are structured in three parts. The first part is to present in detail the unique participatory design project in Greece (the methodologies used for the involvement of the community, the problems that were generated during the planning and the construction and finally the reasons of the interruption of the project before its completion). The second part is to present and analyse the current situation in architectural, urban and social level and finally the third part will be to critically evaluate the regeneration program juxtaposing the current conditions with the situation before the project.

**KEYWORDS:** Participatory Planning, Participatory Design, Regeneration, Urban Planning, Urban Design, Corporate Design, Bottom-up, Greece, Thebes.

## Public participation in post-flood resettlement schemes in Pakistan: Successes, failures and learning lessons

*Ali Jamshed, Institute of Spatial and Regional Planning (IREUS), University of Stuttgart,  
Germany*

*ali\_jam89@hotmail.com*

*Masood Ali Khan, Faculty of Spatial Planning, Technical University Dortmund, Germany  
and Ardhi University, Dar-es-Salaam, Tanzania*

*plannermasood@gmail.com*

*Nikhil Agarwal\**

*nikhil2319@gmail.com*

*Ahsan Ali\**

*ahsan.ali078@gmail.com*

*Mayank Ostwal\**

*mayankostwal07@gmail.com*

*\* Infrastructure Planning Program, University of Stuttgart, Stuttgart, Germany*

### ABSTRACT

Public participation is vital to harness the full potential of planning projects and for its successful implementation. The purpose of the research is to study public participation at various stages of post-flood resettlement processes in Pakistan. The paper presents a contrast between resettlement schemes developed by Non-governmental Organization (NGO) and the government authorities. Success of projects are evaluated by comparing the situation at the time of development in 2011 and at present. This paper utilizes qualitative approach as a key research methodology to investigate the role of public involvement in success of resettlement schemes. Two resettlement schemes in the district Muzaffargarh of the province of Punjab are selected as case study areas. Primary data was collected by conducting structured interviews with PDMA authorities and NGO members. Household surveys were employed to investigate the ground level situations. The study analyzes various stages of public participation in resettlement process viz., selection of flood victims, site selection, planning and design of village layout, planning and design of houses, provision of facilities and services, construction of model village, monitoring of model village and livelihood planning. The research suggested that level and strategy of public participation in both case studies differs a lot. It was found that the efforts made by NGOs achieved positive realizations due to effective community involvement strategies whereas the governmental approach had various loopholes in providing sustainable resettlements. Furthermore, results suggested that full community involvement at every stage of resettlement process engenders meaningful and sustainable outcomes. A model is proposed for 'sustainable resettlement' which engulfs the dimensions of hazard assessment, resilient development, economic upliftment of the affected households and provision of basic infrastructure services under the umbrella of public participation. The paper concludes with the lessons to be learned from such post-disaster events.

**KEYWORDS:** Flood, Resettlement, Community Participation, Pakistan.

## Gathering environmental indicators through participatory science: The e-Planning approach

*Pedro Ferraz de Abreu, UA - Universidade de Aveiro, Dept. Ciências Sociais, Políticas e do Território, MIT- Dept. of Urban Studies and Planning, CITIDEP - Research Center on Information Technologies and Participatory Democracy  
pfa@mit.edu*

### ABSTRACT

Air pollution in Europe is causing alarming increases in respiratory diseases. Specially among children and other vulnerable population. To help policy makers justify difficult decisions on pollution, scientists need to correlate these with indoor, outdoor and personal exposure data. But to gather extensive personal exposure data, through the specialized agencies, is a heavy burden - and expensive. This is preventing its large scale implementation. Policy makers need also to raise awareness on air pollution, to gain citizen support to set in place good policies to curb pollution. Besides the importance of informed political support, citizen behavior and citizen engagement is part of the problem and its educated improvement must be part of the solution. Political leaders agree on the strategic need to promote citizenship in the European Union. But, traditional approaches clearly do not produce sustained results, in schools or elsewhere. Schools seek ways to raise the quality of learning through experimental science and promoting social responsibility, but finding the right approach to motivate students remains a challenge.

The e-Planning ([www.e-planning.org](http://www.e-planning.org)) approach to bring it all together was EuroLifeNet program ([www.eurolifenet.org](http://www.eurolifenet.org)). The objective was to build, test and characterize an innovative 'participatory science' methodology for the collection of data on personal exposure to particulate matter, in conditions that satisfy the needs of scientists and decision makers: with the required data rigor and trustworthiness, sampling coverage adequacy, financial and institutional sustainability and raising awareness of the citizens.

**KEYWORDS:** Pollution, Citizen Engagement, E-planning, Participatory Methodology.

## Movimentos urbanos e cívicos de Fortaleza, Brasil, e suas relações com o público e o poder público

*José Otávio Braga – DCSPT, Universidade de Aveiro  
zeh.ot.sab@gmail.com*

### RESUMO

Em junho de 2013, imensos protestos ocorreram em diversas cidades do Brasil em protesto contra a organização da Copa do Mundo FIFA 2014 e a prioridade dada a essa pelos diferentes níveis de governo, em contraposição aos investimentos mais básicos e ainda carentes que o país tanto necessita. Naquele momento, as enormes manifestações, sem lideranças aparentes e convocadas por meio das redes sociais, ficaram conhecidas como “Jornadas de Junho”. Apesar de noticiadas em todo o mundo e terem forçado um pronunciamento da presidente em rede nacional com propostas que respondessem a parte das reivindicações, os encaminhamentos não foram suficientes e em pouco a realidade brasileira se alterou, além do esvaziamento dos protestos após violentas repressões policiais. Por outro lado, se há algo que pode ser considerado um resultado indireto – ou direto – desses eventos, é o fato de que muitas pessoas “despertaram” politicamente a partir desse ponto. Perceberam a necessidade de reivindicação de políticas públicas e seus direitos estabelecidos e a serem conquistados. Assim, aqueles que já não se satisfaziam mais em serem “ativistas de sofá” – ou de redes sociais – logo passaram a se organizar pelas mais diversas causas e nas mais diversas formas.

O presente artigo objetiva analisar as condições de formação, as estruturas organizacionais e a maneira de se relacionar com o poder público, dos movimentos urbanos voltados à reivindicação das diversas dimensões do “Direito à Cidade”, especialmente os surgidos a partir de 2013, na cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará com mais de 2 milhões e meio de habitantes, no nordeste do Brasil. Movimentos ambientais, cicloativistas, feministas, pelo direito à moradia, pela defesa do patrimônio histórico, pela humanização do espaço público, sejam eles organizados em coletivos, movimentos horizontais, associações sem fins lucrativos, laboratórios, grupos de estudos, grupos efêmeros ou contínuos, são algumas das formas e conteúdos de organização desses movimentos. No entanto, mais importante do que contextualizar esses grupos é a análise de seus aspectos e características – capacidade mobilizadora, rede relacional, recursos de conhecimento – e como percebem a questão da participação pública e comunitária no planejamento das políticas públicas da cidade de Fortaleza – CE, em busca de verificar em que nível – da não participação ao controle cidadão – é ela percebida por esses agentes populares transformadores e reivindicadores do Direito à Cidade. Assim, espera-se esboçar uma breve análise sobre a estrutura de alguns movimentos urbanos e populares e suas relações institucionais com a Prefeitura Municipal de Fortaleza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fortaleza, Movimentos Urbanos; Prefeitura de Fortaleza, Participação, Estrutura.

## Plano de bairro no Jardim Piratininga (Penha, São Paulo): desenho urbano e participatividade à luz do Plano Diretor Estratégico

Mauro Claro (autor para correspondência)<sup>a</sup>

mauro.claro@mackenzie.br

Ana Paula Calvo<sup>a</sup>

pacalvinho@gmail.com

Aya Saito<sup>a</sup>

ayasait@gmail.com

Breno Eitel Zylbersztajn<sup>a</sup>

breno.eitel@gmail.com

<sup>a</sup> Universidade Presbiteriana Mackenzie, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (São Paulo, Brasil)

### RESUMO

Este estudo descreve o estabelecimento de uma colaboração entre o grupo de pesquisa “Questões Urbanas” e os atores sociais do bairro Jardim Piratininga, localizado na subprefeitura da Penha, zona leste do município de São Paulo. O bairro é situado na várzea do Rio Tietê, numa área encapsulada entre um ramal ferroviário e os limites do Parque Ecológico, e caracteriza-se por uma urbanização precária e informal, com poucas áreas formais servidas por infraestrutura completa, mas mesmo assim também parcialmente vulneráveis. A finalidade da colaboração é o desenho de um plano urbano no nível do bairro com a participação direta dos moradores. Compreende-se plano de bairro como instrumento urbanístico de escala local, previsto no atual Plano Diretor Estratégico da cidade de São Paulo e cuja elaboração, na medida em que for pautada pelo instrumento da democracia participativa, definido no Estatuto da Cidade, poderá contribuir para a garantia da função social da cidade e da propriedade urbana. Compreende-se gestão democrática como a participação, para decidir objetivos territoriais, de setores sociais cuja manifestação política em geral se restringe às eleições previstas no Sistema Eleitoral Brasileiro. A participação democrática tem por objetivo dar conta do diálogo entre os níveis técnicos e os atores sociais envolvidos, formulando um ambiente de comunicação válido. Nesse sentido, a definição dos papéis a serem desempenhados pelos participantes dessa negociação democrática será de fundamental importância e dar-se-á, possivelmente, em torno de quais atores serão convidados ao diálogo, e como serão validados. Trata-se de critérios a serem construídos em comum e que, por eles mesmos, determinarão a possibilidade ou não da democracia. O estudo é fundado também nas metodologias conhecidas como ‘pesquisa-ação’, quando o pesquisador se associa aos atores da ação para produzir o conhecimento necessário à solução do problema. Trata-se de uma abordagem integradora motivada pela solicitação de lideranças que buscavam apoio para a elaboração técnica de demandas relativas a melhorias urbanas e à integração à cidade formal. Os instrumentos desenvolvidos nessa aproximação serão discutidos neste estudo:

1. Frequência no território em visitas reiteradas na duração do projeto
2. Elaboração de cartografia em colaboração com o Poder Público
3. Elaboração de maquete 1:1000 para utilização nas reuniões com moradores
4. Encontros regulares com lideranças para construção de narrativa comum, mapas afetivos e participação em eventos de governança pública
5. Realização de oficinas de capacitação técnica para lideranças, alunos de graduação e pós-graduação
6. Realização de atividade
7. Colaboração com Secretaria de Habitação (SEHAB) na definição de procedimentos da regularização fundiária e estabelecimento de convênio formal com essa finalidade.

A utilização do instrumento plano de bairro como forma de viabilização das demandas (parte das quais encaminhadas ao Poder Público ao longo das décadas precedentes pelas lideranças locais) foi confrontada com a necessidade primordial da regularização fundiária. Tal precedência é prevista pelo Plano Diretor Estratégico (Lei 14.050/2014) para áreas de ZEIS-1 e integra o espírito da própria legislação fundiária federal, sendo assim obrigatório que planos de bairro incluam a regularização como premissa. Plenárias públicas com chamamento à população interessada na regularização foram realizadas em conjunto com a SEHAB; o grupo de pesquisa participou, a convite da SEHAB e das lideranças locais, da elaboração das estratégias para as etapas de regularização que se transformam agora em etapas de regularização visando o posterior plano de bairro.

Ocorre, ao longo do processo descrito, uma reavaliação cujo resultado é integrar a regularização como a primeira medida de um plano de bairro em área irregular, mas também a percepção da necessidade de utilizar-se das plenárias públicas inerentes ao processo de regularização como plataforma inicial da discussão do futuro plano de bairro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desenho Colaborativo, Metodologias Pesquisa-Ação.



## Aprendizagens do urbanismo tático para a promoção da participação no planeamento do território

Catarina Isidoro, Mestre em Planeamento Regional e Urbano, Bolseira do Projeto CPIP - *Community Participation in Planning*, DCSPT – UA  
 catarina.isidoro@ua.pt

Fernando Nogueira <sup>a</sup>, Co-coordenador do Projeto CPIP - *Community Participation in Planning*  
 f.nogueira@ua.pt

José Carlos Mota <sup>a</sup>, Coordenador do Projeto CPIP - *Community Participation in Planning* <sup>a</sup>  
 jcm@ua.pt

<sup>a</sup> Dep. de Políticas Sociais, Políticas e do Território, GOVCOPP, Universidade de Aveiro

### RESUMO

Em Portugal, o planeamento é uma responsabilidade da administração pública, e durante muito tempo seguiu o paradigma da abordagem *blueprint*, centrado nas questões físicas e de uso do solo. Esta abordagem de planeamento físico tradicional tem sido incapaz de fornecer a orientação de desenvolvimento esperada, e dificilmente pode ter uma influência directa na dinâmica socioeconómica. Embora a participação pública seja obrigatória, e tenham sido tomadas medidas para promover o envolvimento prévio e mais amplo dos cidadãos no processo de elaboração dos planos, não existem orientações metodológicas claras para a sua implementação. Por conseguinte, os processos de participação pública são conduzidos apenas para cumprir os regulamentos jurídicos, pelo que, regra geral a administração pública não promove proactivamente o envolvimento dos cidadãos na deliberação coletiva sobre o futuro de seus territórios. A dispersão e descontinuidade dos momentos de consulta pública são prejudiciais para a organização e capacitação das comunidades no processo de reflexão e decisão sobre o seu futuro. Consequentemente, os resultados do processo de planeamento saem enfraquecidos em termos de legitimidade e democracia, e é desperdiçado o potencial de aprendizagem e inovação social que lhes deve estar associado.

Perante a ausência ou ineficácia das arenas públicas para discutir o futuro das cidades ou responder aos problemas urbanos, surgiram várias experiências bottom-up de urbanismo tático, também referidas como "guerrilha urbana", "*urban pop up*", "*city repair*" ou "*urbanism DIY*". São intervenções conduzidas pelos cidadão, de pequena escala e de curto prazo, que têm como objectivo inspirar mudanças a longo prazo. Neste artigo, discutiremos o potencial destas intervenções para promover a participação pública e a forma como estas práticas flexíveis, experimentais e colaborativas podem inspirar novas abordagens participativas no planeamento tradicional. Baseamo-nos nas intervenções documentadas em todo o mundo para avaliar e debater as aprendizagens da implementação do projecto-piloto "Vivó Bairro" promovido em Aveiro, no âmbito do Programa Erasmus + CPIP - "Participação das Comunidades no Planeamento".

**PALAVRAS-CHAVE:** Participação, Aprendizagem Colaborativa, Urbanismo Tático, Vivó Bairro.

**24 February 2017 (Friday)**

**S3 - PS 11**

11:00 Parallel Session 11 (1h) 3 presentations (15 min each + 15 min debate)

DAO Auditorium

**Governance in Spatial Planning S3**

<i>A participação na elaboração de planos estratégicos educativos municipais: desafios e potencialidades</i>	<i>Neves et all, DEP + DCSPT – UA</i>
<i>A produção do espaço urbano a partir da política habitacional do programa “minha casa minha vida”: integração ou fragmentação?</i>	<i>Rafael Alves Orsi, Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara, SP</i>
<i>Ambiente construído, mobilidade e comportamento de saúde em estruturas residenciais para pessoas idosas</i>	<i>Gonçalo Santinha, GOVCOPP, DCSPT-UA Ana Serra, ESSUA-UA Maria Piedade Brandão, CINTESIS, ESSUA - UA</i>
<i>Chair: Gonçalo Santinha</i>	

**S3 - PS 12**

11:00 Parallel Session 12 (1h) 3 presentations (15 min each + 15 min debate)

UA Bookstore Auditorium

**Self-organization in planning S3**

<i>Os movimentos auto organizados e o seu desempenho no orçamento participativo de Lisboa</i>	<i>Maria da Graça Moreira* Jose Luís Crespo* Ana Rita Queirós* *GEU, CIAUD-FA U. Lisboa</i>
<i>O Papel da Sociedade Civil no Planeamento Territorial em Ilhabela. Revisão do Gerenciamento Costeiro como Caso de Estudo</i>	<i>Isabella Rusconi. AEAI. Ilhabela Carlos Pedro Sant’Ana. AEAI. Ilhabela</i>
<i>S. Geraldo Cultural - movimento em defesa de um teatro de Braga ameaçado</i>	<i>Luís Tarroso Gomes</i>
<i>Chair: Luís Tarroso Gomes</i>	

**S3- PS 13**

11:00 Parallel Session 13 (1h) 3 presentations (15 min each + 15 min debate)

DCSPT - Room 12.3.12

**Public Participation in Spatial Planning S3**

<i>A participação em políticas territoriais</i>	<i>Carlos Rodrigues</i>
<i>Experiência de planeamento participativo em contexto escolar</i>	<i>Helda Mendes Ramalho, HLAND – Consultores, Lda; Porto, Portugal</i>
<i>Projetos e planos educativos municipais: princípios de ação estratégica</i>	<i>Jorge Adelino Costa* Rui Neves* Rui Vieira* António Neto Mendes* Gabriela Bento* *Departamento de Educação e Psicologia, Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores – Universidade de Aveiro José Manuel Oliveira, Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores – Universidade de Aveiro</i>
<i>Chair: João Marques</i>	

## A participação na elaboração de Planos Estratégicos Educativos Municipais: desafios e potencialidades

Rui Neves <sup>a</sup>  
 Jorge Adelino Costa <sup>a</sup>  
 Rui Vieira <sup>a</sup>  
 António Neto Mendes <sup>a</sup>  
 Gabriela Bento <sup>a</sup>

<sup>a</sup> Departamento de Educação e Psicologia, Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores – Universidade de Aveiro  
 José Manuel Oliveira, Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores – Universidade de Aveiro

### RESUMO

Com a presente comunicação é nossa intenção dar ênfase à elaboração dos Planos Estratégicos Educativos Municipais (PEEM) como uma das situações de contexto em que a participação adquire um significado acrescido e onde uma apropriação genuína por parte das entidades e agentes locais envolvidos é determinante. É nosso objetivo contribuir para aprofundar a reflexão no sentido de identificar desafios e antecipar respostas qualificadas com impacto na área da Educação. Convictos de que qualquer plano em matéria de Educação deve estar sintonizado com os desafios locais e regionais, é fundamental que o processo de elaboração, revisão e monitorização do PEEM reflita a pluralidade de vozes e olhares sobre a Educação. Partindo da nossa experiência e envolvimento na elaboração de PEEM, defendemos um conceito alargado de participação como estratégia de sucesso para construir uma visão ampliada dos processos, problemas e possibilidades da Educação em cada território. Acreditamos que só assim se legitimam decisões e se geram compromissos e responsabilidades com o que é planeado, comprometendo os responsáveis locais e a comunidade com a sua execução, acompanhamento e monitorização. Conscientes da importância da participação cidadã regular e estratégica no processo de elaboração, revisão e monitorização dos PEEM, entendemos que o envolvimento alargado das forças vivas dos municípios tem sido crucial na elaboração dos PEEM em que nos envolvemos. Como a reflexão sobre formas de assegurar uma participação e envolvimento mais alargados de todos os agentes locais deve estar na ordem do dia, focar-nos-emos em concreto nos principais desafios e potencialidades de fazer da Educação uma responsabilidade efetiva de todos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Plano Estratégico Educativo Municipal, Participação, Legitimação.

## A Produção do Espaço Urbano a partir da Política Habitacional do Programa “Minha Casa Minha Vida”: integração ou fragmentação?

Rafael Alves Orsi. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara, SP. Departamento de Antropologia, Política e Filosofia.  
r.orsi@fclar.unesp.br

### RESUMO

Em 2009 o governo federal brasileiro lançou o Programa “Minha Casa Minha Vida” estabelecendo as bases de uma ampla política habitacional no país, após mais de duas décadas de ausência de programas habitacionais sistematizados de âmbito federal. Com o intuito de, primeiramente criar uma política anticíclica para a crise econômica de 2008 e, ao mesmo tempo, estruturar uma política habitacional suficientemente abrangente para combater de forma significativa a falta de moradias nas cidades brasileiras, estimada naquele momento em 6,4 milhões de unidades habitacionais, o programa contou com grande aporte de recursos públicos como forma de subsidiar a aquisição das casas e apartamentos construídos a partir do programa. A despeito de sua importância, os resultados do programa têm sofrido duras críticas em diferentes clivagens. Se, por um lado, no âmbito da unidade habitacional critica-se o tamanho das casas e apartamentos bem como a qualidade do projeto, os materiais utilizados e sua execução, por outro lado, em uma visão macro, as críticas são ainda mais severas no que tange a localização periférica dos empreendimentos, a falta de serviços públicos e privados, o comércio incipiente e, de certa forma, o isolamento de um conjunto de pessoas já vulneráveis. A partir desse contexto, objetiva-se com este trabalho discutir como a política habitacional brasileira do Programa “Minha Casa Minha Vida”, tem gerado espaços segregados nas cidades, sujeitos à estigmatização e contribui de maneira limitada para romper com ciclos de pobreza e exclusão. As duas premissas básicas que orientam o trabalho vinculam-se: i) à localização dos empreendimentos, os quais são segregados e distantes das áreas centrais das cidades melhor servidas de infraestrutura e, também, ii) à sua proximidade com áreas já empobrecidas e vulneráveis nas cidades, avolumando grupos vulneráveis em regiões específicas. Para o desenvolvimento do trabalho selecionou-se cinco conjuntos habitacionais na região do Selmi Dei V na cidade de Araraquara/SP/Brasil e um conjunto habitacional no bairro jardim Graminha na cidade de Leme/SP/Brasil, ambas as cidades localizadas no interior do Estado de São Paulo e com financiamento do Programa “Minha Casa Minha Vida”. A partir da interpretação dos dados, evidencia-se que o programa habitacional brasileiro apresenta limitações claras em conseguir romper com o ciclo de pobreza e segregação e, ao trazer objetivos econômicos em sua gênese, fortalece o valor de troca e a extração de renda da terra urbana, fortalecendo a fragmentação das cidades, deixando claro a falta de diálogo entre a política habitacional e a política urbana do país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Política Habitacional, “Minha Casa Minha Vida”, Grupos Vulneráveis, Segregação.

## Ambiente Construído, Mobilidade e Comportamento de Saúde em Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas

Gonçalo Santinha, GOVCOPP, DCSPT, Universidade de Aveiro, Portugal  
g.santinha@ua.pt

Ana Serra, ESSUA, Universidade de Aveiro, Portugal  
apserra@ua.pt

Maria Piedade Brandão, CINTESIS, ESSUA, Universidade de Aveiro, Portugal  
mpiedade@ua.pt

### RESUMO

**Enquadramento:** No contexto da atual crise económica e social, o envelhecimento populacional constitui um desafio acrescido, fator sublinhado por diversas instâncias internacionais. Neste âmbito, este fenómeno tem suscitado inúmeros debates, não só com o intuito de se adotar uma lógica de intervenção mais direcionada para um envelhecimento ativo, mas também no que respeita à necessidade de se encontrarem soluções capazes de gerir as limitações físicas e cognitivas associadas à idade. Apesar da tendência atual, do ponto de vista discursivo, defender a ideia do envelhecer na comunidade (*ageing in place*), os equipamentos de apoio à população idosa representam a resposta tradicional (mas parcial) para lidar com esta problemática. Esta visão estereotipada e redutora do que significa envelhecer, motivou a população (em geral) e algumas políticas (em particular) a considerar estes equipamentos enquanto “depósitos” de pessoas idosas. E embora se reconheça que as implicações do ambiente urbano nas relações e qualidade de vida desta população tendem a aumentar com a idade, este é um fator que tem merecido um menor destaque nos processos de tomada de decisão, principalmente no âmbito do planeamento de equipamentos de apoio a pessoas idosas.

**Objetivo:** Procura-se, com este estudo, compreender em que medida o ambiente construído envolvente às Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPI), tem influência na mobilidade e comportamento de saúde dos seus utentes. Pretende-se, em concreto: analisar a perceção que os profissionais e as pessoas idosas têm acerca do ambiente construído na mobilidade destas últimas; comparar o contexto envolvente das ERPI do meio urbano com o meio rural; verificar se existem diferenças de género e das características sociodemográficas na mobilidade e comportamento de saúde; analisar a perceção dos profissionais relativamente à mobilidade. Procura-se, também, reforçar o argumento de que a auscultação deste grupo populacional revela-se fundamental para os processos de tomada de decisão.

**Metodologia:** Metodologia de natureza exploratória (em curso), que adota a estratégia de estudo de caso. Os dados encontram-se a ser recolhidos em quatro ERPI do concelho de Leiria, localizadas em meio rural e urbano. Foi realizado um mapeamento do contexto envolvente das ERPI, com recurso a um mapa e uma grelha de observação, criada para o efeito. A análise da perceção pelas pessoas idosas e pelos profissionais sobre o ambiente construído, está a ser realizada através de entrevistas semiestruturadas. No total serão entrevistados 36 utentes e oito profissionais. Adicionalmente, será aplicado aos utentes um Questionário de Atividade Física Habitual (QAF) validado para a população Portuguesa. Os dados quantitativos serão sujeitos a análises estatísticas e os dados qualitativos a análise de conteúdo.

**Resultados:** Antevê-se que embora os ambientes construídos em redor das ERPI apresentem várias barreiras à mobilidade pedonal, estas sejam apontadas somente por um número reduzido de pessoas idosas em muito devido ao facto de estas não se deslocarem para fora das ERPI. Prevê-se, ainda assim, a existência de diferenças nos contextos envolventes das instituições do meio urbano e do meio rural, designadamente no acesso a serviços de proximidade.

Antevê-se, também, corroborando outros estudos existentes, que à medida que a idade dos participantes aumenta diminui a mobilidade e, conseqüentemente, a atividade física, sendo as mulheres a evidenciar menos mobilidade relativamente aos participantes homens.

**Implicações:** É cada vez maior o reconhecimento de que as pessoas idosas são muito sensíveis quanto à qualidade do ambiente urbano, com repercussões ao nível da sua mobilidade. Deste modo, o planeamento e o desenho do espaço envolvente revelam especial importância para a sua qualidade de vida. Contudo, para que se verifique uma maior participação da população idosa na comunidade local, é importante incluir nos processos de tomada de decisão informação baseada nas experiências e motivações deste grupo etário, designadamente dos que menos voz têm: as pessoas idosas institucionalizadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ambiente Construído, ERPI, Mobilidade, Pessoas Idosas.



## Os movimentos auto organizados e o seu desempenho no orçamento participativo de Lisboa

*Maria Graça Moreira, gmoreira@fa.ulisboa.pt <sup>a</sup>*

*José Luís Crespo, jcrespo@fa.ulisboa.pt (para correspondência) <sup>a</sup>*

*Ana Rita Queirós, anaqueiros.ciaud@fa.ulisboa.pt <sup>a</sup>*

*<sup>a</sup> Grupo Interdisciplinar de Estudos Urbanos (GEU), Centro de Investigação em Arquitetura Urbanismo e Design (CIAUD), Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FAUL), Portugal.*

### RESUMO

Os movimentos auto organizados são uma forma de manifestação da sociedade que tem como objetivo promover a defesa dos interesses do grupo. Com grande importância a nível local/municipal têm vindo a ganhar maior visibilidade e dinamismo nos últimos anos, nomeadamente em Lisboa. O aparecimento de programas participados por parte das autarquias foi um impulsionador para a organização de alguns elementos da população se formarem como grupos de pressão para defenderem os seus interesses no quadro do espaço urbano no sentido da sua qualificação ou requalificação. Esta comunicação, analisa a evolução do desenvolvimento dos movimentos auto organizados no processo do Orçamento Participativo (OP) da Câmara Municipal de Lisboa. O OP pode ser considerado como um exemplo informal de gestão urbana, com a participação direta da população na determinação de prioridades referentes a parte do orçamento municipal. O OP é um mecanismo (ou processo) através do qual a população decide, ou contribui para a tomada de decisão, sobre o destino de uma parte, ou de todos os recursos públicos disponíveis para um dado território.

Esta iniciativa tem a sua génese, em Porto Alegre, no Brasil, em 1989. Em Portugal, a primeira fase (até 2004) enquadrava processos consultivos e presenciais; a segunda fase (pós-2005) englobou processos deliberativos com possibilidade de uma participação “multicanal”. Também, nesta última fase, as Juntas de Freguesia desenvolveram processos autónomos dos municípios. Lisboa foi a primeira capital europeia a implementar o OP, e teve a sua 1ª edição em 2008, neste âmbito, em Julho de 2008, foi aprovada a Carta de Princípios do Orçamento Participativo do Município de Lisboa, que define os objetivos deste processo e indica os princípios pelos quais este se deve reger, prevendo-se uma avaliação anual dos seus resultados e a introdução das alterações consideradas pertinentes para o aperfeiçoamento, aprofundamento e alargamento progressivo do Orçamento Participativo, o que traduz o seu carácter assumidamente evolutivo. A metodologia seguida passa pela análise desde o 1º processo em 2008 até à data, dos tipos de projetos apresentados, da sua distribuição espacial e objetivos, ao peso da votação que tiveram, as temáticas abordadas e o investimento aplicado. O Orçamento Participativo de Lisboa já tem um número de edições que permite a análise de uma evolução temporal do seu desempenho e da compreensão do aparecimento e desenvolvimento de movimentos auto organizados com grande importância na votação e sucesso de alguns projetos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Orçamento Participativo, Movimentos Organizados, Juntas de Freguesia, Avaliação.

## Participação Cívica: O Papel da AEAI no Controle Social em Ilhabela

*Isabella Rusconi. AEAI. Ilhabela*  
*Carlos Pedro Sant'Ana. AEAI. Ilhabela*

### RESUMO

Ilhabela é um Município do Estado de São Paulo, Brasil. Situada no Litoral Norte, entre Santos e Rio de Janeiro, é um lugar economicamente dependente do turismo e serviços. Em 2008, seu orçamento anual era apenas de 40 Milhões de Reais. Esta região, situada na área de influência da extração de petróleo do Pré-Sal tem por isso direito a receber Royalties proporcionais à quantidade de petróleo extraído que veio assim aumentar o orçamento anual da cidade, sendo em 2016 de quase 500 Milhões de Reais. Para um município de 30mil habitantes passando de um dos mais pobres do Estado ao mais rico do Brasil per capita. Com cerca de 350km<sup>2</sup> e 90% de seu território ocupado com Mata Atlântica e preservado, o arquipélago é um tesouro paisagístico a manter. Neste cenário, a Prefeitura se vê subitamente com um orçamento demasiado grande e a sua visão de *nouveau riche* conduz a gastos desnecessários não cumprindo seu papel de gestor público. Neste cenário, a participação cidadã em Ilhabela surge do conflito de interesses entre as ambições do Poder Público e as necessidades do município. Como a Sociedade Civil se pode organizar? Como as Organizações Não Governamentais podem participar da vida pública? Qual o papel das ONGs na preservação do município e no controle social do Poder Público? Desde que o Estatuto da Cidade, Lei da Transparência, Lei do Acesso à Informação e outra legislação específica foi criada pelos governos do Partido dos Trabalhadores, a Sociedade Civil ganhou meios de controle que lhe permitem participar, apoiar ou contestar decisões dos gestores públicos através de instrumentos que permitem a sua participação efetiva da vida pública. Uma das entidades não governamentais mais ativas no município é a Associação de Engenheiros e Arquitetos de Ilhabela, com mais de vinte anos de existência e que, juntamente com outras entidades locais se articula para promoção da defesa da paisagem e do meio ambiente. Vários exemplos positivos podem ser relatados:

**Abaixo assinado como Instrumento de Mobilização** Como um abaixo assinado virtual conseguiu unir a sociedade civil e provocar audiências públicas federais, a atualização de leis federais e a alteração da estratégia de planeamento territorial do Litoral Norte?

**Análise de Projecto como Controle Social** Como um Teatro e Centro de Congressos sobre faturado e com graves falhas técnicas é embargado pela justiça após um trabalho cooperativo entre a AEAI e um dos vereadores da Câmara Municipal fazendo uso da Lei de Acesso à Informação para conseguir cópia de todos os documentos existentes sobre o processo?

**Eventos como Educação Cidadã** Como uma série de conferências e debates organizados pela AEAI e outras ONGs serviram para PENSAR A ILHABELA QUE QUEREMOS e informar, esclarecer e educar a sociedade civil sobre temas tão importantes como Plano Diretor, Mobilidade Urbana, Turismo de Base Comunitária ou Habitação Social?

**Participação Cívica nos Conselhos Municipais** Como a Sociedade Civil participa dos vários Conselhos consultivos e (alguns) deliberativos para definir as políticas e rumos do desenvolvimento socio economico de ilhabela?

**Convocação de Audiências Públicas** Como a necessidade legal de discutir temas do interesse da população obriga a que por vezes, seja a Sociedade Civil a convocar audiências para discussão pública de temas de interesse de todos? Ilhabela é um Caso de Estudo por a sua Sociedade Civil conhecer os direitos e os instrumentos —legais, tecnológicos ou outros— ao seu dispor para provocar esse engajamento e participação cidadã.

**PALAVRAS-CHAVE:** Participação Cidadã, Poder Político, Necessidades Locais, Formas de Envolvimento Cidadão.

## S. Geraldo cultural: movimento em defesa de um teatro de Braga ameaçado

*Luís Tarroso Gomes, Mestre em Planeamento Regional e Urbano, UA  
tarroso@ua.pt*

### RESUMO

O cineteatro S. Geraldo - denominado Salão Recreativo Bracarense até 1950 - é uma sala de espetáculos no centro da cidade de Braga que marcou diversas gerações ao longo do séc. XX. Encerrou em 1990, tendo tido um uso esporádico desde então. Atravessou toda a fase crítica deste tipo de equipamentos culturais sem ser substituído por outro edifício. Apesar de privado, em 2015 a Câmara Municipal de Braga incluiu-o num concurso de ideias de arquitetura de reabilitação da zona sul da cidade. Nos vários projetos candidatos previa-se a sua recuperação para fins culturais. Porém, em Fevereiro de 2016 foi anunciado pelo proprietário o denominado Mercado S. Geraldo que previa um programa substancialmente diferente com a construção de um hotel e 20 restaurantes. A encapotada demolição integral do cineteatro gerou indignação em vários setores da sociedade bracarense, desde arquitetos a diversos agentes culturais, tendo dado origem ao movimento S. Geraldo Cultural (SGC).

A intervenção em defesa do Cineteatro assume quatro vertentes: histórica, cidadã, política e jurídica. De facto, face à escassez de dados históricos compilados e publicados, foi necessário empreender uma pesquisa de documentos, fotografias, notícias, cartazes e plantas em diversos arquivos<sup>1</sup>. Tal permitiu trazer a público muitos dados inéditos - principalmente relativos à fase inicial das décadas de 1920 e 1930 - e inclusive a única fotografia conhecida da sala principal antes da remodelação de 1950. Estas informações foram sendo divulgadas quer no site quer na página defacebook entretanto criadas. A vertente cidadã incluiu diversas iniciativas, entre elas, ações de rua, um debate sobre reabilitação<sup>2</sup>, um workshop sobre futuros possíveis para o edifício<sup>3</sup>, produção de vídeos, bem como o lançamento de uma petição online e intervenções no período reservado ao público na Assembleia Municipal de Braga. A nível político, procurou-se que a autarquia contribuísse para uma solução que preservasse o edifício principal através de duas propostas - em que se conseguiu envolver pela primeira vez neste mandato todos os partidos da oposição - quer na Câmara Municipal (suspensão do licenciamento por 3 meses para estudo de alternativas) quer na Assembleia Municipal (arrendamento ou aquisição do edifício). Por fim, a nível jurídico acompanhou-se o procedimento de licenciamento. Em dois momentos distintos, através de requerimentos devidamente fundamentados dirigidos ao processo, foram apontadas diversas irregularidades a nível do cumprimento do RJUE e dos regulamentos municipais. Ao mesmo tempo denunciou-se o contrato promessa de arrendamento feito entre o proprietário e a autarquia que permitiria financiar a obra prevista. O SGC conseguiu lançar o tema na discussão pública e quotidiana da cidade. Várias das ações referidas tiveram eco a nível da imprensa local e nacional. Até ao momento foi possível travar a demolição do edifício sem que, contudo, se conseguisse convencer a autarquia da importância de salvaguardar este cineteatro centenário. As duas propostas referidas não foram aprovadas. Por outro lado, o SGC deparou-se com dois outros obstáculos relevantes: o cineteatro estava esquecido desde logo porque uma parte substancial dos habitantes do concelho não conheceram ou viveram o Cineteatro (nomeadamente os novos moradores e as faixas etárias abaixo dos 30 anos) e a proprietária do edifício é Igreja Católica, entidade com influência social relevante. Além disso, para vários cidadãos, o estado degradado das caixilharias da fachada indiciava uma ruína total do edifício. Esta informação errada - veiculada pelo próprio Município - levou, contudo, à ideia de que não haveria já espaços interiores para reabilitar ou de que qualquer intervenção era melhor do que a situação existente. As fotografias do interior e da cobertura do edifício em Março de 2016 permitiram contrariar esta argumentação mas não com o alcance necessário.

As dificuldades sentidas passaram também pelo facto da discussão se ter de situar num plano mais cultural - e de certa forma, remetida pela comunidade para uma dimensão elitista - e menos patrimonial, uma vez que o interesse arquitetónico do Cineteatro é ofuscado pela beleza do vizinho Theatro Circo. Face à escassez de meios, desde logo por contraponto com a parte contrária (Câmara Municipal, proprietária e promotor imobiliário), procurou-se que a intervenção fosse faseada, bem planeada e, como se disse antes, a diversos níveis. A procura de sustentação técnica, histórica e jurídica, ambicionada nas diversas ações pelo SGC, cremos que é essencial para que movimentos desta natureza ganhem credibilidade. Mas o SGC ainda não pode dar a sua missão por terminada. A ameaça de demolição do Cineteatro centenário ainda se mantém.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ação cidadã, Discussão Pública, Dimensão Política, Dimensão Cultural, Dimensão jurídica, Dimensão Histórica.

<sup>1</sup> entre outros, antigo Governo Civil de Braga, Arquivo Municipal de Braga, Biblioteca Pública de Braga

<sup>2</sup> O debate "S. Geraldo - demolir ou reabilitar?" decorreu a 5 de Abril de 2016 no histórico Café Vianna e contou com os convidados Maria Manuel Oliveira, arquiteta, João Paulo Miranda Guedes, engenheiro/APRUPP e Manuel Miranda, urbanista

<sup>3</sup> "Que Futuro para o S. Geraldo?" realizou-se a 4 de Março de 2016 na Velha-a-Branca e promoveu um encontro com 25 agentes culturais e a dinamização dos professores da UA José Carlos Mota e Frederico Moura e Sá.

## A participação em políticas territoriais

Carlos Rodrigues,  
c.cataro@gmail.com

### RESUMO

- Questão prévia: “Nascemos onde nascemos. Ponto”

Com as PP do EN a marcarem como zonas em declínio o interior em favor das grandes metrópoles, implica agora que se dê volta ao que a História negou durante décadas.

Entra-se, assim, na pertinência desta Conferência:

- Ao centralismo, sabemos opor outros métodos de política de planeamento territorial. Para isso, umas notas:

- Primeiro, falemos das CA na elaboração dos PDM, entre outros instrumentos de planeamento e respectivos processos

São exemplo de participação vinda de cima para baixo, centralista. Dezenas de entidades davam a sua opinião. Eram formas mitigadas de participação pública, longe dos objectivos pretendidos.

Para fugir a isso, eis as divulgações, Conferências, reuniões várias, Discussão Pública, entre outros pontos.

O mesmo se pode aplicar aos PU, PP e afins.

Para Lourenço (2003), houve dois momentos em que os documentos de gestão do território foram empolados – Ante-Planos Gerais de Urbanização, a partir de 1934, e PDM, anos 80 e 90, por pressão da CEE. Mas a participação pública “fica reduzida à sua expressão processual..”

Mas a CRP, Artº 26, fala no direito pessoal à capacidade civil e cidadania.

Para Ferrão (2012), o ordenamento é função do Estado e sua tarefa fundamental. Logo, a ele se deve exigir a participação de todos os cidadãos.

Se estas são algumas das reflexões sobre participação pública, a sua maior demonstração processa-se na sociedade civil.

- Num 2º plano, peguemos nos GAL e programas LEADER, planeamento de proximidade e parcerias diversas.

Em Rover e Henriques, em “A gestão democrática em debate: o programa LEADER e a sua relação com a sociedade civil local”, abordam-se aspectos que fazem sentir que a participação pública se torna mais efectiva, por haver autonomia na definição de estratégias e projectos e ligação aos actores sociais.

Deste modo, essa participação é bem aceite e estimulada.

Falando da ADDLAP, anotemos um de seus focos de acção que foram os Centros Rurais, em que a participação teve um papel determinante nas escolhas.

Para além destes meios, as redes de investigação, trabalho académico, acções em cooperação (etc.) são uma forma de participação pública que ganha mais força e interesse.

Importantes são os Museus e os Centros de Interpretação e os diversos fóruns de políticas públicas.

Para Neto e Serrano (2015), anota-se a preocupação em auscultação e colaboração com as diversas entidades e agentes no Alentejo, cabendo aos actores locais a tarefa de conceberem seus planos de acção.

Continuando, em Vouzela, está em curso um processo de participação pública num projecto de intervenção territorial – o Parque Natural Local Vouga – Caramulo, que o Município está a dinamizar.

Alguns tópicos sobre este tema

Centrando-nos em políticas territoriais, que entender por território?

- José Reis (2015) diz que poucas políticas não são de território. Tudo se passa num espaço.

Deve assim haver uma estrutura do Estado territorializada, em que os actores se coordenem entre si, promovendo policentrismo e descentralização.



Com Serrano, Neto e Santos (2015), há uma ligação profunda entre LEADER e políticas públicas “placed-based”.

Na zona da ADDLAP, para cada território, a sua rede de actores e essas malhas são fundamentais em coesão social desejando-se que se obtenha a seguinte conclusão: “... um interface vivo, inovador e criativo onde o rural e o urbano se complementam”

Com Jacinto e Bento (2006), em paisagens como territórios de sobrevivência, caminha-se com ideias e iniciativas inovadoras, rumo ao dinamismo social e territorial. Enfatiza-se o Programa Comunitário LEADER I e II

Na sua visão sobre os Municípios, para Oliveira (1996), assistiu-se a esta marcha dos PDM – 1983 – 49; 1986 – 69; 1988 – 89; 1990 – 269, por força das candidaturas ao fundos CEE e obrigação de as CM terem este instrumento territorial.

Já Menezes (2002) entende que é preciso repolitizar a prática da cidadania, criar mecanismos que facilitem a participação e pôr a dinâmica local em acção territorializada. Com Rover e Henriques (2006), fala-se em práticas de democracia participativa, sendo que para Sachs (1986) é vital o planeamento participativo em territórios rurais.

Mas Covas (2004) alerta para a necessidade de termos a aumentar a massa crítica de atribuições e competências locais e regionais.

Na visão de Coutinho (2009), é preciso avançar com a mobilização de actores locais, numa perspectiva territorializada.

A DGOTDU (2008) defende que o sucesso depende da colaboração entre os agentes directos das transformações territoriais e Crespo (2003) refere estes sistemas – Top-down, centralizador; bottom-up, descentralizador; misto, enquanto Ferrão (2014) alude muito a políticas integradas de base territorial em intervenções coordenadas de diferentes políticas. Entretanto, Fadigas (2015) faz ver que é preciso que o Estado chegue aos cidadãos.

Para o futuro, abrem-se portas com as “10 competências-chave que os alunos devem ter no final da escolaridade obrigatória”, nomeadamente aprender a relacionar-se, interagir e trabalhar em equipa; desenvolver pensamento crítico e criativo.

Segundo Quadros (2003) “... De nada vale mudar as leis, se não se mudar de vida”, devendo olhar-se para a Carta dos Direitos Fundamentais da UE, que então se anunciava para 2004. Na opinião de Rodrigues e Silva (2012), importa que haja soluções técnicas, capacidade de negociação e cooperação, em envolvimento de várias entidades, tendo como referência a Carta Europeia da Autonomia Local

Em Lourenço (2005) convém passar da participação pública processual e formal à participação efectiva e total.

Entre vários outros meios de participação pública, os “Embaixadores do Território” de Cátia Rebelo (Cardiff) a implantar em Vouzela são um deles.

Se muito mais haveria a dizer, veja-se este mesmo tema em [freidogozo.blogspot.com](http://freidogozo.blogspot.com).

**PALAVRAS-CHAVE:** participação pública, território, acção, actores locais



## Experiência de planeamento participativo em contexto escolar

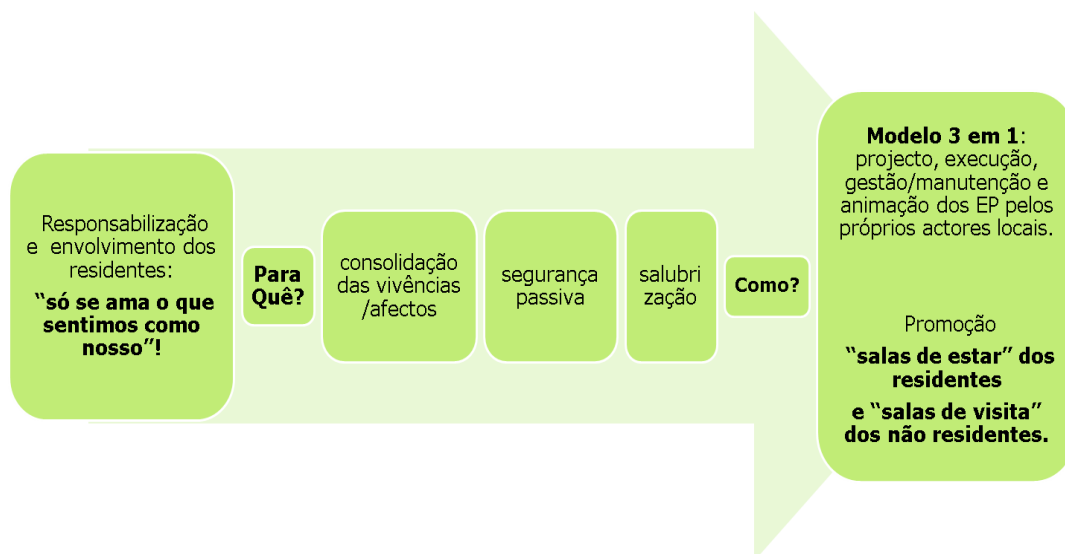
*Helda Mendes Ramalho; HLAND – Consultores, Lda; Porto, Portugal  
heldamendes@gmail.com*

### RESUMO

Construir o futuro de uma sociedade implica desde logo envolver os mais novos, aqueles que farão do futuro o seu presente, em processos participativos de construção do meio onde vivem. Há múltiplas formas de promover o planeamento participativo, sendo que aqui nos iremos centrar no papel das escolas (e dos seus alunos), enquanto elementos urbanos que permitem a um sítio habitado tornar-se um lugar partilhado, pois são incontornavelmente espaços privilegiados para promover relações de vizinhança e a responsabilidade coletiva. A escola não deve fechar-se nos seus muros, descurando toda a realidade que a envolve e que exerce influência constante no progresso da sociedade (que se transforma a um ritmo cada vez mais acelerado), deve antes ter um papel determinante nessa transformação, pois a educação/instrução tem um papel fundamental na construção do bem estar social, de uma boa urbanidade e, porque não, de um bom urbanismo. Podemos destacar o planeamento participativo como um exercício do qual resultam contributos relevantes no processo de sociabilização e responsabilização da comunidade. No entanto, há uma grande dificuldade em conferir-lhe uma rotina e uma ação efetiva, permanecendo ainda na sombra, pois na verdade, o planeamento participativo não se tem afirmado, porventura por ainda não lhe ser oferecido qualquer papel decisório, pelo que, na realidade, o que acontece é apenas um acompanhamento das ações planeadas.

Assim, urge um efetivo planeamento participativo, onde todos assumam um papel atuante, de carácter influente, sujeitos participantes na íntegra e não meros espectadores. Começamos então com os mais novos, naturalmente nas escolas. Foi através de uma ação desenvolvida no âmbito duma Atividade de Enriquecimento Curricular denominada Ligação Escola e Meio, do 4º ano do Ensino Básico na EB nº 1 da Maia, que se procurou efetivar o carácter participativo no planeamento e gestão da cidade, em particular dos espaços mais utilizados diariamente no percurso casa-escola, procurando sempre, como fim último, promover uma educação/instrução que contemple a maior integração da escola com o seu meio comunitário, conferindo à escola um papel importante na transformação/ intervenção da sua cidade/comunidade.

### Oportunidade/Proposta de valor:



### Resultados esperados com a replicação destas experiências:

(os indicadores são de processos idênticos realizados no Reino Unido)

- Serviços/obras\_ reabilitar espaços a um custo reduzido (no Brasil os custos de obra com escolas/equipas saem 50% abaixo do valor de mercado);
- Criar/ Reabilitar Espaços Públicos (EP) com identidade, limpos, seguros e onde se estabelecem laços de afectividade;
- Intervenções construídas e valorizadas para e com a população conferem às mesmas um sentido de pertença e, por conseguinte, preservam-nas;
- 55% dos residentes sociabilizam mais com os vizinhos e passam mais tempo na sua comunidade, considerando 40% que tal deve-se a existir mais espaço após a intervenção;
- 80% dos residentes consideram que os espaços são seguros para peões e crianças após a intervenção;
- 30% dos residentes consideram que comportamentos anti-sociais e vandalismo diminuíram (pois jovens estão envolvidos na criação / reabilitação dos novos espaços / estruturas);
- 15% dos residentes começaram a caminhar mais após a intervenção;
- 85% dos residentes considera que os elementos artísticos melhoraram o ambiente dos espaços e evidenciaram a sua identidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Participação da Comunidade Escolar, Responsabilização da Comunidade, Educação e Intervenção.

## Projetos e planos educativos municipais: princípios de ação estratégica

*Jorge Adelino Costa <sup>a</sup>*

*Rui Neves <sup>a</sup>*

*Rui Vieira <sup>a</sup>*

*António Neto Mendes <sup>a</sup>*

*Gabriela Bento <sup>a</sup>*

*<sup>a</sup> Departamento de Educação e Psicologia, Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores – Universidade de Aveiro*

*José Manuel Oliveira, Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores – Universidade de Aveiro*

### RESUMO

Nos tempos mais recentes temos assistido à transferência de competências, em matéria de Educação, para o nível municipal, o que supõe um outro modo de pensar e intervir, valorizando e implicando os contextos locais. Neste sentido, as decisões por parte das estruturas municipais, qualificando a natureza das suas intervenções, carecem de suporte teórico-concetual em termos de conceção e planeamento educacional, tendo em conta, designadamente, a crescente necessidade de pensar as questões da Educação numa ótica global, integrada e contextualizada na elaboração de Planos Estratégicos Educativos Municipais (PEEM). A construção e o desenvolvimento deste tipo de planos pressupõem a definição de um conjunto de princípios norteadores da ação que podem e devem apoiar o processo nas suas diferentes fases. Em função naturalmente das dinâmicas educativas locais, entendemos que o desenvolvimento operativo desses princípios e sua integração pelos participantes é fundamental. Tendo em conta o quadro concetual e político-normativo que a literatura e a reflexão realizadas nos facultam, apontamos os seguintes princípios: i) Participação cidadã; ii) Mobilização e implicação; iii) Sustentabilidade; iv) Transversalidade e integração; v) Prospetiva e inovação; vi) Autonomia institucional; vii) Lideranças; viii) Monitorização e ix) Inacabamento. Enquanto elementos de orientação estratégica na construção de documentos norteadores da ação educativa municipal, em particular do PEEM, estes princípios constituem-se como um conjunto onde as partes reforçam o todo numa perspetiva integradora, não só nas fases de conceção e planeamento, mas também nas posteriores de implementação, monitorização e avaliação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Princípios, Planeamento, Educação, Municípios.

**S3 - PS 14**

12:00 Parallel Session 14 (1h) 3 presentations (15 min each + 15 min debate)

DAO Auditorium**Collaborative Planning, Participation, Collective Evaluation and Decisions Making Process S3**

<i>Cidadania 2.0: tecnologia como alavanca para uma sociedade civil ativa</i>	Ana Neves Knowman, Cidadania 2.0
<i>O uso da tecnologia da informação e comunicação - TIC - como suporte à participação pública efetiva no planejamento</i>	José Otávio BRAGA, MPRU - UA Lucas de MACEDO, MPRU - UA Vanessa PASSOS, MPRU - UA
<i>A mão invisível na participação: mecanismos indiretos de aferição de preferências por tipologias territoriais</i>	Paulo Batista João Marques Eduardo Castro * DCSPT-UA
Chair: Paulo Batista	

**S2 - PS 15**

12:00 Parallel Session 15 (1h15m) 4 presentations (15 min each + 15 min debate)

UA Bookstore Auditorium**Participation: Organizations, Experiences and Research Networks S2**

<i>Participation in spatial planning - experiences of polish cities</i>	Piotr Fogel, Institute of Spatial Management and Housing, Warsaw, Poland
<i>Innovative process, stakeholders and impact on the community of the rooftop gardens</i>	Jonida Alliaj, Politecnico di Torino, Italy
<i>Obchodná street and neighbourhood in Bratislava: regulation of outdoor advertising and new branding collaboratively, across sectors</i>	Dominika Belanská
<i>Challenging the 'dark side' of community participation in urban planning in Scotland.</i>	Andy Inch, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.
Chair: Andy Inch	

**S2 - PS 16**

12:00 Parallel Session 16 (1h15m) 4 presentations (15 min each + 15 min debate)

DCSPT - Room 12.3.12**Environment and Participation S2**

<i>A desertificação como fator de risco ambiental e social: a contribuição da agricultura familiar no processo de mitigação e prevenção</i>	Edir Vilmar Henig, Universidade de Coimbra Irenilda dos Santos, Universidade de Brasília José Manuel Mendes, Universidade de Coimbra
<i>Participação social dos agricultores familiares no processo de mitigação e prevenção da desertificação no nordeste do brasil</i>	Irenilda dos Santos, UFMT Edir Henig, Universidade de Coimbra Marcia Gonçalves, PPGPS, UFMT Jackyeline Santos, UFAL-AL Luana Caiana
<i>O conceito de "aldeias-lar" na valorização de territórios envelhecidos de baixa densidade</i>	Gonçalo Santinha, GOVCOPP, DCSPT - UA Tiago Manuel Morgado Soares, DCSPT - UA
<i>O associativismo enquanto fator mobilizador para a participação pública no ordenamento florestal e do território. O caso Bioliving.</i>	Milene Matos, Associação BioLiving Nelson Matos, Associação BioLiving
Chair: Milene Matos	

## Cidadania 2.0: Tecnologia como Alavanca para uma Sociedade Civil Ativa

Ana Neves  
 Knowman@ananeves  
 ana.neves@knowman.pt

### RESUMO

É inegável o valor de envolver a sociedade civil ativamente nos processos de decisão pública. Desse envolvimento resultam conhecimento e informação mas também o envolvimento emocional que conduz a mais e melhores contributos, uma maior preocupação com resultados e, conseqüentemente, a uma sociedade melhor. Por outro lado, os cidadãos reivindicam mais oportunidades para se fazerem ouvir, reclamando que não se revêem nas decisões tomadas por aqueles que assumem as rédeas de decisão. Apesar dessas duas vontades - a dos decisores em ouvir a sociedade civil e a da sociedade civil em contribuir - é reduzida a taxa de participação efetiva dos cidadãos nos processos cívicos e até democráticos como, por exemplo, nos atos eleitorais. Podem apontar-se várias razões, mas acima de tudo urge identificar caminhos que contrariem esta realidade e ajudem à construção de uma sociedade civil mais participativa e comprometida. Nesta apresentação será apresentado o projeto Cidadania 2.0 – cidadania20.com. Nascido em 2010, o Cidadania 2.0 tem procurado inspirar, informar e impulsionar projetos que recorrem aos dados abertos e às redes e ferramentas sociais para promover o diálogo em sociedade e mobilizar os cidadãos para a ação. O projeto começou como um evento e inclui hoje uma plataforma que apresenta mais de cem projetos de cidadania 2.0 em língua portuguesa. São projetos de entidades públicas e privadas, muitos deles criados por cidadãos em nome individual e instituições da sociedade civil. Alguns dos projetos visam aumentar a transparência como condição para um diálogo mais informado; outros procuram estreitar os canais de conversa entre as várias entidades sociais; outros ainda querem mobilizar a “sabedoria da multidão” ou utilizar o coletivo social como sensor de uma determinada realidade. Há projetos à escala nacional e projetos que se concentram numa cidade ou até mesmo numa rua; há projetos virados para pessoas e entidades com um determinado interesse em comum. Para além do projeto Cidadania 2.0 propriamente dito, serão apresentados projetos específicos de várias partes do globo. Serão igualmente identificados alguns elementos ou ações que, quando implementados, podem aumentar o sucesso de iniciativas e projetos de cidadania 2.0.

**PALAVRAS-CHAVE:** Participação Cívica, Ferramentas Sociais, Redes Sociais, Dados Abertos, Tecnologia, Sociedade.

## O Uso da Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC – Como Suporte à Participação Pública Efetiva no Planejamento

José Otávio Braga <sup>a</sup>  
 zeh.ot.sab@gmail.com  
 Lucas Linhares Macedo <sup>a</sup>  
 lucaslbm4@gmail.com  
 Vanessa dos Santos Passos <sup>a</sup>  
 passos.va@gmail.com

<sup>a</sup> Dep. Ciências Sociais, Políticas e do Território, Universidade de Aveiro, Portugal

### RESUMO

O processo de desenvolvimento do território não só diz respeito à relação entre o governo e a sociedade, mas também à vinculação entre outros diversos atores de modo a desenvolver planos de ação para uma boa governança. Dentro deste contexto, a necessidade da participação pública ativa é necessária para reforçar os laços de envolvimento da sociedade e o aumento do processo colaborativo no planejamento territorial, a fim de garantir maior eficiência e direcionamento dos recursos públicos. Com isto, este artigo tem por objetivo analisar e avaliar as ferramentas disponíveis para a promoção da participação pública efetiva por meio de fundamentação teórica e estudo de casos emblemáticos que resultam em um quadro comparativo entre o método de participação tradicional, realizado de forma presencial, e o uso de tecnologias de informação e comunicação - TIC, como recursos incorporados ao planejamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Democracia Participativa, Participação Pública, Tecnologia da Informação e Comunicação.



## A mão invisível na participação mecanismos indiretos de aferição de preferências por tipologias territoriais

Paulo Batista <sup>a</sup>  
pauloricardolb@ua.pt

João Marques <sup>a b</sup>  
jjmarques@ua.pt

Eduardo Castro <sup>a b</sup>  
ecastro@ua.pt

<sup>a</sup> Dep. Ciências Sociais, Políticas e do Território, Universidade de Aveiro, Portugal

<sup>a b</sup> GOVCOPP-UA

### RESUMO

O equilíbrio dos diferentes parâmetros urbanísticos, preconizados nos diversos instrumentos de gestão territorial (IGTs – PDMs, PUs, ...), constitui um importante desafio da atividade de planeamento urbano. Face à natureza de política pública em que se enquadra o planeamento territorial, a solução não é, naturalmente, meramente técnica, constituindo um debate recorrente da teoria e método em planeamento. Com efeito, a configuração dos espaços urbanos preconizados pelos IGT resultam de uma disputa entre aquilo que são as aspirações reais dos diferentes utilizadores do espaço – sejam aspirações dos membros da comunidade (os utilizadores diretos do espaço urbano), sejam as aspirações individuais vertidas nas opções políticas institucionais, sejam inclusive os pressupostos associados às soluções técnicas (e artísticas) propostas pelos técnicos – envolvendo critérios associados à funcionalidade, estética, equidade, exequibilidade económico-financeira entre outros. A variedade de possíveis soluções transfere o desafio da solução para o complexo processo de tomada de decisão. Num momento em que os sistemas (digitais) de informação atingem um grau de desenvolvimento assinalável, regista-se uma oportunidade para repensar os mecanismos de tomada de decisão. Na perspetiva clássica, as escolhas de opções de planeamento, recaem em procedimentos assentes em formas de assunção das “preferências declaradas” dos atores envolvidos (categoria a que podemos associar a maioria dos processos de “auscultação” dos cidadãos, como os tradicionais processos de participação pública). No entanto, a cada vez maior informação recolhida sobre preferências individuais, reveladas em diferentes contextos decisórios associados à vivência de cada indivíduo, permite a utilização destes dados para a construção de perfis de preferências – abordagem que, como aqui se pretende demonstrar, poderá ter uma aplicação interessante no âmbito do processo de planeamento territorial.

As “preferências reveladas” nos processos decisórios individuais têm já uma tradição assinalável no estudo de opções de natureza económica, sendo de realçar a sua difusão enquanto ferramenta empresarial – nomeadamente no âmbito das estratégias comerciais: conhecer as preferências dos consumidores permite produzir um produto / serviço que se adegue melhor ao respetivo perfil, influenciando a decisão de consumo individual a favor do produto / serviço da referida empresa. Acresce que as preferências reveladas são, no âmbito comercial, consideradas usualmente informação mais completa e fidedigna do que as preferências declaradas (no contexto de estudos de mercado tradicionais). Entre as explicações para esta diferenciação, encontra-se a complexidade e multidimensionalidade inerente ao processo decisório, muito mais difícil de antecipar “à priori” como exigido pelas abordagens de preferências declaradas. Esta dificuldade é, reconhecidamente, comum ao processo de participação na decisão em planeamento e ordenamento territorial: aos atores envolvidos – nomeadamente aos cidadãos – é requerido um nível de conhecimento e processamento de informação assinalável, que lhes permita compreender as múltiplas dinâmicas inerentes à estruturação espacial.

No entanto, existe uma decisão individual que obriga a adquirir e processar grande parte da informação espacial que é parte das diferentes soluções urbanísticas: o processo de escolha habitacional. Tal como o estudo do perfil de consumo dos indivíduos fornece informação relevante sobre as preferências por determinados produtos / serviços. Os dados associados ao “consumo” de habitação de residência habitual no mercado imobiliário, permitem-nos estudar, com grande detalhe, as opções urbanísticas associadas aos espaços de residência que diferentes grupos de cidadãos revelam, indiretamente, com as suas escolhas habitacionais. Este trabalho apresenta, de forma exploratória, uma ferramenta computacional para a pesquisa de habitação, baseada em critérios territoriais. Este dispositivo é desenhado quer como mecanismo de participação indireta dos indivíduos na avaliação de preferências por diferentes parâmetros urbanísticos, ao mesmo tempo que potencia a decisão individual na escolha de habitação, através da sistematização de informação espacial de um dado sistema urbano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Parâmetros Urbanísticos, Avaliação de Preferências, Preferências Reveladas, Preferências Declaradas, Decisão Individual.

## Participation in Spatial Planning - Experiences of Polish Cities

*Ph.D. Piotr Fogel*

*Institute of Spatial Management and Housing, 45 Targowa St. Warsaw, Poland  
mail: fogel@igpim.pl.*

### ABSTRACT

The article presents the results of studies on the condition and quality of participation in the process of developing strategic planning documents in Polish cities. In Polish, but also in European, reality cities are often compared with other cities in various rankings and lists. Some of them entail studying all territorial self-government units and publically available statistic data are compared after being completed with information coming from publically available registers. The competition prepared by the Institute of Spatial Management and Housing studies cities on the basis of extended questionnaires. The information collected in these questionnaires show the complexity of spatial planning activities in the cities. Hence, the results may be difficult to compare in the national scale but they give an interesting picture of individual approach to sustained development in spatial planning. For years, one of the leading criteria of city assessment, although not the only one, is participation of the population in taking decisions concerning the strategic planning documents. Without doubt, the leaders are the self-governments in which public participation has a significant role. In each self-government unit the systems of spatial information are an important tool facilitating public participation. The studies that were carried out had a quantitative and qualitative nature. The following factors were analysed:

- number of additional informal meetings with inhabitants and debates held concerning spatial management (excluding all the activities that have to be carried out due to legal requirements),
- system of planning document presentation in the Internet
- using the Internet for collecting opinions about the city areas
- using e-participation for spatial planning processes
- subject matter and way of holding project workshops for population groups concerning the envisaged changes in the city
- actions enhancing knowledge about spatial planning among councillors
- ways of solving conflicts concerning spatial planning
- way of consulting planning documents with the inhabitants, NGO's or enterprises.

The collected results show that Polish cities vary in their involvement in public participation. Big, metropolitan in particular, cities that face an accumulation of urbanisation issues cooperate with their citizens on a wide scale teaching them how to be co-responsible for the city area using various techniques to achieve this goal. Smaller cities with smaller human resources and fewer spatial planning problems do not present as much involvement in public participation. The studies show that cities are willing to watch the actions of other cities and exchange experiences to adapt good and working ideas for their own needs. Public participation in spatial planning, both in terms of the techniques applied and in terms of ideas to encourage citizens to take part in the discussions about the future of their cities, is developing dynamically. The cities emphasise its particular role in decision making concerned with city revitalisation. The study was co-organised by the Institute of Spatial Management and Housing and the Union of Polish Cities. One of the goals behind the ranking was developing cooperation of the scientific and self-government communities in supporting sustainable spatial management.

Two editions of the competition have been held up to now, in 2014 and in 2016. Apart from the description of the study methodology the article will contain the most interesting examples of using the tools of public participation in the process of developing strategic planning documents.

**KEYWORDS:** Quality of Participation, Strategic Planning, Decision-Making.

## Obchodná Street and Neighbourhood in Bratislava: Regulation of Outdoor Advertising and New Branding Collaboratively, Across Sectors

*Mgr. art. Dominika Belanská, Bratislava, Slovakia  
dominika.belanska@gmail.com*

### ABSTRACT

Obchodná ulica a okolie (Obchodná Street and Neighbourhood) is a unique platform gathering the shop owners, service providers and building owners, who act for a long-term transformation of Bratislava's centrally located Obchodná Street and its neighbourhood. The initiative tries to adapt for the first time in Slovakia a socio-economic model of Business Improvement District, which is based on connecting the activities of public, private and non-profit sector. Their collaboration, involving the municipalities of both Bratislava City as well as the District of Old Town, sprouts from a need for improvements in the public space, communication, safety and sustainability of development, of which the wide local community, as well as the visitors of the city would benefit.

The initiative suggests to restructure the development dynamics and relations in the street, envisioning a shared public management, where coordination and flow of stimuli would be attended to by a non-profit subject, representing the local stakeholders, some of whose financial contributions are already being collected to support the activities in the quarter. Since the very beginning of the initiative four years ago, the founders of the NGO have been networking and stimulating connections with the local businesses as well as political representatives of the municipality. Now, formed into an NGO (since 2015), they have – with help and advice of professionals in the field of urban development – unveiled the potential of cross-sectoral collaboration by organizing interventions in public space, venturing into cultural projects and festivities, but mainly by organizing multitude of meetings of actors with different stakes, discussions, workshops and presentations, as well as ordering a socio-economic study of the neighbourhood, which collected and interpreted important data about the street's social and economic profile and potential.

Recently, the NGO proposed and initiated project Nová Obchodná (New Obchodná) – a participatory process of forming a regulation of the outdoor advertisement (which is one of the major critical issues of the street's public realm), and along with that a creation of a new visual identity (rebranding) of the quarter – municipality, historical heritage authorities, local business community and academic partners are understood as partners sharing a priority: finding a consensus about future image of the street and develop its common brand, and clarify new rules of placement and form of advertising, same for all local businesses.

This process, launched in November 2016 and planned to culminate in May 2017, envisages following outcomes: Firstly, a binding regulation of advertising, which should result in enforceable changes on the street's facades. Secondly, a street manual – guide for the local entrepreneurs and building owners, comprising the principles to follow, how to make use of the street's new branding and what the facades (and the adverts placed on them) should look like. The results will also be reflected in a chapter of a strategic material of Bratislava City (in preparing by the City's Chief Architect), guiding the placement of advertisement in Bratislava's public spaces. It will also help further strengthen the neighbourhood's relationships and responsibilities of local community for its resilient development.

Early engagement of diverse local stakeholders into the making of the policies and the manual significantly rises the prospect of their wider acknowledgment by the community and with it their effectiveness. The process is understood as a pilot with an aim to further

implement the methodology in other neighbourhoods in Bratislava and elsewhere.

The contribution at the IV Conference of Regional and Urban Planning in February 2017 would introduce the key activities of the initiative (engagement of business community, placemaking, socio-economic study) and further focus on the currently running participatory process of shaping public policies in outdoor advertising and branding of the neighbourhood, unveiling the methodology, tools and individual steps in bridging the diverse interests across public, private and non-profit sector.

**KEYWORDS:** Cross-Sectoral Cooperation, Participatory Making of Public Policy, Place Branding, City Branding.



## Challenging the 'dark side' of community participation in urban planning in Scotland

*Dr. Andy Inch, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.  
andy.inch@ics.ulisboa.pt*

### ABSTRACT

Community participation is often presented as a 'Good Thing' – a civic virtue that has a variety of positive attributes for both the publics involved and the institutions of local and regional governance. Indeed, as Clarke (2010) notes, governments around the world seem increasingly anxious to enroll the legitimizing authority of the 'ordinary citizen' in policy-making. Yet, if participation always seems to be the answer, it is important to enquire after the problems that are being addressed (Huxley, 2013). A potentially diverse range of goals have been claimed for participation in urban planning including: empowerment of citizens; improvement of plans and projects; ensuring procedural efficiency; increasing public confidence, and; addressing a perceived crisis in democratic legitimacy. Seen in this light participation may be best understood as a mobile and mutable governmental technology, capable of being articulated to achieve a range of different purposes. In practice the 'will to empower' (Cruikshank, 1998) is often strictly delimited: carefully administered spaces are created in which citizens are invited to participate in 'responsible' ways, but more activist or overtly political modes of engagement are not welcome (Newman, 2011; McClymont and O'Hare, 2008).

A strand of scholarship in planning theory has therefore identified participation with the 'dark' counter-side to planning's progressive project (Yiftachel, 1998), restating concerns previously raised by Sherry Arnstein (1969) that citizen engagement may be little more than a mechanism of manipulation. This paper draws on seven years of involvement with a charity that campaigns for a fair and democratic land-use planning system in Scotland to deepen understanding of the realities and political challenges raised by the dark side of public participation in planning. Reflecting on accounts of citizens' experiences of trying to fight against unwanted development, I examine some of the powerful and yet largely unacknowledged negative effects that participating in planning has on the lives of individuals and communities (Inch, 2016). These experiences illustrate how the political energies generated by land-use change are systematically displaced, often onto members of the public, sometimes with serious implications for their health and well-being.

In Scotland the professional culture of planning seems to be in denial about these harms that it is complicit in generating. My principle argument is therefore that the presentation of participation as a 'Good Thing' often works to suppress recognition of serious failings in nominally democratic planning procedures. I go on to argue that the stark contrast between participation as a 'Good Thing' and the dark realities frequently found in practice points towards the need for a vigilant and ongoing renewal of energies around the politics of public participation, including the shaping of new demands for a form of planning that takes responsibility not just for the physical but also the political and emotional impacts of urban change.

**KEYWORDS:** Community Participation, Urban planning, Planning culture, Dark Side.

## A Desertificação Como Fator de Risco Ambiental e Social: a contribuição da agricultura familiar no processo de mitigação e prevenção

*Edir Henig, Doutorando em Coimbra*  
edirhenig@hotmail.com

*Irenilda Dos Santos professora do Mestrado em Política Social da UFMT*  
irepanta@gmail.com

*José Manuel Mendes, Coordenador do Programa de Doutoramento em Território, Risco e Políticas Públicas da Universidade de Coimbra.*  
jomendes@fe.uc.pt

### RESUMO

A história nos mostra que a relação dos seres humanos com a natureza é encontrada nos primórdios da existência, e que esta relação passou a se desenvolver ao decorrer dos tempos, outrora se vivia apenas da coleta de vegetais, e ao decorrer do tempo novas técnicas foram sendo aperfeiçoadas e meios de produção incorporados pelas civilizações. As terras brasileiras, devida à forma de colonização e de exploração dos recursos naturais, através de uma relação histórica entre seres humanos e a terra, foi calcada pela intensificação da produção, onde se utilizava como máxima potencialização os recursos minerais do solo, em especial o caso do Nordeste do Brasil, a produção açucareira mediante o cultivo intensivo da cana-de-açúcar, contribuiu para um processo de degradação do solo, que é perceptível no semiárido nos dias de hoje, o processo de arenização da terra tem agravado a já tão sofrida situação de sobrevivência da população nordestina. O processo de desertificação se acentua, causando graves danos a sociedade, afetando a produção, a oferta de trabalho, baixa perspectiva de renda, subnutrindo as crianças, e num efeito cascata, ocasiona ocorrências de doenças resultado da má alimentação e da falta de água. É sabido que a desertificação é resultado de diversos fatores que provocam os desequilíbrios no meio ambiente e no solo, e em muitos casos é fomentada pela ação humana. Nesta perspectiva, o objetivo do presente estudo é apresentar uma discussão em torno dos riscos sociais e ambientais que integram a temática da desertificação, principalmente pelo fato de se encontrarem em regiões do Brasil onde a pobreza extrema é a realidade bem presente na vida da população, além de no passado residir nesta região densas matas, que devido à exploração agrícola da cana de açúcar, ocasionou danos ao solo e em decorrência trouxe a paisagem desértica deixada como herança às gerações atuais.

Para o debate da desertificação e os consequentes riscos ambientais e sociais abordaremos a pesquisa bibliográfica, bem como análises de boletins e informativos fornecidos pelos órgãos estatais responsáveis pelo controle e prevenção do fenômeno no território brasileiro. Temos por justificativa a realização deste trabalho, a investigação das consequências que a desertificação traz, e os riscos sociais, e ambientais que ela propicia as regiões atingidas pelo fenômeno, já que, seres humanos estão inseridos nesta realidade e se deparam com escassez de viveres, bem como a falta de água e consequentemente a miséria, a fome e a morte se apresentam de forma trágica. A prevenção e a recuperação das áreas com o auxílio da agricultura familiar, que tenha como foco a agroecologia, usufruindo o meio ambiente de forma responsável, são alternativas que apontamos como forma de minimizar e evitar que seres humanos sejam expostos aos flagelos ocorridos em detrimento da desertificação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desertificação, Agricultura Familiar, Preservação, Educação Ambiental.

## Participação social dos agricultores familiares no processo de mitigação e prevenção da desertificação no Nordeste do Brasil

*Irenilda Dos Santos* professora do Mestrado em Política Social da UFMT  
irepanta@gmail.com

*Edir Henig*, Doutorando em Coimbra  
edirhenig@hotmail.com

*Marcia Gonçalves*, Mestranda em Política Social, PPGPS/UFMT;  
marciaverdego@hotmail.com

*Jackyeline Quiel Santos*, (Graduanda em Design, UFAL-AL)  
jackyelisbeth@gmail.com

*Luana Caiana*  
irepanta@gmail.com

### RESUMO

A ocorrência de problemas sociais, econômicos e ambientais decorrente da desertificação em espaços do campo nos remete a pensar e debater alternativas possíveis para seu enfrentamento. É nesta perspectiva, que este artigo vai discutir e buscar ferramentas teóricas e metodológicas que auxiliem no entendimento dos processos de degradação, na análise das consequências decorrentes da desertificação e nas possíveis ferramentas obtidas através da participação social dos agricultores familiares, como respostas a este processo. A área social é atualmente onde se explicitam os maiores desafios e respostas possibilitando articulação dos diferentes interesses em jogo. A organização democrática do poder local, através das associações, dos grupos locais assume cada vez mais um espaço central numa agenda que busque a articulação não só dos atores locais, mas de toda a política pública envolta no sistema. Nessa direção torna-se fundamental criar as condições para inserir crescentemente a problemática ambiental no universo da gestão local, e principalmente em relação à dinâmica das políticas públicas e sociais. O quadro socioambiental do campo, que caracteriza as sociedades contemporâneas revela que as ações dos homens e mulheres humanos sobre o meio ambiente estão causando impactos cada vez mais complexos, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. O conceito de desenvolvimento sustentável surge em 1974, como uma ideia de força integradora para qualificar a necessidade de pensarmos outra forma vida social e de desenvolvimento. Nesse contexto, a participação se torna um meio fundamental de institucionalizar relações mais diretas, flexíveis e transparentes que reconheçam os direitos dos cidadãos; principalmente daqueles pequenos agricultores, que amam a terra e a conhecem. Tal processo pode reforçar laços de solidariedade num contexto de pressão social e polarização política na direção de uma cidadania ativa que disponha dos instrumentos para o questionamento permanente da ordem estabelecida. Experiências de poder local que sejam bem sucedidas, principalmente por parte de associações de produtores locais e ou municipais, mostram que, havendo vontade política, é possível viabilizar ações governamentais pautadas pela adoção dos Amparados na agricultura familiar como elemento capaz de responder positivamente ao combate a desertificação, contribuindo através da participação popular com a preservação do ambiente de modo a que as futuras gerações também tenham acesso a ele. Ou seja, conduzir ações através da participação social, de modo que se possa produzir, diminuindo e mitigando os riscos ambientais. Para a construção do artigo, fizemos levantamento bibliográfico e documental e pesquisa de campo e cremos ser possível, através da educação ambiental formal e informal, termos instrumento básico no combate a desertificação e de modo que todos possam contribuir para a preservação do solo, através da salientando a importância da agricultura familiar e

ou agroecologia no processo produtivo, visto que estas utilizam de meios menos danosos aos ecossistemas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Participação Social, Desertificação, Preservação, Educação ambiental, Agroecologia.

## O conceito de “Aldeias-Lar” na valorização de territórios envelhecidos de baixa densidade

*Gonçalo Alves de Sousa Santinha*

*Professor Auxiliar, Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território, UA  
Membro da Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas (GOVCOPP)*

*Tiago Manuel Morgado Soares*

*Licenciado em Administração Pública Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território, Universidade de Aveiro*

### RESUMO

O presente artigo faz uma análise ao cenário de acentuada tendência do envelhecimento populacional a par do agravamento do fenómeno de desertificação observado nos territórios de baixa densidade, em Portugal. Apresenta uma abordagem à parca acessibilidade a serviços públicos nesses territórios, resultando num ciclo autoalimentado de agravamento de situações subdesenvolvimento e, diretamente relacionado a essa perda de serviços, o abandono das populações e envelhecimento da população restante, originando mais perda de serviços públicos. Pretende fazer uma abordagem ao conceito de “Aldeias-Lar” como ferramenta de Políticas Públicas que pode ajudar a contrariar essa tendência. Por um lado ao criar dinâmicas necessárias ao fornecimento de serviços necessários ao apoio das pessoas idosas e, por outro, ao dar um sentido de utilidade, de Participação Pública e envolvimento na comunidade a essas pessoas, tantas vezes deixadas de parte das arenas de decisão e de formulação de políticas.

Este conceito não pretende ser a resposta para o envelhecimento, apenas pretende analisar uma alternativa à institucionalização tradicional que diminui, infantiliza, deprime e desumaniza as pessoas. Por outro lado, pretende que essa abordagem alternativa possa trazer benefícios para territórios que estão em perda, quer de pessoas (deixando os territórios com as populações mais envelhecidas, já que são as pessoas mais novas as que saem e as que ficam vão envelhecendo, não sendo substituídas), quer de serviços.

Este artigo centra-se, assim, numa alternativa à institucionalização tradicional como resposta para as pessoas e, para as comunidades onde estão integradas, mas ainda em perceber quais os desafios na formulação de políticas relacionadas com os ciclos de vida mais avançados. Começa por analisar o quadro português relativamente ao envelhecimento populacional nos territórios de baixa densidade e nas respostas institucionais tradicionais, abordando ainda os tipos de centralidades, parcerias urbano-rurais, as fragilidades nos territórios de baixa densidade em geral e, o envelhecimento das populações em conjunto com perda de serviços, em particular. Analisa também as potencialidades do território português, destino com procura internacional e, com grande parte do seu potencial para ser promovido e potenciado, dando relevância à riqueza patrimonial portuguesa como base de criação de desenvolvimento territorial.

Faz um pequeno enquadramento histórico e estatístico do envelhecimento populacional em Portugal e faz uma abordagem ao conceito de “Aldeias-Lar”, tendo como pano de fundo o enquadramento que chega das Nações Unidas (resolução nº 46/91), que define um conjunto de princípios onde se pretende que o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas idosas sejam assegurados, assim como um conjunto de recomendações aos seus Estados-Membros no sentido de manterem princípios de independência, participação, assistência, autorrealização e dignidade no acesso às suas necessidades.

Apresenta as raízes das “Aldeia-Lar”, em Boston (Beacon Hill’s Village, 2001), e desenvolve o conceito e a sua aplicabilidade em Portugal.

De seguida é feito a aprofundamento do conceito, apresentando três casos onde o princípio foi posto em prática, dois em Portugal e um na República da Irlanda. Em Portugal analisa-se os

casos da “Aldeia de São José de Alcalar”, em Portimão e, no concelho de Águeda, o Centro Social de Agadão. O caso irlandês estudado foi o de Saint Brendan’s Village.

Depois de feita uma análise descritiva de cada um dos três casos, foi feita uma análise comparativa entre eles deixando quatro observações principais. A primeira observação diz respeito à forma como as iniciativas surgiram. A segunda prende-se com o propósito das iniciativas que, de uma forma geral, visaram combater o despovoamento daqueles territórios e, paralelamente, construir um local que proporcionasse uma maior qualidade de vida à população idosa. A forma como se implementa o conceito é a terceira dimensão de análise e, a quarta, o facto de constituírem casos cuja criação foi feita de raiz, ou seja, não se requalificou uma determinada aldeia com população reduzida e envelhecida, mas antes transferiram-se os idosos para residências e/ou instituições construídas de base com esse propósito. Pretende-se assim demonstrar que, no território português, existem potencialidades (aldeias e vilas de pequena dimensão cm populações envelhecidas) onde este conceito poderia ser aplicado aproveitando características, equipamentos e infraestruturas existentes, além de, claro, as pessoas que lá vivem. Além das pessoas que poderiam querer ir viver para lá (residentes) e as pessoas que seriam necessárias (funcionários).

Em conclusão, são deixadas algumas ideias e desafios a ter em conta na planificação de ações e estratégias, como potencial as características endógenas em Portugal ao mesmo tempo que lidamos com o envelhecimento dos territórios de baixa densidade, como conseguir mobilizar a população idosa para fazer parte da formulação das estratégias e ações que a eles dizem respeito, ou como mobilizar outros agentes individuais e coletivos. A inserção do conceito de “Aldeia Lar” neste contexto poderá constituir uma possível solução para ultrapassar algumas das debilidades que os territórios de baixa densidade e em envelhecimento apresentam. Não sendo uma receita global, fica a questão: quais, então, os critérios a adotar por parte das políticas públicas de forma a aferir se e quando esta solução pode ser adotada?

**PALAVRAS-CHAVE:** Aldeias-lar, Institucionalização de Idosos, Baixa-densidade, Despovoamento.



## O associativismo enquanto fator mobilizador para a participação pública no ordenamento florestal e do território. O caso BioLiving.

Milene Matos\* e Nelson Matos  
 Associação BioLiving,  
 Rua do Outeiro, Frossos, 3850-612  
 Albergaria-a-Velha  
 \*geral.bioliving@gmail.com

### RESUMO

A mobilização da sociedade civil através de movimentos associativos tem, ao longo da história, dado provas da sua relevância e pertinência, nas mais diversas áreas do saber e da cidadania. Muitas vezes surgindo em resposta a políticas públicas ou a agendas de comprometimento, de facto, deficitárias, a mobilização organizada permite a ação coletiva, revestindo-se de uma capacidade de atuação eficaz e devidamente enquadrada nos normativos e no espaço social. Procurando o associativismo ser indissociável dos conceitos de enriquecimento cívico e cultural e das vivências coletivas, mormente em prol do bem comum, é natural que no quadro das associações de ambiente a gestão dos recursos naturais e do território, aqui entendidos como recursos públicos, sejam tema recorrente nas suas estratégias de atuação. O momento que se vive, de polarização do discurso público em torno de questões comuns é o resultado do esgotamento do modelo de desenvolvimento económico e social atual, baseado em relações sociais construídas sobre o princípio do individualismo, da precariedade, da desigualdade e na perda de capacidade de regulação pública dos vários sistemas (financeiro, económico, social e ambiental). É assim urgente prover novos modelos e soluções que assegurem o respeito e equilíbrio com os preceitos económicos, sociais e ambientais do desenvolvimento, operacionalizando de facto, e a partir da base, o desenvolvimento sustentável, devolvendo ao termos significado efetivo.

A Associação BioLiving é uma associação sem fins lucrativos que se apresenta sob o mote “Natureza e Educação para Todos”. Os objetivos da Associação BioLiving são, entre outros, promover a sustentabilidade; incentivar a cidadania ambiental e a participação pública na defesa dos valores naturais; dinamizar a economia social; promover a inclusão, a paz e a solidariedade, utilizando como mote a educação, os recursos naturais e a proteção da natureza; disponibilizar acompanhamento nas áreas da floresta, biodiversidade e educação ambiental; mas essencialmente demonstrar que a natureza é de todos e para todos. A atuação desta associação diferencia-se ao estar balizada pela proximidade, no contacto na primeira pessoa e à microescala. Neste contexto, e com o fito na educação cívica como contributo para uma sociedade mais consciente, responsável e capacitada na gestão dos recursos naturais, tem a associação empreendido um trabalho de mobilização para a consciencialização, pela demonstração de boas práticas e da valia da ‘coisa pública’. A gestão florestal e do território surgem, incontornáveis, na (re)educação coletiva para a valorização da própria identidade territorial, nos espaços geográficos do trabalho associativo.

Esta comunicação irá elencar algumas estratégias de mobilização seguidas pela Associação BioLiving, privilegiando os fatores de motivação e envolvimento, e relatará alguns exemplos do trabalho feito na gestão florestal e do território, em contexto de proximidade com pequenos proprietários e autarquias, demonstrando um modelo de associativismo diferenciado e com repercussões reais na construção da participação pública e na ação coletiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ação Coletiva, Gestão dos Recursos Naturais e do Território, Sustentabilidade, BioLiving.

**S4 - PS 17**

14:00 Parallel Session 17 (1h) 3 presentations (15 min each + 15 min debate)

DAO Auditorium**Governance in Spatial Planning S4**

<i>A participação na prática: uma reflexão crítica de processos participados</i>	José Luís Crespo, Grupo Interdisciplinar de Estudos Urbanos (GEU) Lucia Caistor-Arendar, Centro de Investigação em Arquitetura Urbanismo e Design (CIAUD) Ana Rita Queirós, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FAUL)
<i>O poder local democrático e as práticas institucionais de resistência — o caso de Almada</i>	Ricardo Antunes Rodrigues Martins Carneiro, FAUL
<i>A reforma da agregação de freguesias na perspetiva dos cidadãos: um estudo exploratório na região de Aveiro</i>	José Miguel Duarte, Município de Oliveira do Bairro Luís Mota, GOVCOPP – UA
Chair: Luís Mota	

**S4 - PS 18**

14:00 Parallel Session 18 (1h15m) 4 presentations (15 min each + 15 min debate)

UA Bookstore Auditorium**Public Participation in Spatial Planning S4**

<i>Claims for a participatory planning: reactions to Chinese capital in Madrid</i>	Marta Catalan Eraso, University of Hong Kong
<i>The imperative of society's participation in urbanism</i>	Ana Póvoas
<i>Smart cities and design thinking: sustainable development from the citizen's perspective</i>	Ágatha Depiné* Ingrid Santos Cirio de Azevedo* Vanessa Cardoso Santos Eleutheriou* Clarissa Stefani Teixeira* * Federal University of Santa Catarina, Brazil
<i>Softgischildren "cidade ideal: um jogo de imaginação gráfica!" a child-friendly interactive tool to web-map children's mobility and interactions in the city.</i>	Frederico Lopes, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Lisboa Carlos Neto, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Lisboa Rosa Madeira, Universidade de Aveiro
Chair: Rosa Madeira	

**S4 - PS 19**

14:00 Parallel Session 19 (1h) 3 presentations (15 min each + 15 min debate)

DCSPT - Room 12.3.12**Self-organization in planning S4**

<i>Parcerias entre sociedade civil e poder público na revitalização de vazios urbanos</i>	José Otávio BRAGA, MPRU - UA Vanessa PASSOS, MPRU - UA
<i>A participação dos cidadãos na regeneração urbana: o estudo de caso Vivacidade</i>	Tiago Vinagre de Castro, 4iS – Plataforma para a Inovação Social, UA João Pedro Rosa, 4iS – Plataforma para a Inovação Social, UA Fernando Nogueira, DCSPT - UA
<i>Discutir a participação em planeamento na perspetiva da auto-organização</i>	Paulo Silva (UA-DCSPT) Helena Farrall (UNL-FCSH)
Chair: José Carlos Mota	

## A participação na prática: uma reflexão crítica de processos participados

José Luís Crespo <sup>a</sup>

*j Crespo@fa.ulisboa.pt*

Lucia Caistor-Arendar <sup>a</sup>

*luciacastor.ciaud@fa.ulisboa.pt (para correspondência)*

Ana Rita Queirós <sup>a</sup>

*anaqueiros.ciaud@fa.ulisboa.pt*

<sup>a</sup> Grupo Interdisciplinar de Estudos Urbanos (GEU), Centro de Investigação em Arquitetura Urbanismo e Design (CIAUD), Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FAUL), Portugal.

### RESUMO

O surgimento de ações participativas no âmbito da administração e da gestão autárquica têm ganho cada vez mais protagonismo (Crespo et al, 2015). Há uma corrente na política do desenvolvimento urbano que defende os princípios de sustentabilidade e resiliência comunitária, das Cidades Inclusivas da New Urban Agenda, e a normalização da ideia do direito à cidade (Belda-Miquel, 2016), que poderão contribuir para criar mais oportunidades de participação cívica em projetos de arquitetura, de bairros e de cidades. Muitas vezes a implementação destas políticas participativas têm limitações na sua prática real. Por vezes o envolvimento da comunidade torna-se passivo servindo apenas para a recolha de informação e não para gerar um diálogo informado, não alterando a abordagem “top-down” ou a direção de um projeto urbano. Portanto, por vezes serve apenas para validar as decisões previstas das autarquias, em vez de realmente mudar as opções do poder e criar oportunidades para uma community-led urbanism. Além disso, há uma falta de reflexão e avaliação sobre os impactes destes processos na resposta aos problemas urbanos, da administração e às necessidades sociais dos habitantes ao nível local.

Neste artigo, pretende-se apresentar os resultados duma pesquisa ampla de casos de processos participados em vários contextos globais do presente e do passado para analisar o tema da participação na arquitectura e no urbanismo e a sua importância na definição das práticas e nos mecanismos das políticas e na gestão urbana (Crespo, 2015). Com os exemplos, pretende-se demonstrar quais são os processos participados com diversas tipologias de projetos arquitetónicos e urbanísticos a várias escalas, desde a reabilitação de bairros formais e informais, à criação de novos bairros e espaços e edifícios públicos. Analisa-se quais são as diferentes ferramentas, mecanismos e políticas públicas que fomentam a participação a diferentes escalas e os atores que dirigem esses processos. Em relação a estes exemplos, pretende-se analisar as suas virtualidades e limitações, pensando nos diversos níveis de participação comunitário ao longo do processo – desde a conceção, à escolha da proposta e à implementação e manutenção das intervenções em espaço urbano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sustentabilidade e Resiliência Comunitária, Direito à Cidade, Community-led Urbanism.

## O poder local democrático e as práticas institucionais de resistência - o caso de Almada

Ricardo Antunes Carneiro

*Doutorando em Urbanismo na FAUL, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.*

*Câmara Municipal de Almada. Almada, Portugal.*

*email: rarmcarneiro@gmail.com*

### RESUMO

Nas últimas décadas a problemática da participação tem dominado parte substancial do debate sobre o urbanismo e a transformação da cidade. A exigência, explícita ou latente, de um 'ser parte de', de um 'ser ouvido sobre' a produção da cidade, da região ou do lugar, os processos de planeamento e transformação do território teve impactos relevantes nas aproximações ao urbanismo, bem como aos modelos que concretizam os anteriores. O aprofundar da crise e as suas consequências, ou a reconformação das relações sociais multiplicaram as respostas às urgências e necessidades sociais e económicas desde então aparentes e manifestas no quotidiano. Ao nível do planeamento e da cidade, a reestruturação económica em curso desde a década de '80 e o seu aprofundamento com o processo de globalização subalternizaram o objecto da acção pública — o povo e os cidadãos. A falência do quadro e modelo 'tradicionais' de planeamento face às novas exigências de um mercado mundializado de forte pendor especulativo acentuou a condição excludente destes processos, exigindo novas formas de 'como fazer' e, sobretudo, do 'que fazer'. A emergência de modelos ou estratégias alternativas, (E.g. o urbanismo táctico, ou o urbanismo participativo), vêm constituindo, fora da esfera institucional, vectores de experimentação tendentes à confrontação dos obstáculos e interdições impostos à escala do lugar. Mais recentemente, por exigência popular, determinação regulamentar, conveniência política ou busca consciente de aprofundamento democrático, a experimentação e desenvolvimento de processos e metodologias do denominado planeamento formal promotoras de alargamentos da participação cidadã ou, no extremo oposto, de abordagens críticas de implicação e organização comunitária fundadas no lugar, social e espacialmente entendido, alargaram de facto os espaços de intervenção popular e, com eles, a interferência colectiva nos processos de produção da cidade. Pese embora estas iniciativas consituírem em si mesmas espaços reais de aprofundamento democrático, a questão de fundo permanece. Não obstante as mudanças recentes, o quadro nacional (institucional, legislativo, regulamentar e urbanístico) mantém-se estruturalmente vinculado e subordinado a conceitos, estratégias e práticas construídas da assimilação e concretização do modelo liberal. A consequência, a progressiva deterioração da qualidade da vida dos cidadãos, foi acompanhada da constrição sensível da vida democrática. Num contexto de particular ebulição na procura de soluções que respondam às questões concretas do futuro e do quotidiano, a heterogeneidade de abordagens paradoxalmente normalizou e reduziu a uma dimensão procedimental a generalidade dos modelos formais e informais de participação cidadã, assumem particular importância os processos críticos e as práticas de resistência, apontados à superação das limitações e contradições sistémicas. Neste contexto, o Poder Local Democrático, parte da organização democrática do Estado, não subsidiário nem dependente do nível central constiu-se, no quadro da sua autonomia, como instrumento de acção política particularmente eficaz na concretização e prossecução de modelos e práticas tendentes à afirmação, defesa e representação dos interesses e aspirações populares. O artigo investiga a possibilidade da concretização e prossecução de práticas e modelos alternativos de produção do urbano a partir da esfera institucional como condição para o aprofundamento democrático, a partir da análise do caso específico de Almada. Apresenta-se, com a análise de três processos distintos — o Almada Palavra Aberta, o Estudo de

Enquadramento Estratégico da Costa da Trafaria, e o Realojamento dos Moradores do Bairro das Terras da Costa, — as possibilidades, potencialidades e consequências da acção pública municipal em diferentes vectores (político, processual,projectual) e a partir de diferentes âmbitos (dialógico, epistemológico, metodológico) como exemplos de práticas institucionais de resistência concretizadas a partir da construção colectiva e popular das estratégias, projectos e soluções.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poder Local Democrático, Práticas Institucionais de Resistência, Participação, Construção Democrática, Planeamento Urbano.

## A Reforma da Agregação de Freguesias na Perspetiva dos Cidadãos: um estudo exploratório na Região de Aveiro

*José Miguel Duarte*

*Mestre em Ciência Política pela Universidade de Aveiro  
e técnico superior no município de Oliveira do Bairro.*

*jmcduarte@ua.pt*

*Luís Mota*

*Doutor em Administração Pública pela Universidade de Lisboa e professor auxiliar  
convidado na Universidade de Aveiro, bem como investigador de pós-doutoramento na  
unidade de investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas (GOVCOPP)*

*luismota@ua.pt*

### RESUMO

A agregação de freguesias em Portugal, levada a cabo em 2013, que implicou uma redução drástica do número destas unidades submunicipais, foi um dos aspetos mais relevantes da reforma do poder local proposta pelo XIX Governo Constitucional e motivada pela crise económico-financeira que Portugal atravessa. Esta reforma, que foi imposta pelo Governo Central, embora dando a oportunidade aos municípios de apresentarem propostas de agregação, tinha como principais objetivos a redução de custos, a criação de economias de escala e o aumento da qualidade dos serviços prestados aos cidadãos pelas freguesias, indo, assim, ao encontro dos objetivos das agregações de municípios que aconteceram em diversos países europeus nas últimas décadas. Esta reforma foi, no entanto, amplamente contestada por ter uma lógica muito focada numa lógica economicista e por ter seguido uma orientação muito top-down, negligenciando especificidades locais. Os ainda poucos estudos realizados sobre esta recente reforma em Portugal têm estado focados no seu enquadramento jurídico, bem como nos processos políticos e técnicos subjacentes, desprezando a perspetiva dos cidadãos quanto ao processo e aos resultados da reforma. O principal objetivo deste estudo exploratório é, assim, compreender qual o nível de conhecimento que os cidadãos têm sobre o processo da agregação de freguesias e qual a sua perceção sobre o resultado final desse processo. Para tal, foi aplicado um questionário a 726 cidadãos de quatro municípios da região de Aveiro cujas Assembleias Municipais se pronunciaram diferentemente em relação à agregação (Albergaria-a-Velha e Águeda, com parecer favorável, e Oliveira do Bairro e Ovar, com parecer desfavorável). Neste estudo analisamos, assim, o nível de conhecimento dos cidadãos quanto ao processo de agregação de freguesias e à posição que os seus órgãos municipais tomaram face à mesma, bem como as suas opiniões quanto ao desejo de manutenção ou reversão do processo de agregação. Analisa-se, ainda, se existem diferenças significativas nestes resultados de acordo com o município e freguesia de residência, o tipo de pronúncia das suas Assembleias Municipais, o escalão etário do cidadão, a antiguidade da sua residência na freguesia, ou o seu nível de envolvimento na vida política autárquica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidadãos e Reforma Administrativa, Agregação de Freguesias.



## Claims for a participatory planning: Reactions to Chinese capital in Madrid

Marta Catalan Eraso  
PhD student, The University of Hong Kong

### ABSTRACT

In the last decades, the increased presence of Chinese and Chinese capital around the globe has been reshaping the forms of cities and spatial practices at an unprecedented scale and pace. Today in Spain, the Chinese immigrants stand as the 4<sup>th</sup> most numerous group and their investment capital has produced new Chinese residential, commercial and industrial areas in the largest cities. In the recent years and within this landscape of Chinese investment, Wang Jianlin, representing the multinational Wanda group, emerged as one of the most contested figures in Madrid. All his acquisitions and proposals of investment have been heatedly debated among the common public. Media, political parties, academic figures and neighbors' associations showed their discontent and raised their concerns to reclaim an active role in the process of city making. This study aims to raise questions regarding the impact of Chinese global capital and how this has been reshaping the processes of citizen participation. What is the nature of these new urban and architectural forms under Chinese capital investment and what are their effects on the existing social context? Who are the agents contributing to the urban transformation and what are their vested interests? What are the urban claims that are being raised and what are the institutional shifts and policy realignments that have been central to these discussions? What are the processes behind these investments and how can we theorize them?

This paper examines three case studies of participatory claims in city planning, each associated with a different project of Wang Jianlin in Madrid. I first investigate the proposal of redevelopment of the Calderon into a high rise area in Arganzuela. I look into how neighbors have contested the changes in the land law of 2013 arguing that "*they don't want to be Manhattan, just a residential area*" and they have claimed their right to participate in the planning process. I then excavate on the proposal of Campamento redevelopment, in the south of Madrid, a project popularly referred to as the "*Chinese Euro Vegas*" as it is located in the area where the failed Sand's casino was proposed. Diverse neighbors and ecologic associations have opposed the development arguing that it stands on land that is non-developable, a protected ecological corridor. Finally, I examine the acquisition of the Espana Building and how a change in the political orientation of Madrid ruling party, affected the citizens' debates regarding the conservation of their heritage. Foster & Partners, in charge of the renovation project, suggested to deconstruct the façade and rebuild it as it was, prompting different agents in the academic and political scene to actively engage in discussions over the historical value of the building.

The disputations over Wang Jianlin's projects in Madrid have finally lead him to abandon most of them. After years quarreling over its legitimacy and despite the sizeable investment that he promised to do in the city, today only the Calderon project is still ongoing. However, the analysis of Wang Jianlin's projects in the city of Madrid bring new insights into the impact of Chinese capital investment in the contemporary cities through the built environment and how these have generated new debates and helped to produce new discourses on participatory planning in the city. This paper belongs to a broader research that looks at emerging architectural and urban forms, the variety of actors involved and their divided perspectives on urban change, this research will contribute to the scholarly production on the contemporary formation of the Spanish urban milieu and the overall repositioning of the nation in the world order at a moment when the rise of China is having an impact on reshaping cityscapes around the globe.

**KEYWORDS:** City Planning, Participatory Claims, Wang Jianlin's Projects, Chinese Global Capital.

## The imperative of society's participation in urbanism

Ana Póvoas

École Polytechnique Fédérale de Lausanne, Suíça  
ana.mourapovoas@epfl.ch

### ABSTRACT

This article presents an investigation on spatial justice placed in the heritage of Lefebvre's urban revolution. It interprets the most productive facets of this author's scientific and political programs, detaching them from the original Marxist matrix. Spatial justice foregrounds the urban problematic as one of coexistence, in heterogeneous (local) societies, of inhabitants with potentially divergent spatial conceptions, values and practices. The research project thus proposes an encounter among erudite studies on space, justice and spatial justice and between these theories and the discourses of citizens on what matters for justice in space. A theoretical contribution intersects an empirical terrain, based on the metropolitan area of Porto (defined as functional area). Exploratory interviews with a sample of this society allow the participants to determine the themes of pertinence to discuss the spatial dimension of justice. Listening to what the inhabitants of metropolitan Porto have to say about injustice and their habitat produces a better understanding on how space and ethics are related in this society.

Does space matter for justice? How do individuals problematize injustice through space? Is there one or several spatial justice conception in the society? Are individuals "coherent" or do they affiliate with different political-philosophical orientations in function of the themes at stake? In the pursuit of answers to these questions space and justice are considered as two separate planes. We are interested in seeing the specific contribution of deontological components (rationality, impartiality and reasonableness) and ideas of justice (equality and freedom and their interrelations) vis-à-vis the proper spatial imagination of inhabitants. We conclude that there is a strong interconnection between how inhabitants treat these two dimensions in their configuration of spatial injustices and the proposition of their contraries, that is, reversals of what they see as unjust. The capacity to imagine space as a resource for society's development project co-varies with the comprehensiveness of the "materials of justice" which are implied in such reversals of injustice. We observe that there is a proper ethical capacity involved in telling the just and that it has varying degrees in different individuals.

Through the quantitative and qualitative exploration of the corpus we see that there are today, in Porto, ten different ways of connecting space and justice. Two main fields – one in an epoch of morality and the other in ethics – compose contrasting urban problems: societal versus non-societal scales, metrics of continuity or of separateness, and varying degrees of complexity of the substance of space. These contradictions confirm that urbanism needs to be a political process, inclusive of all voices of a society. Participatory processes are imperative when the inhabitants do not hold the same relationship towards space and society, and have different spatial justice conceptions in result. In this context, a technical choice responding to one conception is likely to be experienced as unjust, as are policies derived from the best argument. Participation is thus necessary for procedural fairness but it also has consequential objectives: the construction of consensus. Participation focused on concrete public policies and projects can support the actors in detecting the reasons for their disagreements and work towards consensus of the spatial-ethical values of a more cohesive society. In this sense, deliberative urbanism demands the transversal participation of citizens, putting into contact conflictual conceptions. What is at stake is not a participation oriented to the community (*Gemeinschaft*) but to the society (*Gesellschaft*) (Tönnies, 2003). Arguably, the participated definition of a local society's territory is the corollary of this mode of participation in urbanism.

**KEYWORDS:** Ethics, Space, Spatial Justice, Participation, Urbanism.

## Smart cities and design thinking: sustainable development from the citizen's perspective

Ágatha Depiné

*PhD Student in Engineering and Knowledge Management at Federal University of Santa Catarina, Brazil –*

*VIA Estação Conhecimento.*

*Email: agathadepine@gmail.com*

*Ingrid Santos Cirio de Azevedo*

*Academic degree student in Accounting Sciences at the Federal University of Santa Catarina, Brazil – VIA*

*Estação Conhecimento.*

*Email: ingrid.cirio@gmail.com*

*Vanessa Cardoso Santos Eleutheriou*

*Master's degree student in Knowledge Engineering at the Federal University of Santa Catarina, Brazil –*

*VIA Estação Conhecimento.*

*Email: veleutheriou@gmail.com*

*Clarissa Stefani Teixeira*

*Department of Knowledge Engineering - Post-Graduate Program in Engineering and Knowledge*

*Management at the Federal University of Santa Catarina – VIA Estação Conhecimento.*

*Email: clastefani@gmail.com*

### ABSTRACT

Smart cities are innovative urban ecosystems, characterized mainly by the widespread use of information and communication technologies (ICTs) in the management of their resources, and are distinguished from other cities mainly by their performance in the field of innovation. In essence, the idea of smart city is based on the connection between human and social capital and technological infrastructure toward the generation of development and improvement of citizen's quality of life. It is an ecosystem where physical and digital infrastructure systemically co-exist with human capital. However, in order to connect the citizens, it is necessary to find new forms of participation and understanding. One of the possibilities is through the design thinking approach. Design thinking is an analytical and creative approach that focuses on the concerns, interests and values of the user - in city's case, the citizen. The present study aims to investigate the application of the design thinking process in the development of smart cities. For its development, we used the qualitative method through literature review. As a result, we found that design thinking can be used for the development of each of the six typical dimensions of a smart city (people, economy, governance, environment, mobility and lifestyle), at micro or macro level. It can be applied to some aspect of a community, a neighborhood or the city as a whole. In addition, its use can be adopted on at least two crucial aspects in an innovative urban ecosystem: in the technological sphere, involving the still unexplored potential of new customized services to the citizen; and in concern to the needs and interests of the citizens which can be solved with frugal technology or no technology at all, but which can still transform their quality of life.

**KEYWORDS:** Smart Cities, Innovative Urban Ecosystems, Human and Social Capital, Citizens.

## SoftGISchildren“Cidade Ideal: um jogo de imaginação gráfica!” a child-friendly interactive tool to web-map children’s mobility and interactions in the city

*Frederico Lopes*

*Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa  
fred.lopes3@gmail.com*

*Carlos Neto<sup>a</sup>*

*Rosa Madeira<sup>a</sup>*

*<sup>a</sup> Universidade de Aveiro*

### ABSTRACT

In this paper, we present SoftGIS Children methodology which was used in a PhD thesis as a tool to study children's independent mobility and interactions in the urban physical environment.

Place experiences were operationalized using the concept of multidimensional affordances yielded on the theoretical landscape of Environmental Psychology, where affordances are action possibilities provided by elements in the environment to a subject, under a reciprocal process of action-perception, which depends simultaneously on the subject’s characteristics, environmental meaning (Gibson, 1979; Kyttä, 2003) and socio-cultural norms (Kyttä, 2004). Place experience enables children to become aware of the functional meaning of place (Heft, 1988); and create an emplaced understanding of it by actively constructing diverse layers of meanings and functionalities through actualization of multidimensional affordances (Lim & Barton, 2010). SoftGIS methodology has been developed at Aalto University, Finland, since 2005, and successfully applied in the context of research and urban planning. SoftGIS methods are integrated in Public Participation Geographic Information Systems (PPGIS) which enable collection and place mapping of daily subjective environmental experiences in the physical environment, creating conditions for individuals to be actively engaged in public processes of participation. Using a web-map based questionnaire children were invited to identify their meaningful places by selecting and locating a diversified range of affordances in the sociophysical environment of the city. These affordances are available in the web-map survey according pre-established categories of social, play, «leisure and emotional types of transactional place experiences (i.e.: a place for climbing; a place for being alone; a place where there is a cinema; a place considered good to be). After each place marking, and within children’s daily and ideal behaviors, a series of questions regarding mobility are asked and, in the case of play and leisure interactions, an additional one about play/activity type.

This data collection methodology is child-friendly because the content and usability of this survey is adapted to children’s perceptions, skills, cultures and languages, enabling them to become active participants in a participatory process of qualifying transactional interactions in different urban space typologies.

A total of 145 sixth to ninth graders, from three schools located in the west, coastal and eastern areas of Lisbon were involved in the study. In terms of mobility, main results of this research reveal that car transportation and non-independent travel was adopted by more participants in school-home journey; active and independent travel was the most frequently used travel mode to meaningful places, namely within neighborhood area; children’s territorial range varied from 1.3 -2.2 Km, and they would like to be more active and more autonomous on urban travelling. As for meaningful place experiences, a total of 1632 multidimensional affordances were marked, with more expression on social affordances, followed by leisure, functional and emotional types; “being with friends” was the most recurrent affordance of all and neighborhood built environment was found to be socially meaningful. As for use of urban space typology,

generally, it was found that “green space”, “housing space”, “commercial space” and “school” were more often used to actualize affordances.

These findings reinforce the idea that creating digital platforms where children and young people actively engage as participants, reporting on their mobility and meaningful place experiences in the city, constitutes a reinforcement on the urgency of municipalities to integrate articles 12 (right to participate) and 31 (right to play and leisure) of the Convention on the Rights of the Child when devising public policies for children and young people.

**KEYWORDS:** SoftGISchildren Methodology, Active Participants, Affordances, Urban Space, Mobility.



universidade de aveiro  
unidade de investigação em governança,  
competitividade e políticas públicas





## Parcerias entre sociedade civil e poder público na revitalização de vazios urbanos

José Otávio Braga<sup>a</sup>  
 zeh.ot.sab@gmail.com  
 Vanessa Passos<sup>a</sup>  
 passos.va@gmail.com

<sup>a</sup> Mestrado em Planeamento Regional e Urbano  
 Departamento de Ciências Políticas, Sociais e do Território  
 Universidade de Aveiro

### RESUMO

As cidades estão em mudança contínua por meio de planos, programas e iniciativas que buscam contribuir ao desenvolvimento. No entanto, esses processos por vezes não se completam ou são interrompidos, gerando espaços ociosos tidos como vazios urbanos, que afetam diretamente a função social de suas propriedades. Os Vazios Urbanos retratam, dentro de diferentes contextos - histórico, econômico, administrativo, político e social, a forma com que determinadas áreas da cidade se desenvolvem. Estes espaços, que podem ser construídos ou não construídos, são subutilizados e mal aproveitados nas zonas urbanas, o que resulta em áreas propícias ao surgimento de problemas como a dispersão urbana, a insegurança, a baixa auto-estima e, até mesmo, doenças. A partir do entendimento da função social da propriedade e dos problemas que afetam o cotidiano, várias pessoas, em diferentes partes do mundo, têm se reunido para intervir sobre os vazios urbanos. O engajamento cívico e os processos colaborativos resultantes dessas ações trazem crescimento social aos participantes e às comunidades, com resultados que vão além da requalificação espacial. Com o protagonismo popular, por vezes em parcerias com empresas e com o poder público, os processos em prol da recuperação dos vazios acontecem através de práticas colaborativas que reafirmam os princípios e valores comunitários, como mutirões, rodas de debates e oficinas. A coesão pública surge em resposta à realização desses eventos como atividades geradoras de autonomia, onde os participantes respeitam-se e criam momentos de diálogo, valorizando o que fazem e ampliando as suas redes relacionais. Todos esses aspectos são essenciais à construção de capacidade institucional da sociedade. Este artigo objetiva apresentar dois estudos de casos inseridos nos contextos brasileiro e português, nos quais é possível o enquadramento dos conceitos de vazios urbanos, seus processos de formação, a metodologia institucional e colaborativa adotada para cada ação e seus resultados. Os projetos apresentados consistem na Praça do Bolso do Ciclista em Curitiba, Brasil; e o Projeto Vivacidade em Aveiro, Portugal. A análise comparativa destes casos emblemáticos de sucesso proporciona frentes de conhecimento necessárias para a compreensão de como parcerias interinstitucionais podem intervir nos vazios urbanos e, assim, obter possíveis respostas que sirvam de suporte para solucionar essa problemática de modo que promova a responsabilidade cívica a partir das iniciativas populares.

**PALAVRAS-CHAVES:** Vazios Urbanos, Responsabilidade Cívica, Função Social, Processo Colaborativo.



## A participação dos cidadãos na regeneração urbana: o estudo de caso Vivacidade

*Tiago Vinagre de Castro, 4iS – Plataforma para a Inovação Social, Universidade de Aveiro,  
Campus Universitário de Santiago, edifício I, 3810-193 Aveiro, Portugal  
tiago.vng.castro@gmail.com*

*João Pedro Rosa, 4iS – Plataforma para a Inovação Social, Universidade de Aveiro, Campus  
Universitário de Santiago, edifício I, 3810-193 Aveiro, Portugal  
jpsrosa@ua.pt*

*Fernando Nogueira, Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território,  
Universidade de Aveiro, Campus Universitário de Santiago, edifício 12, 3810-193 Aveiro,  
Portugal  
f.nogueira@ua.pt*

### RESUMO

Nos últimos anos, a participação dos cidadãos passou a estar presente, quer no discurso político quer nas diretrizes europeias. Paralelamente, têm surgido iniciativas bottom-up de índole cívica para a transformação urbana, um pouco por todo o Mundo. De facto, a sociedade civil – organizações, grupos informais, coletivos – tem vindo a organizar-se no sentido de dar resposta a problemas que tardam a ser resolvidos. Nesse sentido, em certa medida, a distanciação entre entidades responsáveis pelo desenvolvimento e gestão urbana e a sociedade civil tem vindo a diminuir. Porém, a par deste fenómeno, especialistas, técnicos e decisores políticos têm vindo a questionar a autoridade, legitimidade e capacidade da sociedade civil em intervir ativamente em áreas tão complexas como o planeamento urbano. Este movimento emergente poderá ser sintomático de um desfasamento entre as políticas e ferramentas de desenvolvimento urbano e as reais necessidades de uma sociedade cada vez mais consciente e sensibilizada para as questões urbanas e que sente impelida a agir. Contudo, face às questões e dúvidas levantadas relativamente à pertinência da participação, urge um entendimento e compromisso entre setores – público, privado e sociedade civil – para que através de projetos piloto se possa testar novas abordagens, metodologias e ferramentas e permitir uma avaliação efetiva do envolvimento e participação ativa dos cidadãos nas dinâmicas de desenvolvimento urbano. O VivaCidade. Vestir os Vazios da Cidade, foi um projeto de participação dos cidadãos para a transformação urbana através da cultura desenvolvido em Aveiro, entre 2013 e 2015, promovido e coordenado por uma equipa constituída pela Câmara Municipal de Aveiro, pela 4iS – Plataforma para a Inovação Social e pela SETEPÉS, Lda. A iniciativa tinha como principais objetivos a capacitação da comunidade, a regeneração urbana através de transformações promovidas pela comunidade, o envolvimento intergeracional e o reforço da identidade local. Este projeto representou um exercício de cidadania ao conjugar, num processo colaborativo e democrático, a conceção e a realização de uma intervenção num espaço da cidade degradado e desprovido de função, transformando-o num lugar qualificado para todos. Paralelamente, foi um processo de aprendizagem no qual se testou a colaboração intersectorial, a combinação de competências e recursos, a partilha de desafios e experiências locais que conduziram ao desenvolvimento de soluções criativas e à partilha do saber fazer e valores subjacentes. Com efeito, esta iniciativa veio demonstrar a pertinência e importância da participação no contexto da regeneração urbana, nomeadamente, permitindo que os cidadãos possam contribuir ativamente na solução dos problemas sentidos e cuidarem dos espaços com os quais têm maior proximidade. A correspondência entre as intervenções e as necessidades da comunidade local assegura o interesse e disponibilidade desta para a construção e manutenção. A experiência proporcionada pelo VivaCidade permitiu testar um conjunto de premissas que têm estado

no cerne da discussão da participação no planeamento. Assim, foi possível implementar um processo de participação de base comunitária, mas também a parceria intersetorial, a mobilização da sociedade civil, a capacitação dos participantes e por fim a qualificação de um vazio urbano através de uma intervenção participada com soluções desenhadas tendo em conta o seu carácter de baixo custo. As ideias, necessidades e expectativas de todos os que participaram no projeto, desde os moradores e estudantes universitários a outros cidadãos resultaram numa proposta concreta. O processo de participação permitiu alcançar um consenso relativamente ao que se pretendia para o vazio urbano: «Uma zona de estar com jardim, cor, mobiliário lúdico e um mural, que faça referência à antiga taberna que aí existiu. Um espaço para todos e para todas as idades» O VivaCidade foi acima de tudo um processo de aprendizagem coletiva, onde todos os intervenientes foram lidando com os diversos desafios e obstáculos que foram surgindo, e do qual se podem elencar um conjunto de fatores de sucesso e de lições que derivaram desse mesmo processo. Assim, este artigo propõe-se a discutir esses desafios e aprendizagens expondo o projeto nas suas diferentes fases, as metodologias e ferramentas utilizadas. Os resultados demonstram que o de envolvimento e participação de cidadãos são, de facto, possíveis e podem fazer a diferença. No entanto exigem tempo para se consolidarem, pelo que impõem acompanhamento e especial atenção por parte das autoridades locais, e que o construir e transformar a cidade pode ser feito entre especialistas, autoridades competentes e cidadãos de forma construtiva e democrática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Participação, Planeamento, Regeneração e Transformação Urbana, Capacitação, Comunidade, Cidadania Ativa, Parcerias Intersectoriais.

## Discutir a participação em planeamento na perspetiva da auto-organização

*Paulo Silva (UA-DCSPT)  
Helena Farrall (UNL-FCSH)*

### RESUMO

A participação em planeamento é tida como uma das formas de combater o desfazamento entre planos e território e colmatar a reduzida interação entre instrumentos e cidadãos que leva a situações extremas de falta de confiança das sociedades nas instituições de planeamento. Tal tem levado à procura de novos modelos de planeamento dos mais normativos aos mais colaborativos e também à discussão do papel desempenhado pelos planeadores neste contexto. Por uns, a tomada de decisão concentrada em processos bottom-up é vista como o futuro do planeamento local enquanto outros destacam as ambiguidades e tensões desses processos. Desta discussão faz ainda parte o papel do planeador num contexto que oscila entre o desempenhar funções de liderança e o desempenhar funções mais colaborativas.

Em Portugal, a participação em moldes informais e de forma experimental existe desde a instauração do regime democrático e formalizou-se no contexto de planeamento com a criação de regimes jurídicos para a regulação do planeamento - e da participação pública nestes contextos - desde os anos 1990.

A incorporação do conceito de auto-organização em planeamento é recente e exige um esforço suplementar para o usar como mais do que uma metáfora, exigindo um aprofundamento de conceitos relacionados com a teoria da complexidade: encarar o território como um sistema adaptativo complexo conjugado com o conceito de hierarquia para além das relações de poder; abordar os resultados de múltiplas relações entre agentes e identificar as estruturas emergentes destas relações, são apenas algumas das possibilidades. Hoje em dia, o estudo destes processos apresenta-se como contributo para uma nova via no planeamento.

Neste artigo o conceito de auto-organização servirá para dois aspetos fundamentais: (1) questionar a dicotomia top-down versus bottom-up frequentemente associada os processos de decisão; (2) explorar o papel dos agentes com saber técnico especializado (planeadores, urbanistas, ...) na interação com outros agentes nos processos de planeamento.

Os fenómenos de urbanização informal oferecem um bom manancial de informação que servem o propósito de aferir o papel da participação. Neste contexto, as ações dos cidadãos escapam às tradicionais relações de poder, sendo estes movimentos tipicamente de baixo para cima vistos como uma reação da urbanização informal às formas de planear de cima para baixo. Para além disso, o papel do planeador é frequentemente questionado pelo utilizador das ocupações não planeadas.

Partindo da experiência que em Portugal se desenvolveu na relação entre instituições de planeamento e cidadãos no contexto da formalização dos denominados bairros clandestinos, propõe-se usar a teoria da complexidade e em especial o conceito de auto-organização para rever estes processos. Este é uma oportunidade para olhar para fenómenos já descritos no passado e retirar leituras para o futuro da participação em planeamento, que sem esta lente se arriscam a ser vistos apenas como parte de um período conturbado da história do planeamento em Portugal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Participação, Auto-organização, Urbanização Informal, Top-down, Bottom-up.

**S4 - PS 20**

15:15 Parallel Session 20 (1:15 h) 4 presentations (15 min each + 15 min debate)

DAO Auditorium

**Collaborative Planning, Participation, Collective Evaluation and Decisions Making Process S4**

<i>Como se medem os impactos da participação pública? Reflexões a partir dum caso português</i>	<i>Roberto Falanga, Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa</i>
<i>O perfil-tipo de participantes nos orçamentos participativos em Portugal</i>	<i>Vanessa Duarte de Sousa, Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, Associação In Loco Nelson Dias, Associação In Loco</i>
<i>O sapateiro olha para os sapatos? Resultados de votações multicritério</i>	<i>Monique Borges* João Marques* Eduardo Castro* *DCSPT-UA</i>
<i>Chair: Eduardo Castro</i>	

**S5 - PS 21**

15:15 Parallel Session 21 (1 h) 3 presentations (15 min each + 15 min debate)

UA Bookstore Auditorium

**Public Participation in Spatial Planning S5**

<i>Recriação colaborativa do espaço público sem participação estatal: o caso da praça da Alvorada em Fortaleza, Brasil</i>	<i>Alana Aragão Vasconcelos, Universidade de Fortaleza, Brasil José Otávio Braga, DCSPT, Universidade de Aveiro Juliana Feitosa De Holanda Queiroz, Universidade de Fortaleza, Brasil Mariano Araújo De Oliveira, Universidade de Fortaleza, Brasil Raquel Pessoa Morano, DAU, Universidade Federal do Ceará, Brasil</i>
<i>Os tempos da cidade na cidade</i>	<i>Luísa Valente - Professora Doutora na Universidade Fernando Pessoa e Investigadora no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território</i>
<i>A reabilitação do Largo do Intendente: um espaço de compromissos</i>	<i>Joana Barroso Hortas, Universidade Católica de Lisboa</i>
<i>GOVINT</i>	<i>Maria João Freitas, LNEC</i>
<i>Chair: Sara Pires</i>	

## Como se medem os impactos da participação pública? Reflexões a partir dum caso português

Roberto Falanga

Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa, Portugal

### RESUMO

Nas últimas duas décadas, Portugal destacou-se como um dos países europeus com o número mais elevado de processos participativos a nível municipal. Os mecanismos da democracia participativa têm vindo, nomeadamente, a promover o envolvimento da sociedade civil junto das autarquias para a melhoria das políticas públicas, geralmente no âmbito da preparação de planos orçamentais e estratégicos, intervenções territoriais, e outros projetos. Junto à elevada difusão, a medição dos impactos dessas práticas tem vindo a ganhar terreno no debate sobre indicadores de sucesso da participação nas políticas públicas.

A partir dum cenário internacional que apresenta uma escassa sistematização de práticas de monitorização e avaliação de processos participativos, este contributo debruça-se sobre questões teóricas e metodológicas relacionadas com a medição dos impactos da participação. Esta reflexão complementa-se com a análise dum caso português, o Programa BipZip (Bairros de Intervenção Prioritária, Zonas de Intervenção Prioritária) implementado pela Câmara de Lisboa desde 2011. Contando com a posição privilegiada do autor enquanto membro da equipa consultora do Programa, pretende-se discutir um conjunto de inquietações que surgem quando se operacionalizam critérios para a medição dos impactos da participação. As inquietações relacionam-se com o delicado equilíbrio que existe entre dimensões quantitativas e qualitativas da avaliação dos territórios atingidos pelo Programa ao longo das suas primeiras cinco edições.

Tendo em conta a necessidade de abordar a participação como um fenómeno necessariamente complexo e contextualmente situado, defende-se aqui a combinação de métodos que meçam a quantidade e a qualidade dos impactos, a fim de obter resultados mais robustos e válidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Participação Pública, Impactos, Território, BipZip, Lisboa.

## O perfil-tipo de participantes nos orçamentos participativos em Portugal

Vanessa Duarte de Sousa

(Assistente Convidada na Faculdade de Economia da Universidade do Algarve e  
Colaboradora da Associação In Loco)

Nelson Dias (Presidente da Associação In Loco)

### RESUMO

Na última década têm-se disseminado os Orçamentos Participativos (OP) em Portugal. Os modelos adotados são distintos entre si, mas é nos casos deliberativos que recai o maior interesse pela capacidade dos cidadãos em tomarem parte ativa na decisão sobre os investimentos públicos das autarquias.

Os OP são instrumentos importantes no estabelecimento de um diálogo entre a democracia representativa e a democracia participativa, mas não esgotam a possibilidade de ação que os cidadãos podem ter na vida pública. Se as primeiras experiências revelavam alguma conflitualidade entre esses dois modelos, a prática continuada do OP vem mostrar que estes são mais do que complementares. Há um valor acrescentado comprovado nos casos em que a prática do OP se sedimenta no território.

O caso português é emblemático a este nível, seja pelo número de experiências em curso, como pelos montantes de investimento e pela capacidade mobilizadora de cidadãos. É a este último nível que incide o artigo, traçando as características sociodemográficas dos participantes nestes processos e definindo um perfil-tipo dessa participação. A análise dos dados recolhidos permite perceber que públicos estão a ser mobilizados, assim como tirar ilações sobre as franjas da sociedade que menos se implicam nestas dinâmicas. Para além de constituir o primeiro trabalho de comparação entre diferentes OP desenvolvidos em Portugal, os resultados alcançados visam produzir elementos de apoio à reflexão e eventual decisão das autarquias no planeamento dos seus processos participativos.

A análise incide sobre a caracterização de todos os participantes em sessões públicas na fase de apresentação de propostas, em orçamentos participativos deliberativos desenvolvidos por municípios portugueses. São trabalhadas variáveis de caracterização dos territórios em que o OP é aplicado (dimensão dos lugares e região), em conjugação com variáveis de caracterização sociográfica dos participantes (idade, género, escolaridade, situação face ao emprego, relação com o município) e de mobilização cívica (envolvimento em organizações sociais ou associações e participação em diferentes atos eleitorais). A análise descritiva, bivariada e multivariada permite traçar um perfil de participante em função do género, do território e da idade, o que em muito contribui para o planeamento dos processos e a delimitação de estratégias de mobilização de públicos mais afastados destas iniciativas. Os dados sobre os quais incide a pesquisa referem-se ao universo dos participantes desses OP.

**PALAVRAS-CHAVE:** Orçamentos Participativos, Diálogo, Democracia Representativa, Democracia Participativa, Caracterização dos Territórios.



## O sapateiro olha para os sapatos? Resultados de votações multicritério

Monique Borges <sup>a</sup>

monique@ua.pt

João Marques <sup>a</sup>

jjmarques@ua.pt

Eduardo Anselmo Castro <sup>a</sup>

ecastro@ua.pt

<sup>a</sup> Departamento de Ciências Sociais Políticas e do Território, GOVCOPP, Universidade de Aveiro.

### RESUMO

Nos processos de participação pública discute-se o efetivo envolvimento e contributo para a tomada de decisão. O debate gerado em torno desta temática é relativamente complexo e diversificado. São frequentemente discutidos aspetos ligados à estruturação destes processos, mas sobretudo ao que podem representar do ponto de vista da corresponsabilização de quem é envolvido e de como é possível assegurar a isenção dos contributos recolhidos e orientados para a decisão, sem sobrepor interesses e valores individuais e organizados. De certa forma, pode-se considerar que a tomada de decisão coletiva permite minimizar as limitações das decisões tomadas individualmente. Na base destas limitações estão características do processo cognitivo, sobretudo relacionados com heurísticas utilizadas, com a reduzida informação disponibilizada e com a dificuldade de ligar resultados e ações e de ponderar as consequências de cada escolha.

A necessidade de desenvolver abordagens metodológicas que respondam a estes desafios é evidente. Este trabalho apresenta os resultados obtidos em três planos estratégicos municipais, nos quais foi implementada uma metodologia de participação, com recurso à votação para a recolha e agregação de preferências individuais.

A discussão apresentada centra-se na análise dos resultados obtidos, procurando relacionar os fatores que influenciam a decisão e os respetivos atalhos cognitivos. Em linha com a investigação em psicologia social, existem fatores que influenciam a tomada de decisão, que, em conjunto com os atalhos cognitivos, permitem estabelecer um padrão de resposta tipificado de acordo com o grupo de participantes. Os resultados obtidos nos três planos estratégicos são confrontados com estes pressupostos e mostrar-se-á se existe uma relação entre as prioridades e as preferências ao perfil socioeconómico do participante. Serão, neste âmbito, apresentadas reflexões em torno dos métodos de apoio à decisão mais adequados para garantir simultaneamente a transparência e a efetividade das decisões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Participação, Apoio à Decisão, Multicritério, Preferências e Perfis.

## Recriação colaborativa do espaço público sem participação Estatal: o caso da praça da alvorada em fortaleza-ce, brasil.

*Alana Aragão Vasconcelos – Universidade de Fortaleza*

*E-mail: [alanaavasconcelos@gmail.com](mailto:alanaavasconcelos@gmail.com)*

*José Otávio Santos de Almeida Braga – DCSPT, Universidade de Aveiro*

*E-mail: [zeh.ot.sab@gmail.com](mailto:zeh.ot.sab@gmail.com)*

*Juliana Feitosa de Holanda Queiroz – Universidade de Fortaleza*

*E-mail: [queirozhjuliana@gmail.com](mailto:queirozhjuliana@gmail.com)*

*Mariana Araújo de Oliveira – Universidade de Fortaleza*

*E-mail: [marianadeoliveira2018@gmail.com](mailto:marianadeoliveira2018@gmail.com)*

*Raquel Pessoa Morano – DAU, Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: [raquelmorano20@gmail.com](mailto:raquelmorano20@gmail.com)*

### RESUMO

Na formulação e desenvolvimento dos planos urbanos das cidades brasileiras, ainda é incomum que a população seja integrada ao processo de desenvolvimento desses e suas políticas decorrentes. Falta de compromisso, receio de perder o controle do processo e visão autoritária e tecnocrática podem ser algumas das características que tornem o poder público municipal tão avesso ao planejamento participativo e colaborativo. Por outro lado, na literatura urbanística, já foi amplamente verificado em diversos cenários e contextos que a participação comunitária traz grandes e importantes vantagens a todas as partes, pois permite o fomento da cidadania e responsabilidade cívica, resultados mais eficientes e direcionados e facilita a aceitação das políticas públicas. Como várias outras capitais brasileiras, a cidade de Fortaleza se encontra nesse mesmo quadro de trabalho, com pouca participação nos planos e muita alienação da população às decisões urbanas e territoriais que, possivelmente, são também objetos de interesse desses cidadãos. No entanto, diversas ações e metodologias surgiram para qualificar o espaço público em colaboração com a população, esteja o poder público incluso ou não. Placemaking como processo colaborativo e Urbanismo Tático como método de reivindicação de transformações físicas e políticas em curto prazo e com baixo orçamento, são alguns dos procedimentos que embasaram a ação analisada neste artigo. Dessa maneira, como decorrência dos estudos voltados a esses novos processos, mas também a conceitos mais amplos como o “Direito à Cidade”, foi desenvolvida uma oficina de “Placemaking” na Praça da Alvorada no bairro da Sapiroanga - um bairro periférico e bastante desatendido em termos de serviços públicos -, coordenada por profissionais e estudantes de Arquitetura e Urbanismo do coletivo A-Braço e direcionada aos estudantes do mesmo curso da Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Com o objetivo de qualificar o espaço físico da praça e as relações comunitárias com ela, essa ação durou poucos dias e não incluiu o governo municipal em seu desenvolvimento. No entanto, o método teve início com meses de antecedência e o poder público foi contatado apenas com o objetivo de ser informado, evitando assim possíveis infrações e problemas burocráticos futuros. Ao retirar do processo o ator que, costumeiramente, é o responsável pelo desenvolvimento de planos e projetos urbanísticos e por integrar as comunidades, dúvidas surgem em relação a efetividade técnica e operacional dos atores para sua realização, mas também quanto a qualidade dos resultados. Descobrir o papel e a capacidade institucional da sociedade civil em transformar colaborativamente seus espaços públicos com a população e sob a direção de coletivos sem fins lucrativos e de uma universidade, em comparação com um processo mais difundido sob a direção do poder público, passa a ser o objeto de verificação desse artigo.

Dessa maneira, a ação realizou-se com ótimos resultados e, a partir da análise desse método, é verificada comparativamente as potencialidades e obstáculos percebidos e quais aspectos o diferenciam de um processo organizado pelo poder público.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fortaleza, Praça da Alvorada, Placemaking, Sociedade Civil, Universidade.

## Os tempos da cidade na cidade

*Luísa Valente, Professora Doutora*

*Professor Auxiliar | Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo | Universidade*

*Fernando Pessoa*

*Investigadora no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território | CEGOT*

*E-mail: luisavalente.arq@gmail.com*

### RESUMO

Esta comunicação pretende partilhar e contribuir para o estudo do processo da construção da cidade, como fazendo parte determinante e essencial de um sistema sócio espacial de grande complexidade. Consiste na possibilidade de identificar determinados modelos de cidade na cidade construída, apesar de reconhecermos que a cidade é o resultado de sobreposições ou justaposições de modelos urbanos. A pesquisa em torno da cidade construída permite uma maior sustentação na forma de intervir no futuro, restituindo uma determinada identidade e qualidade ao espaço urbano sem que isso signifique um retorno aos modelos tradicionais. Salientamos assim, a importância que adquirem na análise urbana, as metodologias tipomorfológicas, demonstrando como se aproximam as preocupações da geografia urbana, da urbanística, e da arquitetura na pesquisa e na intervenção sobre a cidade contemporânea. Assim, a análise urbana "informa" as propostas urbanísticas e arquitetónicas, aprofundando a investigação sobre as especificidades urbanas de cada uma das partes da cidade. Assume-se a interpretação da arquitetura e da cidade como fenómenos não distintos, pois a arquitetura é o instrumento que dá forma à cidade, e a cidade é entendida como arquiteturas, traduzindo o tempo, crescendo sobre si, e adquirindo uma consciência e uma memória nas permanências. Pretende-se encontrar a identificação dos acontecimentos urbanos e fenómenos arquitetónicos que dominam e caracterizam uma área (no concelho de Matosinhos) representativos do desenvolvimento da cidade e do seu modo de articulação urbana. A pesquisa parte de três planos de expansão de Matosinhos para a análise e confrontação da cidade construída. A forma do plano na forma da cidade constitui um ponto de partida na interpretação operativa dos factos urbanos. Analisa-se em cada plano o conceito de identidade que se procura traduzir em projeto de cidade e confrontá-lo com um modelo de cidade (re)conhecido na conceção dos vários planos, bem como, no confronto com a realidade em que se transformou. Ou seja, o confronto entre a cidade planeada e a cidade construída. O estudo da transformação urbana de cada área ou de cada plano está relacionado com a ideia ou a necessidade de se reconhecer ou reconstituir um fio condutor. Esse fio condutor significa a identificação dos acontecimentos urbanos e arquitetónicos representativos no processo de desenvolvimento da cidade ou parte de cidade (Matosinhos). Os tempos da cidade na cidade propõem reconhecer através do diagnóstico, a IV Conferência de Planeamento Regional e Urbano Conferência Internacional do Projeto Community Participation in Planning A Participação em Planeamento do Território e Políticas Públicas Os tempos da Cidade na Cidade articulação dos vários fragmentos de cidade, na cidade contemporânea. Este desígnio desejável possibilita a caracterização de unidades urbanas – os fragmentos e a multiplicidade de identidades – e o reconhecimento de uma oportunidade de intervenção em cada uma das partes, para que no futuro estas se afirmem enquanto partes de cidade mais ou menos consolidada, segundo modelos alternativos à cidade tradicional. Quando se trabalha com a forma urbana, os conceitos de continuidade, recuperação, articulação, integração, são fundamentais. Nas conclusões deste percurso esboça-se uma síntese que surge da reflexão de uma análise comparada entre a cidade planeada e a cidade construída e entre uma cidade fragmentada e uma cidade conectada e integrada. Importante é conseguir identificar metodologias, utilizar instrumentos e possuir uma ideia de projeto urbano que apoie



universidade de aveiro  
unidade de investigação em governança,  
competitividade e políticas públicas



a caracterização das homogenias existentes e das heterogenias passíveis de evidenciar fatores de continuidade.

Desenvolve-se um percurso para o entendimento no campo disciplinar da arquitetura, do urbanismo e da geografia urbana, apoiado não só no conhecimento da história da cidade, mas também na prática da análise tipo-morfológica, um trabalho que tem uma visão otimista do processo de transformação urbana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construção da Cidade, Espaço Urbano, Cidade Planeada e Cidade Construída, Análise Tipo-morfológica, Processo de Transformação Urbana.

## A reabilitação do Largo do Intendente: um espaço de compromissos.

Joana Barroso Hortas

Estudante de Mestrado- Estudos da Cultura. Universidade Católica de Lisboa.

Email: [joanabhortas@gmail.com](mailto:joanabhortas@gmail.com)

### RESUMO

No presente trabalho pretende-se refletir sobre as dinâmicas de intervenção urbana que mobilizam a cultura e o sector cultural para a reabilitação de um espaço segregado social e territorialmente. Focando a análise no Largo do Intendente, na cidade de Lisboa, em particular no processo de reabilitação iniciado em 2011 no território do Largo e do bairro envolvente. Este processo visava devolver o Largo à cidade e atenuar o estigma negativo que o caracteriza há várias décadas. Um compromisso que envolveu várias entidades Municipais e do poder local, bem como iniciativas privadas.

Este desafio teve início com os planos de intervenção em espaço público e a dinamização de estratégias para colmatar os problemas sociais e de marginalidade, ao mesmo tempo que tentava mobilizar a participação das pessoas no processo. Os primeiros passos na reabilitação do Largo articulam-se com o importante compromisso político da Câmara Municipal de Lisboa e da Junta de Freguesia de Arroios. Todavia, foi decisivo o envolvimento das instituições privadas e a realização de eventos culturais, promovendo variadas atividades para atrair novos públicos, simultaneamente promovendo contactos com as comunidades que habitam o território.

Para compreender o que é hoje o Intendente renovado foi cruzada informação dos planos e estratégias implementados com informação empírica recolhida em trabalho de campo, recorrendo a observações e registos, fotografias e entrevistas. Foi ainda relevante a análise de informação proveniente de alguns órgãos de comunicação social. Os resultados obtidos permitiram a compreensão das novas dinâmicas, que se iniciaram há cinco anos, quando o Largo era associado a um "ghetto" no centro de Lisboa, e que hoje conferem ao Intendente uma nova vida. Cumprindo a ideia do retorno daquele espaço aos cidadãos, inerente na obra "o Direito à Cidade", de Henri Lefebvre (original 1968).

A programação cultural oferecida e os novos espaços atraem outras pessoas e a imagem daquele Largo é hoje muito distinta da registada no início da reabilitação. O Largo é uma referência na programação cultural da cidade e na sua vida noturna, com a marca distinta da multiculturalidade, estimulada pelas dezenas de nacionalidades e etnias que moram nos bairros circundantes. As instituições públicas e privadas compreenderam as suas potencialidades desde o início, momentos como concertos de músicas do mundo ou danças de várias origens marcam a programação local, bem como a criação do Corredor Cultural pela Câmara Municipal. As mesmas instituições, reconheceram ainda a necessidade de trabalhar com populações em risco, por um lado, a população envelhecida muitas vezes em risco de isolamento, por outro lado, os grupos com comportamentos marginais de risco, nomeadamente atividades de prostituição, alcoolismo e toxicodependência. Com os dois grupos dinamizaram-se atividades variadas, destacando encenação de peças de teatro e atividades de expressão corporal, promovidas por profissionais das artes e cultura. Os problemas sociais e de marginalidade não desapareceram por completo, são menos visíveis e convivem com os restantes utilizadores do Intendente.

O sucesso do processo, que se iniciou apenas há cerca de cinco anos, é bastante visível no espaço do Largo. Porém fica agora em aberto o futuro daquele espaço, sujeito a processos de gentrificação e gentrificação turística, que podem vir a configurar um novo Intendente, e que já são motivos de preocupação de alguns comerciantes e programadores locais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intervenção Urbana, Cultura, Multiculturalidade, Reabilitação Urbana, Espaço Social, Gentrificação.



## ***Abordagens Colaborativas - borbulhas, novos, (des)encontros e cubos***

*Grupo de Trabalho Govint – Participação e Abordagens Colaborativas  
Maria João Freitas - coordenação do Grupo de trabalho no âmbito do Colab-LNEC*

### **RESUMO**

As abordagens Colaborativas e Participação são dinâmicas que assumem formas de geometria variável e processos que se desenvolvem no Tempo e envolvem muitos “tempos” e “ritmos”, tornando-se irrequietos, dinâmicos e generativos. Estes processos, desenvolvendo-se no quadro de abordagens democráticas para a configuração de “decisões”, confrontam-se, no entanto, com tensões entre “interesses individuais/corporativos” e “interesses coletivos/públicos”. Exigindo “saltos quânticos” no entendimento do acesso e/ou exercício de poderes, estas dinâmicas, ao excluírem situações de reforço de “assimetrias” entre os vários intervenientes, desafiam, amiúde, os quadros de regulação e governança instituídos, mobilizando várias arenas e dimensões de atuação nem sempre partilhadas entre todos. Com base num exercício de identificação destes (des)encontros, foi possível identificar constrangimentos e desafios para a mobilização, eficiência e eficácia dos processos colaborativos decorrentes: (i) do desencontro de expectativas e critérios de avaliação dos resultados esperados pelos seus intervenientes e do tipo de interesses e causas accionados; (ii) do grau de desconfiança/descrédito entre os vários intervenientes e da condicionalidade das suas disponibilidades e exercício de “controlo”; (iii) do grau de desconforto experienciado e de esperança de reconforto a alcançar; (iv) dos tempos e canais de promoção de participação e colaboração accionados; (v) do tipo de proximidade afectiva e de partilha de quadros de referência/sentido para a acção que são mobilizados; e do (vi) tipo de energia e materialidades identificados e/ou alcançados pelos intervenientes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Processos Colaborativos, Interesses, Decisões, Desafios

## POSTERS

<b>THEMATIC</b>	<b>POSTERS TITLE</b>	<b>AUTHORS</b>
<i>Self-organization in Planning</i>	<i>Processos de intervenção temporária: articulações entre academia e comunidades</i>	<i>Adriana Sansão Fontes/PROURB-FAU/UFRJ Aline Fernandes/PROURB-FAU/UFRJ Joy Till Ana Clara Albuquerque Cândida Zigoni Victor Motta  *DAD-PUC- Rio de Janeiro</i>
<i>Self-organization in Planning</i>	<i>Bairro da Forca-Vouga em movimento</i>	<i>Anaís Creoulo/DCSPT-UA</i>
<i>Collaborative Planning, participation, Collective Evaluation and Decisions Making Process</i>	<i>Apropiaciones y evolución de los espacios residuales provocados por el teleférico del Complejo do Alemão, Río de Janeiro (período 2014- 2016).</i>	<i>Ana Carolina Moreno/ Universidad Federal de Rio de Janeiro, Brasil Fernando Espósito* Ana Luisa Brugnara Coutinho* Amanda Senna Pettena*  *DAU, Pontificia Universidad Católica de Rio de Janeiro, Brasil</i>
<i>Collaborative Planning, participation, Collective Evaluation and Decisions Making Process</i>	<i>+Metro BH - uma linha de metrô escolhida pelo povo de Belo Horizonte</i>	<i>Matheus Oliveira/Instituto Superior Técnico Bruno Vasconcelos/DIN MIA'CET-IUL</i>
<i>Collaborative Planning, participation, Collective Evaluation and Decisions Making Process</i>	<i>The influence of formal Community participation on informal context: the case of "Complexo Cantinho do Céu" public space project in São Paulo, Brazil</i>	<i>Maria Isabel da Rocha Lima, MSc IHS, Institute of Housing and Development Studies, Erasmus University of Rotterdam</i>

## Processos de intervenção temporária: articulações entre academia e comunidades

*Adriana Sansão Fontes – Professora PROURB-FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil.*

*E-mail: adrianasansao@gmail.com*

*Joy Till – Professora DAD-PUC-Rio, Rio de Janeiro, Brasil.*

*E-mail: falecom@joytill.com.br*

*Aline Fernandes – Mestranda PROURB-FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil.*

*E-mail: aline\_mfb\_@hotmail.com*

*Ana Clara Albuquerque – Estudante FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil.*

*E-mail: anaclara.albuquerque@outlook.com*

*Cândida Zigoni – Estudante FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil.*

*E-mail: candida.zigoni@hotmail.com*

*Victor Motta – Estudante FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil.*

*E-mail: victor.f.motta@gmail.com*

### Resumo

Este trabalho foca nos métodos e processos das intervenções realizadas pelo Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático da Universidade Federal do Rio de Janeiro, LabIT-PROURB-FAU/UFRJ.

O LabIT tem como linha de ação a execução de intervenções temporárias concretas que possam ativar espaços subutilizados da cidade, contribuindo para transformações mais duradouras. As intervenções são desenvolvidas através de parcerias com instituições, associações ou ONGs, ou a partir de oficinas com estudantes das instituições envolvidas, conjugando as disciplinas da arquitetura e urbanismo, artes plásticas e design e promovendo a conexão de saberes.

Através de intervenções que atuam dentro da abordagem do Urbanismo Tático, o LabIT promove a articulação entre academia e comunidades locais, estabelecendo uma ponte muitas vezes inexistente. As áreas contextos das intervenções se configuram como locais subutilizados onde a intervenção surge para reconquistá-los para o uso coletivo compartilhado. As ações são formatadas conectando vários atores: professores, estudantes, arquitetos, ativistas, ONGs, escolas e comunidade local, estabelecendo um processo participativo “mão na massa” buscando a interação com o cidadão.

Apresentamos como casos de análise as intervenções Beco Maravilha e Park(ing) Day Rio de Janeiro. A intervenção Beco Maravilha foi resultado da I Oficina de Intervenção Temporária realizada pelo LabIT e caracterizou-se pela articulação entre três instituições de nível superior e uma escola de ensino médio, contando ainda com a colaboração de músicos locais. No sentido de construir um projeto com multiplicidade de conhecimentos, a Oficina reuniu estudantes de todas as instituições envolvidas (FAU-UFRJ, EBA-UFRJ, design e arquitetura da PUC-Rio e Escola Padre Dr. Francisco da Motta) em torno de um problema aberto: identificar um lugar para produzir uma intervenção temporária colaborativa, a ser definida a partir do pensamento do grupo interdisciplinar. A dinâmica da oficina foi um processo exploratório, mesclando aulas expositivas, reconhecimento da região, trabalhos práticos em grupo, pesquisas e construção material da intervenção. Foram aplicadas técnicas e ferramentas das abordagens de Design Thinking tais como brainstorming e mapas mentais, observação e interpretação coletiva por equipes interdisciplinares, estimulando o pensamento crítico e criativo. O processo de geração da intervenção iniciou-se, portanto, com um problema aberto, foi alimentado com conhecimento teórico e referências para gerar inspiração e levou os participantes à imersão no local, definição de oportunidades de atuação e desenvolvimento das propostas, considerando as condições efetivas para sua produção.

A experiência de construção coletiva baseou-se em ações sitespecific, mão na massa, baixo custo e baixa tecnologia, considerando responsabilidades específicas, desenvolvimento de tarefas interdependentes e grande grau de ativismo.

As intervenções Park(ing) Day Rio de Janeiro, por sua vez, buscam a cada edição a articulação entre academia (professores e estudantes de graduação e pós graduação) e atores sociais diversificados, de acordo com o tema da intervenção, podendo estes ser arquitetos, designers, ativistas e artistas, contando ainda com o apoio de ONGs e instituições culturais. O processo de geração da intervenção inicia-se com reuniões de brainstorming do grupo envolvido para definição do tema e da abordagem adequada ao momento, seguidas de sessões de desenvolvimento da ideia inicial considerando os recursos disponíveis e o reaproveitamento de materiais de edições passadas. As etapas seguintes centram-se na pré-produção da intervenção, envolvendo compras coletivas e pré-preparo dos elementos construtivos mais complexos. A intervenção, cuja montagem acontece no próprio dia, busca conectar-se aos transeuntes e estabelecer conexões entre estes e o espaço físico, sendo importantes os registros simultâneos que tratarão de eternizar as ações efêmeras. A desmontagem, que acontece no mesmo dia, também se caracteriza pela colaboração, contando inclusive com a participação dos usuários. Por meio dessas experiências, vislumbramos possibilidades de transformação do espaço através do Urbanismo Tático de pequena escala que une conhecimento técnico, ativismo, academia e comunidade local.

**PALAVRAS-CHAVE:** Urbanismo Tático, Reutilização e Reconquista do Espaço Público Subutilizado, Parcerias Universidade/Comunidade, Processos Colaborativos, Activismo Público.

# Bairro da Forca-Vouga em Movimento

Anaís Creoulo

*Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território  
Universidade de Aveiro*

## RESUMO

O trabalho desenvolvido iniciou-se com o propósito de analisar a cultura de participação existente no Município de Aveiro, de que forma este materializava o princípio da participação e quais as principais dificuldades encontradas na sua implementação. Feito o diagnóstico, do qual conclui-se que existia uma cultura política que não incentiva a participação, foi proposto um projeto-piloto que parte da sociedade civil no intuito de materializar a participação num dos seus níveis mais avançados. Apesar do foco deste projeto-piloto encontrar-se nos cidadãos, ressalva-se a defesa da coexistência duma democracia representativa como uma forte democracia participativa.

Existem inúmeros benefícios para a sociedade decorrentes da participação da comunidade na tomada de decisões coletivas, atendidas certas considerações para que seja bem-sucedida. No entanto, verificou-se que no Município de Aveiro não tem existido uma cultura ativa de participação comparativamente com outros Municípios, como o de Oeiras. Tal conclui-se, quer pela inexistência de instrumentos de participação de forma continuada, por dispor de instrumentos sobretudo voltados para a informação e consulta - estágios prévios da participação, quer pelas regras dos palcos existentes (assembleias municipais), por encontrar-se fora do discurso político (Grandes Opções do Plano e do Orçamento), quer por entrevistas a atores do poder local que revelaram possuírem um conceito de participação passivo, contrastando com o dos cidadãos entrevistados.

Face a um poder local que não assume como responsabilidade a capacitação e promoção da participação ativa, optou-se por colocar o enfoque nos cidadãos. E, considerando que as pessoas envolvem-se especialmente em assuntos que tocam de forma direta, promover a participação a uma escala local, em especial, nos locais onde as pessoas vivem e/ou trabalham afigura-se o território mais fértil. Desta forma, escolheu-se como objeto de intervenção um Bairro do Município de Aveiro: o Bairro da Forca-Vouga.

O Bairro da Forca-Vouga caracteriza-se por ser um Bairro recente, maioritariamente de moradores e onde não existem dinâmicas de associativismo. As únicas dinâmicas existentes encontravam-se associadas à realização de festas, portanto com caráter lúdico e religioso. Atualmente desconhecem-se iniciativas cívicas, quer formais quer informais, e, não existe o sentido de comunidade nem de pertença.

As associações de moradores caracterizam-se, de forma geral, por serem reativas e focadas em problemas do Bairro sem uma visão ampla de sociedade. Assim, pretende-se neste projeto resgatar e reatualizar o conceito de associações de moradores, constitucionalmente consagradas entre os art.º 263.º a 265.º, para movimentos de moradores cuja atuação ocorra a partir do Bairro, portanto, uma ação local com visão global.

Obtendo inspiração em associações de moradores progressistas e no movimento cidades em Transição, assim como outros movimentos informais existentes no território aveirense (Vivacidade, Vivó Bairro), pretende-se criar um movimento de moradores que trabalhe de forma articulada com a sociedade civil, outros bairros aveirenses (Bairro de Liceu, Bairro da Beira-Mar, Bairro Histórico, Bairro Santiago) e com o município de Aveiro através da figura dos tutores de Bairro.

Para construir este movimento, pretende-se desenvolver atividades que visam o desenvolvimento do sentido de comunidade e pertença (através de partilhas de saberes, festa de vizinhos). E, paralelamente, balancear estas atividades de promoção da identidade de Bairro com atividades que apelem a uma visão coletiva global, pelo que envolveria o intercâmbio de experiências com outras organizações, em particular da cidade de Aveiro. O Bairro é um dos diversos potenciais lugares de participação e o ativismo deve ser tanto quanto possível a partir

do Bairro e não simplesmente no Bairro, atuando assim como valores partilhados e estando ligados a outros movimentos por cordas de participação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Participação da Comunidade, Tomada de Decisões Coletivas, Movimento de Moradores, Associativismo, Capacitação e Promoção da Participação Activa, Identidade de Bairro.



# **Apropiaciones y evolución de los espacios residuales provocados por el teleférico del Complexo do Alemão, Río de Janeiro (período 2014- 2016).**

*Fernando Espósito-Galarce.*

*Dr. Arquitecto. Profesor DAU, Pontificia Universidad Católica de Río de Janeiro, Brasil.*

*fernando.espoisto@puc-rio.br*

*Ana Luisa Brugnara Coutinho.*

*Estudiante, bolsista de Iniciación Científica 2016-17 (PIBIC). DAU, Pontificia Universidad Católica de Río de Janeiro, Brasil.*

*Amanda Senna Pettena.*

*Estudiante, bolsista de iniciación Científica. 2016-17 (PIBIC). DAU, Pontificia Universidad Católica de Río de Janeiro, Brasil.*

*Ana Carolina Moreno.*

*Estudiante, bolsista de Iniciación Científica 2014-15 (PIBIC). FAU, Universidad Federal de Río de Janeiro, Brasil.*

## **RESUMEN**

El 2007 y el 2009 Brasil fue escogido como sede de dos de los más importantes mega-eventos deportivos internacionales: El Mundial de Fútbol 2014 y las Olimpiadas 2016 respectivamente. Desde ese momento fue iniciada una intensa reestructuración urbana, preparando de esta forma a la ciudad para estos eventos y llevándola necesariamente a asumir desafíos internos para responder a esas demandas externas.

La adjudicación de estos dos mega-eventos fue ampliamente celebrada, pero poco a poco este gran logro trajo una serie de cuestionamientos asociados principalmente a la gestión de la ciudad. Algunas de las intervenciones urbanas se desarrollaron en favelas usando como principal argumento la seguridad y la integración. Entre estas “áreas de interés social” que recibieron parte de esas intervenciones está el conjunto de favelas llamado Complexo do Alemão, escenario de una importante inversión pública a través de los PAC (Programas de Aceleración del Crecimiento) y el programa de las UPP (Unidades de Policía Pacificadora).

En este contexto, el caso observado en este trabajo son los espacios residuales provocados por el Teleférico implementado en este conjunto de favelas el año 2011 en respuesta a la perifización, a la deficiente infraestructura urbana y mala conectividad. El Complexo de Alemão está localizado en las proximidades del aeropuerto internacional Tom Jobim y es visible desde la autopista que lo conecta a la ciudad (Linha Vermelha). Si bien los argumentos oficiales en los que se fundamentó esta intervención fueron la movilidad y la integración, también se trató de una estrategia cuyo propósito fue elevar la percepción de seguridad que se tenía de Río de Janeiro, interviniendo en una de las favelas históricamente más violentas de la ciudad y visibilizando de paso las grandes obras desarrolladas por el estado (las estaciones son claramente visibles desde la Linha Vermelha).

Este trabajo presenta algunos de los resultados de una investigación que observó, entre el 2013 y el 2016, no solo el funcionamiento del teleférico (actualmente fuera de servicio por obras de mantenimiento de los cables de sustentación. Mantención que coincide con el fin de los juegos olímpicos 2016), sino que principalmente observa los espacios residuales originados en torno a los pilares que sostienen los cables del sistema. La metodología utilizada está conformada por la observación a los 25 pilares del sistema y sus 6 estaciones, y más específicamente comparando la evolución de algunos de los espacios mencionados entre los años 2013-2014 y 2015-2016, ubicados entre las dos últimas estaciones (Itararé y Palmeiras), donde están ubicados siete pilares, sector de la favela en que estos afectan con mayor intensidad la vida de la comunidad, por la proximidad de los mismos. Este proceso de observación se basó en visitas regulares y entrevistas en terreno, elaborando fichas de registro de cada pilar y su entorno.

El objetivo fue acompañar la evolución de estos espacios residuales, pues al observar el trazado del teleférico, se percibe que la secuencia de pilares que soporta el sistema modifica el paisaje de favela con un impacto inusitado. La instalación de cada pilar necesitó de grandes movimientos de terreno para la construcción de sus fundaciones y la creación de nuevas “calles” para dar accesibilidad a los equipos de montaje y mantenimiento. Y son esos espacios los que en algunos casos han quedado a merced del abandono, pero también de la apropiación y usos por parte de los vecinos.

De esta forma, y a pesar de los conflictos y riesgos asociados en general a un espacio residual, sobre todo en un complejo de favelas como este, en ellos existen también algunas potencialidades positivas, no planificadas y menos visibles que las políticas oficiales deberían asumir y comprender como posibilidad de una planificación alternativa, más participativa e inclusiva. Más aun cuando ese potencial nace desde dentro, con usos y apropiaciones de espacios aparentemente sin destino, que una favela, en donde los lugares de convivencia son escasos, son altamente valorados.

**PALABRAS CLAVE:** Complexo do Alemão, Espacios Residuales, Teleférico, Río de Janeiro.

# **+Metro BH - uma linha de metrô escolhida pelo povo de Belo Horizonte**

*Matheus Oliveira  
Instituto Superior Técnico  
CAPES Scholarship Program nº9227/13-0  
matheus.oliveira@tecnico.ulisboa.pt  
Bruno Vasconcelos  
c DINÂMIA'CET-IUL  
bruno.vasconcelos@iscte.pt*

## **RESUMO**

Todos os dias a cidade levanta suas bandeiras, uma avenida engarrafada reclama por novas, maiores e melhores vias; um ônibus cheio pede por melhores serviços, mais linhas e veículos. A repetição diária dessas cenas reforça e pressiona os órgãos públicos para solucionar os devidos gargalos. Mas o impacto dessas bandeiras urbanas não é igual. Se as ruas parecem mais cheias de carros que os ônibus de pessoas, outros sistemas de transportes passam despercebidos e marginalizados nessa discussão diária das cidades (Santos, 2008).

O metrô é um caso emblemático pois, embora tenha maior aceitação social que o sistema de ônibus e maior sustentabilidade que o automóvel particular, passa na maioria das vezes ao lado no debate pelo direito à cidade. No caso de Belo Horizonte, quinta maior rede metroviária do Brasil em extensão e quarta em passageiros transportados, faltam instrumentos e espaços para discutir com os órgãos públicos (CBTU/MG – Companhia Brasileira de Trens Urbanos; e SETOP - Secretaria de Estado de Transportes e Obras Públicas) a necessidade de expansão da rede, já saturada, na linha 1 inaugurada ainda 1986. Comparado com outras cidades como Salvador e Fortaleza que conseguiram desenvolver suas respectivas redes nos últimos anos, o sistema em BH não sofre alterações desde 2002 e muitos dos obstáculos para essa expansão podem ser superados pela integração da participação pública no planejamento do sistema (CNT, 2017).

Nesse sentido, +MetroBH surgiu como uma plataforma colaborativa de apoio às decisões sobre o transporte público em Belo Horizonte. Inspirado na experiência do Linie Funf (Bouchain, 2014), desenvolvida na cidade de Hamburg, a +MetroBH propõe criar um espaço para a formação de um debate público amplo, informativo e empoderador.

+MetroBH propõe um canal de participação para os cidadãos de BH, cada cidadão pode compartilhar pontos de interesse do seu dia-a-dia como um percurso de metrô. Para além de georreferenciar a posição de possíveis estações no mapa da cidade e nomear referências desse trajeto, o cidadão cria uma proposta para a expansão do metrô de BH, que poderá ser avaliada e comentada por outros usuários. Nessa parte, compreende-se que a experiência do utilizador deve estar focada no carácter individual do utilizador de forma reaproximar a participação do cidadão a futuras decisões.

### *Resultados*

A plataforma foi inaugurada no dia 22 de setembro de 2016. Até o presente momento, foram apresentadas 41 propostas de expansão para o sistema cada uma com 3 TAGs referenciais e uma descrição, 65 avaliações dos trajetos e 8 comentários. Toda a informação gerada ao nível do utilizador tem como objetivo fundamentar o desenvolvimento de um processo de tomada de decisão participativa para o sistema de metrô em BH. Nesse processo, o projeto já iniciou uma

série de debates e grupos de trabalho com os utilizadores da ferramenta para além de tentar estabelecer contacto com os órgãos responsáveis (i.e. CBTU e SETOP).

Durante a primeira fase, a disseminação junto à população foi o principal obstáculo encontrado pelo projeto. Destaca-se a importância do apoio institucional ou interesse formal do órgão de decisão (i.e. a CBTU e SETPO) como instrumento de validação da iniciativa junto aos utilizadores. No que concerne a usabilidade da plataforma, já foram detetados alguns obstáculos à participação. Nomeadamente, o processo de registro foi identificado como um dos principais gargalos para a submissão de propostas.

#### *Próximos Passos*

Na presente fase, o projeto espera sair da esfera digital e começar a promover o debate direto. Como dito anteriormente, foi iniciado um grupo de trabalhos junto aos utilizadores da plataforma. No que se refere ao apoio institucional, o projeto vem contactando os órgãos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tomada de Decisão Participativa, Plataforma de Georeferenciação, Sistema de Transportes.

# The influence of formal community participation on informal context: the case of “Complexo Cantinho do Céu” public space project in São Paulo, Brazil

Maria Isabel da Rocha Lima, MSc  
bel.lima03@gmail.com

IHS, Institute of Housing and Development Studies, Erasmus University of Rotterdam

## ABSTRACT

Over the last decades, informality has been arising constantly in developing countries urban areas. Governments tried for years to combat informal housing, but it kept on emerging, in spite of the attempts to ban it. Therefore governments' efforts shifted from “banning” into “dealing” with informality. In Complexo Cantinho do Céu context, a provided public space that was planned as a slum upgrading project in the city of São Paulo, can be identified as one of this attempts to deal with informality.

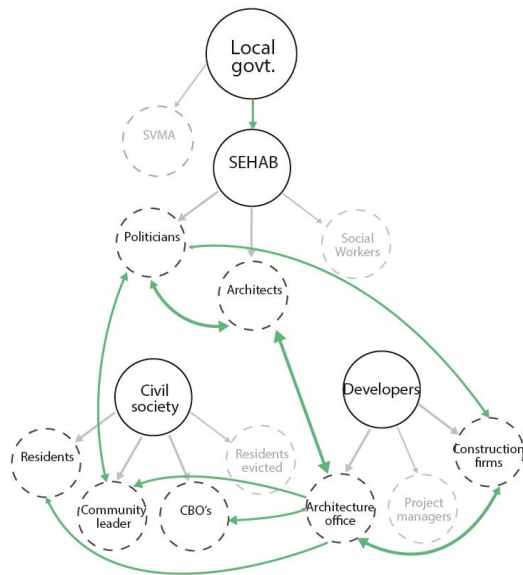
Complexo Cantinho do Céu project is located in the Billings bay waterfront and it was designed as a new mode of re-urbanization with public space, which alleged taking into account the local topography, the past uses and local community interests. However, studies state that even when the intention is to “deal” with informality, it is a superficial, since the aim is to bring the formal understanding of what is right about urban planning into a different context.

Articles conducted about this area displays the development as an architecture/ landscape mark. It is referred as a beautiful designed project which tackled environmental problems along the waterfront, besides of being mentioned as a good participative initiative, where all the stakeholders had participated actively. This type of situation, occurs in order to generate an acceptance of the favelas in the eyes of the formal. For this reason, this research aims to not merely understand and discuss about an architecture landmark acceptable towards our “formalized eyes”, but to understand how community participation happens throughout different phases of slum upgrading development projects and its influence on the outcomes of a provided public space in this informal context.

The main findings of this research encompasses how community participation and actors involvement changes throughout a development, leading to different types of participation in a single case. The different types of participation are demonstrated in the figures below, which the final result was based on the interviews conducted. It means that, participation changes accordingly to power relations contained in the formal urban planning approach. During fieldwork inhabitants often indicated that community participation was close to none in several moments.

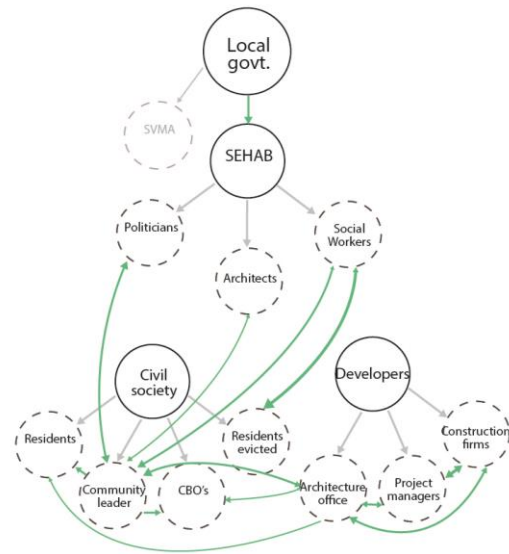
Another important finding identified was that indicators which describes a good public space, can change in informal context due to high funding requirements for maintenance and security, which are often reallocated to formal public spaces with better visibility. Since the development was designated as a park, the administration responsible for it was the Green Secretary, so the development is treated more to tackle environmental problems than social issues.

## Stakeholder mapping - planning phase



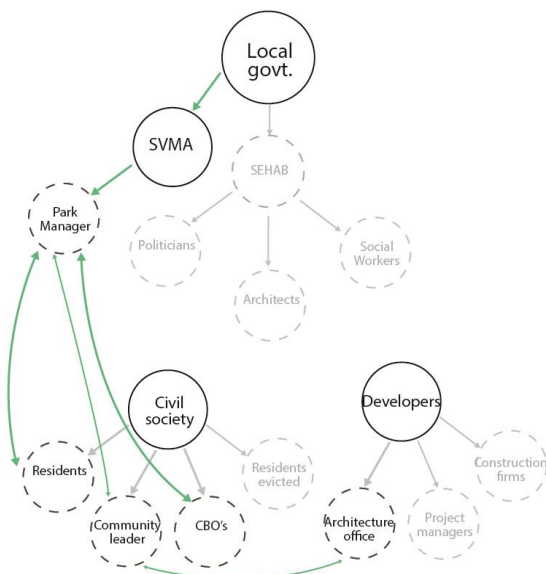
Source: developed by the author based on fieldwork information and secondary data

## Stakeholder mapping - execution phase



Source: developed by the author based on fieldwork information and secondary data

## Stakeholder mapping - post-occupation phase



Source: developed by the author based on fieldwork information and secondary data

\*The lines between the actors demonstrate their networks, the thicker the line, the better the networks. The arrows demonstrate who has more power upon who, and if there is no arrow in one side, it was a one side flow information.

The main conclusions of this research display that a formal urban planning approach in the informal context leads to structural problems in public space. Therefore, orthodox urban planning needs the flexibility to adapt to an informal context and needs to take into considerations local knowledge, which can provide insightful ideas in order to promote a more successful public space.

**KEYWORDS:** public space, formal planning, informal context, community participation.





# IV

CONFERÊNCIA  
DE PLANEAMENTO  
REGIONAL E URBANO

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO PROJECTO  
COMMUNITY PARTICIPATION IN PLANNING

## A PARTICIPAÇÃO EM PLANEAMENTO DO TERRITÓRIO E POLÍTICAS PÚBLICAS

23,24FEV´17IUA



universidade do aveiro  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM GOVERNANÇA,  
COORDENADO POR JOSÉ PEDRO SOARES



CONFERENCE WEB PAGE:

<http://www.ua.pt/conferenciapru/entrada>

CONFERENCE SOCIAL MEDIA:

<https://www.facebook.com/conferenciapru/>

CONFERENCE VIDEOS AND PRESENTATIONS:

<https://mestradopru.wordpress.com/2017/03/13/videos-e-apresentacoes-da-conferencia-sobre-participacao/>

WITH THE SUPPORT OF

